

FILIPA FONSECA SILVA

ADMIRÁVEL MUNDO VERDE



SUMA
de letras

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FILIPA FONSECA SILVA

ADMIRÁVEL MUNDO VERDE



SUMA

FILIPA FONSECA SILVA

ADMIRÁVEL MUNDO VERDE





Edição em formato digital: Agosto de 2024

ADMIRÁVEL MUNDO VERDE

© 2024, Filipa Fonseca Silva

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Edição: Diana Garrido

Revisão: C. Santos

Capa: Duarte Lázaro

978-989-583-175-3

Composição digital: M. I. Maquetación S.L.

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

Por vontade da autora, o presente livro não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

Índice

Admirável Mundo Verde

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Admirável Mundo Verde

Três anos depois

Agradecimentos

Alguns Factos e Soluções para as alterações climáticas

Nota

Sobre este livro

Sobre Filipa Fonseca Silva

Marcas

Admirável Mundo Verde

Índice

Início

Para o Hugo

PRÓLOGO

Depois de entrarem no complexo industrial, os dois homens esperaram pelo sinal escondidos atrás do contentor de entulho, onde a câmara de vigilância não conseguia filmá-los. Do outro lado da estrada, por entre as árvores que formavam uma densa mancha até ao rio, uma lanterna piscou três vezes, avisando que o alvo estava a sair do bloco de escritórios e a dirigir-se para o carro. No instante em que se sentou no lugar do condutor, um dos homens entrou pela porta de trás e tapou-lhe a boca, enquanto o segundo surgiu do lado do pendura e lhe apontou uma pistola à cabeça. Como previsto, não houve qualquer resistência. O dono da fábrica foi algemado, amordaçado, e saiu do carro obedientemente, seguindo o caminho que lhe foi indicado.

Ainda que a lua estivesse cheia, o seu reflexo não se espelhava na água como prata. Ali, qualquer brilho era absorvido por uma espuma acastanhada, opaca e quase estática, como um campo de neve suja a cobrir toda a superfície do rio. Apavorado, as mãos presas atrás das costas, o homem fitava o manto de espuma e nem reparou que aos dois raptos se tinha juntado um novo elemento, carregando umas caneleiras de pesos, como as que se usam nos ginásios. Era difícil perceber a diferença entre os três, já que todos tinham o cabelo rapado, vestiam fatos-macaco verdes e usavam botas pretas cardadas, mas a estatura do novo elemento, assim como a delicadeza com que lhe prendera as caneleiras de pesos à volta das pernas, deixava adivinhar que se tratava de uma mulher. «Anda», ordenou uma voz feminina, cravando-lhe o cano de um revólver na nuca. Não sabia como obedecer, já que, se andasse mais um metro que fosse, entraria no rio. Foi nesse instante que percebeu que aquilo não era um assalto.

Os olhos do dono da fábrica encheram-se de lágrimas de angústia e de incompreensão. Não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas, nem porque queriam matá-lo. Tentou falar, mas a mordaça impedia que os sons que soltava fossem perceptíveis. Tentou olhar para trás, suplicar pela vida, mas, ao mínimo gesto, o cano do revólver cravava-se-lhe mais contra a pele. Sabia que o rio não era muito profundo, dificilmente ficaria com a cabeça submersa, por isso, provavelmente iam estourar-lhe os miolos e deixar o corpo desaparecer na corrente. Mas porquê? Se fosse por dinheiro, teriam ficado com o relógio ou com a carteira. Talvez fosse um homicídio encomendado. Um ex-sócio? A sua mulher? As lágrimas corriam-lhe pela cara enquanto tentava gritar, esforço inútil. «Continua a andar!», gritou ela assim que se deu conta da sua hesitação. A água do rio dava-lhe agora pela cintura e a espuma aproximava-se do peito. Não ia continuar. Preferia levar um tiro na cabeça. Em desespero, tentou correr para trás, só que o peso das caneleiras fez com se enterrasse cada vez mais no fundo lodoso e deixasse de ver o que quer que fosse, como se, de um momento para o outro, tivesse sido engolido por um ser das profundezas do rio. A espuma ultrapassava a sua altura e entrava-lhe pelos olhos, pela garganta, pelo nariz, impedindo-o de respirar. Por mais que agitasse o corpo para tentar soltar-se, por mais que tentasse gritar, sabia que ia morrer.

Laura deixou-se ficar com o revólver apontado em direcção ao monte de espuma até este parar de oscilar, enquanto um dos seus companheiros acabava de cravar um símbolo numa árvore com um pequeno canivete. Quando a espuma ficou estática, ocultando por completo o corpo do homem, baixou os braços, embora o olhar permanecesse fixado no vazio. «Vamos embora», exclamou Frank, mas ela não conseguia mover-se. «Vá, toca a andar, o espectáculo acabou», insistiu ele, puxando-a pelo braço para que saísse daquele torpor. Caminhou em silêncio atrás dos dois companheiros até ao local onde tinham escondido as bicicletas. Montaram-se nelas e começaram a pedalar, as luzes apagadas, sempre junto à berma, por atalhos longe da estrada principal. Laura só queria chegar a casa. E vomitar.

Aquilo a que Laura chamava casa era um esconderijo num antigo armazém de uma quinta abandonada, base das operações há vários meses, separado em duas áreas distintas: a maior, onde se espalhavam mesas com computadores e servidores próprios, dois sofás e uma cozinha improvisada com algumas tábuas e um fogão de campismo; e uma menor, com vários beliches e um acesso à latrina exterior. A luz era parca, as paredes nuas, e sentia-se no ar um intenso cheiro a humidade.

Laura, Frank e Erik foram recebidos como heróis. Mal abriram o portão enferrujado, os vivas, os abraços de alívio e os cânticos de vitória entoados pelo resto da equipa contrastavam com o que ela sentia. Tentou sorrir, aceitou a cerveja que lhe puseram nas mãos, mas, pouco depois, desculpou-se com o cansaço e fugiu para a sua pequena cama junto à parede da camarata, onde imaginava que estavam coladas fotografias de momentos felizes e outras coisas que nunca poderia exhibir. O frio no pescoço e nas orelhas era uma novidade a que ainda não se habituara, procurando em vão os longos cabelos ruivos que já não tinha. Fitou a parede sem tinta, na esperança de que a textura do cimento afastasse a imagem da espuma a engolir o dono da fábrica. Procurava formas nas irregularidades, como se faz com as nuvens quando olhamos o céu. Formas bonitas, que a levassem para longe.

Paolo apareceu pouco depois. Chamou pelo seu nome, mas Laura não se moveu. Sabia que ela não tinha adormecido (ninguém adormece tão depressa após a primeira execução), por isso, sentou-se na beira da cama a olhá-la com ternura. «Laura», chamou de novo, baixinho, e como ela não respondia, deitou-se a seu lado, abraçando-a por trás. Ao sentir-se envolvida pelos braços de Paolo, Laura não conseguiu conter todas as lágrimas que estavam presas desde a margem do rio e começou a chorar compulsivamente. Paolo limitou-se a apertá-la com mais força e a sussurrar repetidamente ao seu ouvido, «vais ficar bem». Quando Laura não tinha mais lágrimas para soltar, ele estendeu-lhe um lenço e beijou-lhe o pescoço.

— Já tenho saudades dos teus cabelos — disse com carinho.

— Vais ter saudades por muito tempo — respondeu Laura,

sentando-se na cama para se assoar e limpar o rosto.

— Estás melhor?

— Estou. Foi só a descompressão.

— Laura, falámos sobre isto durante muito tempo. O que hoje começou não pode ser parado. Não há espaço para dúvidas, arrependimentos e, muito menos, sentimentos de culpa.

— Eu sei...

— Amanhã há outro. E depois outro, e depois outro — lembrou Paolo.

— Certo — respondeu com prontidão, como um soldado que acaba de anuir ao seu comandante.

— Nenhum de nós pode fugir um milímetro que seja do plano. Todos contamos com todos.

Ela sabia. A execução do plano era como uma coreografia ensaiada com precisão até os pés criarem bolhas. Cada passo tinha um tempo, uma sequência, um porquê. Primeiro, identificar empresários sem escrúpulos, juízes corruptos, políticos inconsequentes, e eliminá-los de forma poética, conforme o crime cometido. Depois, bombardear as redes sociais com propaganda que demonstrasse inequivocamente que as Brigadas Verdes eram a única alternativa a um governo medíocre e sem uma estratégia eficaz para atingir as metas necessárias à sobrevivência do seu povo. Um governo que tardava a encontrar resposta para os milhões de desalojados das zonas costeiras em perigo e das zonas rurais onde a água há muito não chegava. Um governo que falava em transição energética, mas que aprovava a construção de novos oleodutos. Os ataques seguintes já estavam em marcha. Cada célula sabia o que tinha de ser feito e estava disposta a tudo para o fazer.

— Podem contar comigo. Só preciso de aprender a encaixar o homicídio na lista de coisas que nunca tinha imaginado fazer...

— Não foi um homicídio.

— Sim, tenho de mudar o *chip*. Autodefesa, matar ou morrer.

— Precisamente. E quando tiveres dificuldade em fazê-lo, pensa nos teus oito mil coalas.

— Os meus oito mil coalas — lembrou Laura, sorrindo.

— Ah, agora sim, um sorriso! — exclamou Paolo, beijando-lhe os lábios. Depois, olhou-a com um misto de entusiasmo e admiração. — Conseguieste, Laura!

— Conseguimos, Paolo. Nada nos vai parar.

Beijaram-se apaixonadamente, as mãos a deslizarem pelo corpo um do outro, as línguas a percorrerem os pescoços, os fatos-macaco verdes despídos com urgência, sexo selvagem, como se fosse a última vez, agora que cada vez poderia mesmo sê-lo. Nem se preocuparam em trancar a porta. Os outros sabiam quando não entrar.

Mais tarde, sem conseguir pregar olho, fixando novamente a parede cinzenta, Laura recordou como surgira a ideia que os levara até ali. Consequia ver a sala insonorizada de um estúdio de gravação abandonado, onde decorrera mais uma reunião clandestina para preparar os ataques, a primeira para ela, a enésima para os restantes. Estavam lá o Paolo, o Frank, o Erik, mas também o Luc, a Maria, o Carlos, a Karen e o Miguel. Lembrava-se vivamente de se ter sentido alarmada quando soube que Luc fora membro da Frente de Libertação da Terra, um grupo considerado terrorista, responsável por inúmeros ataques e actos de sabotagem. Ou de ouvir Maria assumir bem alto que, pela sua experiência enquanto ex-membro das secretas, considerava que Laura não tinha perfil para o que estavam a preparar e que iria ceder assim que fosse interrogada pela primeira vez. Ou de ter achado Carlos demasiado imaturo para liderar a célula dos explosivos. Lembrava-se vivamente de ter ido à casa de banho do estúdio molhar a cara com água fria e de se ter perguntado se seria assim que os soldados se sentiam quando partiam para a guerra. Tinha de ter uma confiança cega nas pessoas que estariam ao seu lado, todavia, não as conhecia e, para algumas delas, parecia que não era bem-vinda. Como saber se cumpririam o seu papel? Como saber se todos estavam realmente dispostos a dar a vida pela causa, mas também uns pelos outros?

Lembrava-se ainda de saltar entre o orgulho de fazer parte de algo nobre e a culpa de matar alguém. Sim, várias vidas seriam ceifadas sem dó nem piedade durante a Revolução, e Laura questionava-se, então como agora, se a vida humana seria mais valiosa do que a vida

de qualquer outra espécie aniquilada diariamente devido às acções dos homens. Na altura, decidira que não. Decidira que chegava de desculpas e adiamentos, acordos e conferências onde os intervenientes falavam e falavam, mas não levavam a cabo as mudanças concretas e necessárias para a salvação de milhões de vidas. Chegava de petições, marchas, invasões de conselhos de ministros, vandalização de obras de arte, greves de fome e cadeados em fábricas. Decidira ficar com o grupo contra a hipocrisia de quem se dizia preocupado com o assunto, mas não se desviava um milímetro de um estilo de vida consumista e suicida, mesmo perante as notícias diárias de secas históricas, furacões descontrolados e incêndios selvagens, como aquele que, na Austrália, tinha dizimado oito mil coalas e outros cento e quarenta milhões de animais. Cento e quarenta milhões! Não havia outra maneira. Chegara a hora de matar os culpados, todos eles, um por um, por mais poderosos que pudessem parecer, até que se desse uma verdadeira mudança. Até que todos os governos percebessem que não havia tempo para adaptações lentas que não incomodassem os *lobbies*. A mudança era urgente. A mudança era agora. Porque a única civilização possível é aquela que vive em comunhão com a Natureza.

Ensaiei mentalmente o discurso que iria gravar dentro de dias, o qual seria divulgado em todas as emissoras de televisão, rádio e redes sociais quando chegassem à sétima execução. O objectivo era incitar o povo a marchar nas ruas, exigindo a queda imediata do governo.

(Olhos na câmara, doces, mas assertivos.) *Caros concidadãos, mais um criminoso perdeu a vida hoje devido aos seus atentados contra o nosso planeta. Um assassino que, todos os dias, desprezando os pedidos desesperados da população, arriscava a vida de todos em nome do capital. Não restam dúvidas de que foi justamente castigado.* (Pausa e gesto de prece.) *Este foi o sétimo acto de libertação das Brigadas Verdes, um movimento revolucionário pela salvação do povo e da Natureza. Muito tem sido divulgado nas redes sociais acerca da nossa origem e propósito, mas estou aqui para vos dizer que não nos move uma ideologia, religião ou interesse económico. Não somos financiados por nenhuma corporação. Somos um grupo de cidadãos em luta pela sobrevivência da nossa espécie e de todas as outras, que partilham connosco este maravilhoso planeta em*

agonia e das quais também dependemos. (Pausa e leve sorriso.) Iniciámos um caminho sem retorno, matar quem nos mata, com perfeita consciência de que é uma guerra. Uma guerra pela vida, por mais paradoxal que possa parecer. Como em qualquer guerra, sabemos que há dois lados. Hoje podem escolher o vosso. (Pausa dramática.) Quem estiver connosco, a lutar pela vida e pelo futuro de todos, nada deve temer. Estará protegido, estará do lado do bem. (Sorriso tranquilizador.) Quem nos tentar deter com o intuito de perpetuar um modo de vida insustentável, em que a ganância e a corrupção se sobrepõem a tudo, vai continuar a ser perseguido, torturado e morto sem misericórdia, até não restar nenhum de vós. Isto não é um aviso. A guerra já começou. (Olhar confiante para a câmara. Abertura de plano revelando Paolo e o Luc ao meu lado. Fim de emissão.)

Relembrar cada uma destas palavras ajudou-a, por fim, a adormecer. A angústia fora substituída por um enorme orgulho de fazer parte do lado bom da história. Sonhou que estava com Billie e Max na Casa do Lago.

Admirável Mundo Verde

Três anos depois

Quando era mais nova, a minha mãe ficava enervadíssima por me ver sempre agarrada ao *tablet*. Estava constantemente a olhar por cima do meu ombro e a criticar o que quer que fosse que eu estivesse a fazer: jogar, ver vídeos parvos ou deslizar o dedo pelas redes sociais. Dizia que a minha geração ia ser uma geração de inúteis, com sérios distúrbios de aprendizagem e pouca desenvoltura para lidar com o mundo real. Que não iríamos saber mudar uma lâmpada, desentupir um cano, fazer uma bainha ou plantar qualquer coisa que nos valesse, se um dia precisássemos de comer. Que iríamos perder a capacidade de sonhar, de conversar, de criar brincadeiras com um pau e uma pedra, como ela fazia no seu tempo. Volta e meia, dava-lhe uma fúria e tirava-me mesmo o aparelho das mãos. «Pronto, acabou-se», afirmava num tom decidido, indiferente aos meus protestos. E eu, em lágrimas, a perguntar o que queria que fizesse o dia inteiro em casa sem um *tablet*. Vivíamos num prédio, mas eu não conhecia bem os meus vizinhos, e as crianças, naquele tempo, já não brincavam na rua. Aliás, nessa altura eu não era assim tão criança. Perdera a capacidade de me deslumbrar com uma borboleta ou de me divertir a perseguir um carreiro de formigas, e, além disso, já estava demasiado crescida para trepar às árvores ou andar de baloiço. Respondia-me, então, que inventasse. Que fosse para a janela observar o mundo, contar carros, contar pessoas, ver as nuvens a desfazer-se devagarinho, como algodão doce na língua. «O mundo real está lá fora, observa-o bem», dizia. Quem me dera poder mostrar-lhe que, agora, é isso que faço a maior parte do tempo.

Amuada no quarto, conversava comigo própria. Construía diálogos com outra parte de mim, queixando-me da mãe tirana que me calhara

em sorte e da injustiça que era privar-me de falar com os meus amigos através daquela janela electrónica onde estava todo o meu mundo; aquele que me importava, não aqueloutro, chato e cinzento, dos adultos. Além disso, no meu mundo, poderia chamar alguém para mudar a lâmpada, desentupir o cano ou fazer uma bainha com um só clique, continuando a construir o meu avatar, que saltava de jogo em jogo em infinitas possibilidades. Como era demasiado preguiçosa para escrever todos os diálogos, argumentos e divagações que me ocorriam enquanto estava fechada no quarto, agarrava no diário que ela me oferecera e escrevia apenas: «Querido diário, a minha mãe é uma seca e assim que puder saio de casa para nunca mais voltar.» Deixava-o sem cadeado na mesa-de-cabeceira, na esperança de que o lesse. Não sei se alguma vez o fez.

Agora, apetecia-me ter nas mãos esse diário de capa verde e folhas perfumadas, ou outro qualquer, com ou sem cadeado, onde pudesse escrever sem me preocupar com as palavras ou em poupar cada bocadinho de papel para algo mais importante. Agora que quase não há papel...

Tenho direito a um caderno A4 por ano, o qual posso usar para escrever recados, desenhar, enviar cartas, enfim, tudo o que for estritamente necessário e que não possa ser feito de forma digital. No próximo ano, quando quiser levantar um caderno novo, devo levar o que tenho agora, provando que está todo preenchido. Nem uma folha em branco. Só então me darão outro. Desperdício zero. Privacidade zero também. É por isso que os contentores de reciclagem raramente ficam cheios. As pessoas depressa aprenderam a reutilizar cada caixa de cereais, cada saco de mercearia gasto, cada verso de cada folha, e eu não vou gastar o meu único caderno com divagações estúpidas acerca da minha solidão e das horas que passo a olhar pela janela. Prefiro usá-lo para anotar citações dos muitos livros que leio e continuar a falar comigo mesma, como aprendi a fazer naquelas tardes de tédio, naquela outra vida, deixando que as palavras se soltem e percam em diálogos imaginários e inconsequentes. Realmente, que interesse teria descrever este vazio? A mesma rua limpa e florida, as mesmas pessoas ensimesmadas, o chilrear intenso dos pássaros, o

tindo das bicicletas, os cascos dos cavalos. Sons de aldeia numa cidade. E, no entanto, ao contrário do que acontecia nas aldeias, aqui ninguém se conhece nem partilha a sua intimidade. Por detrás de cada sorriso que nos lançam, há sempre alguma desconfiança. Nas poucas oportunidades que temos de iniciar uma conversa, ninguém pergunta de onde viemos nem o que fazíamos antes. Não interessa. Foi-nos sugerido que fizéssemos tábua rasa, neste novo paradigma que estamos a criar, juntos e unidos.

Quem escolheu ficar sabe que a única coisa que importa é sermos todos cidadãos cumpridores, cada um dando o seu contributo para um mundo melhor, provando que é possível viver no século XXI com várias comodidades e tecnologias, mas nenhuma extravagância ou desperdício. À hora de estender a roupa, trocam-se dicas para branquear uma peça com bicarbonato de sódio; na fila do Armazém Comunitário, discute-se a época adequada para semear determinado legume; nas salas de espera, aprendem-se diferentes pontos de malha. As profissões artesanais são cada vez mais valorizadas: carpintaria, costura, arranjos de electrodomésticos, transformação de resíduos, jardinagem, ao passo que as industriais estão a desaparecer. Ou a «transformar-se», como eles gostam de lembrar. O lema é fazer em vez de comprar, inventar soluções ecológicas em vez de esperar que as coisas nos caiam no colo embaladas em caixas coloridas e envoltas numa fina película de plástico. Também as lojas de antiguidades e de coisas em segunda mão destronaram as das novidades constantes. As grandes marcas só podem abrir portas em versão *outlet* e a maioria já saiu do país. O mais incrível é que toda a gente está feliz com estas mudanças e, sobretudo, predisposta a ensinar os outros a fazer coisas com as mãos e a esticar cada recurso que lhes chega. Admirável mundo verde!

Sim, a generosidade entre desconhecidos tem sido surpreendente. Excepto no que diz respeito aos afectos, claro. Estou cá há seis meses e não fiz um único amigo nem me dou com ninguém. Quando alguém mete conversa comigo, invariavelmente é para perguntar o que faço. É natural. Todos procuram alargar a sua lista de recursos. Alfarrabista? Oh, que interessante, sei perfeitamente onde é a sua loja, uma loja

muito bonita, hei-de lá passar um dia destes, tenho uma pilha de livros em casa de que já não preciso, então adeusinho, prazer em conhecê-la, até um dia destes. Não se consegue ir para lá disto. Conversas de circunstância, troca de informações importantes, mas inócuas. A verdade é que qualquer pessoa pode ser uma Mosca e ninguém quer arriscar. Eu cá sei que não quero. Além disso, já me habituei a estar por minha conta. «Nenhum homem é uma ilha», escreveu John Donne no século XVII. «Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é um pedaço do continente, uma parte do todo.» Pois aqui, caro John, já não há um continente, apenas um arquipélago feito de milhões de ilhas num mar intransponível.

Regressei à cidade em Novembro passado e já não assisti às purgas. De vez em quando, aparece um Morcego para levar alguém, mas é cada vez menos frequente. Parece que nos primeiros meses a razia foi tal que não deve ter sobrado nenhum dissidente ou, se sobrou, nunca mais terá coragem para abrir a boca. Nos dias que correm, quando um Morcego aparece, é porque houve uma denúncia anónima em jeito de vingança pessoal, ou então é trabalho das Moscas. Aconteceu há uns dias aqui no prédio.

Acordei de madrugada com gritos no andar de cima. A voz de uma mulher a implorar, «por favor, não, por favor, não»; por trás, o choro de uma criança. Foram os passos fortes e sincronizados a bater no soalho que me fizeram perceber que a minha vizinha recebera a visita das Brigadas. Fiquei à escuta durante algum tempo, escondida entre os lençóis, tentando adivinhar o motivo de tal invasão a meio da noite. Seria um aviso ou iam levá-la? Às vezes, eles aparecem só para intimidar, se o crime não for grave. Por entre a escuridão, esgueirei-me até à janela e vi um Morcego estacionado do outro lado da rua. Iam levá-la, sim. Continuei à espreita até ver a mulher ser arrastada por dois homens vestidos de verde, tentando olhar para trás, para a janela por cima da minha, onde provavelmente estaria a criança a chorar nos braços do pai. As luzes azuis do Morcego acenderam-se e a sirene começou a soar, sem consideração pela hora. Eles gostam que as pessoas vejam quando alguém é levado. Serve de aviso para que se

mantenham na linha. Voltei para a cama, angustiada com a memória viva da mulher ainda nessa mesma manhã, no átrio do prédio, a acariciar a barriga enquanto abria a caixa do correio.

Não fui eu quem a denunciou, juro, mas eles vão achar que sim. Nunca irão perdoar-me. Eu, que até gostava deles. Não éramos amigos, claro, já disse que não tenho amigos por aqui, mas conversávamos sempre que nos cruzávamos nas escadas, mesmo que fosse sobre trivialidades, como faziam os vizinhos de antigamente. Chegámos a trocar receitas e dicas para sermos mais eficientes a lavar a roupa nas poucas horas em que corre água nas torneiras. Um vislumbre de normalidade. Cheguei também a ficar com a criança duas vezes, para eles saírem só os dois. Por que raio deixara ela que aquilo acontecesse? Em que momento achara que teria o bebé sem que ninguém reparasse? Não se consegue esconder uma barriga de grávida muito tempo. Planearia fugir? Como, se as fronteiras estão fechadas e os sessenta e seis quilómetros e meio de muro quase todos erguidos? Teria sido mais fácil livrar-se daquilo logo que soube, como uma boa cidadã, com todas as despesas pagas. Agora vai para a carnificina, sem anestesia, sem antibióticos. Que insensatez... Naquela madrugada, com essa imagem terrível na cabeça, não consegui pregar olho. Rebolei na cama, olhei para o relógio várias vezes e acabei por voltar para a janela, deixando-me ficar a olhar a rua mal iluminada onde não passava ninguém. Assisti ao céu a pintar-se de diversos tons de púrpura até ao despontar do primeiro raio de sol. Mais desperta do que nunca, decidi descer as escadas interiores que dão para a loja. A lei não permite que a porta abra antes das dez, mas pelo menos não estaria sozinha. As prateleiras estão bastante menos cheias do que no tempo do Sr. Joel, uma vez que as Brigadas Verdes levaram muitos dos livros que são agora proibidos, sobretudo os de Economia e Engenharia Industrial. Contudo, sobraram os meus preferidos: os romances, cujas personagens fazem as vezes dos amigos que não tenho.

Este alfarrabista e o pequeno estúdio por cima são a minha casa desde que regressei e dei com o apartamento onde vivia parcialmente destruído e ocupado por um bando de miúdos. Toquei à campainha,

mas ignoraram-me. Toquei à dos vizinhos, mas já não eram os mesmos e, nos dias que correm, não se abre facilmente a porta a um desconhecido. Após muita insistência e explicações dadas pelo intercomunicador, os miúdos lá me deixaram entrar para que visse com os meus próprios olhos que não tinha sobrado nada da minha antiga vida. Quem por lá passara antes deles tinha levado tudo o que pudera. Todas as casas, lojas, armazéns e quintais cujos donos tivessem desaparecido, foram saqueados sem pudor durante a Revolução e nas semanas que se sucederam, até a ordem ser restabelecida. Qualquer objecto podia vir a ser precioso numa troca-por-troca ou para fazer dinheiro no mercado paralelo, numa altura em que ninguém sabia muito bem o que aconteceria a seguir. Louças, roupas, brinquedos, quadros, almofadas, cortinados, talheres, bibelôs, detergentes, medicamentos, escovas de cabelo, alfinetes, canetas, tudo. Teria sido instinto de sobrevivência, medo ou histeria? Provavelmente um pouco de cada. Encontrei, ainda assim, três objectos que para aqueles miúdos eram lixo, mas que para mim eram tudo: uma caneca lascada dos Estudantes Pelo Planeta, um vasilho com uma suculenta que continuava no minúsculo parapeito da casa de banho e o saco de rede que a Laura usava para ir à praça, mas que ninguém queria, precisamente porque, entre os buracos, caíam as coisas mais miúdas. Deixei-lhes o meu cachecol em troca daquelas coisas inúteis. No chão da varanda, a fazer de cama para um cão velho e magro, muito suja e coçada, estava a manta polar na qual a Laura se enrolava quando se recusava a ligar o aquecimento.

Por momentos, vi-a saltitando pela casa para se aquecer. O apartamento não era particularmente frio, mas, em certos dias de Inverno, ficávamos a bater o dente, porque a Laura só nos deixava ligar o aquecimento quando a temperatura exterior estava abaixo dos dez graus. Nem eu nem o Max nos queixávamos. As regras haviam sido claras desde o primeiro dia. Aliás, quando cada um de nós respondeu ao anúncio que ela colocou na vitrine de recados da faculdade, já fazíamos uma pequena ideia do que nos esperava. «Activista ambiental procura almas gémeas para partilhar abrigo de forma sustentável.» Confesso que hesitei em responder. Embora, na

altura, as questões ambientais já estivessem no topo das minhas prioridades, o termo «activista ambiental» remetia-me para uma neo-hippie com rastas na cabeça, vestida com aquelas roupas largas que parecem pijamas, que não toma banho e é contra a depilação. No entanto, quando a porta se abriu para a visita ao imóvel, recebeu-me uma miúda de calças de ganga e top branco imaculado, debaixo do qual havia um sutiã, e em cujas axilas não vislumbrei um único pêlo. O cabelo estava molhado e cheirava a alfazema. A sala estava limpa e não havia pósteres de Shiva nem incenso a queimar. A Laura era toda luz e a sua casa cheirava a lar.

Fomos submetidos a uma rigorosa entrevista sobre os nossos hábitos de consumo e estilo de vida, e tivemos de assinar um contracto onde estava estipulado que podíamos ser expulsos por coisas como usar garrafas de plástico ou colocar produtos de origem animal no frigorífico. Excepto ovos. Podíamos comer ovos, desde que fossem biológicos. Eu não era vegetariana antes de me mudar para lá, mas a casa era tão boa, com um quarto para cada um, casa de banho com banheira e uma sala comum, que menti com quantos dentes tinha e saí de lá direita à biblioteca para descobrir tudo o que pudesse sobre vegetarianismo.

Todas as opções de alojamento que tinha visto até então ou eram cubículos de seis metros quadrados em casas onde havia muitos outros cubículos, ou era uma cama num beliche partilhado com um desconhecido. Em ambos os casos, apenas uma casa de banho, cujo cheiro dava náuseas e cuja base do chuveiro tinha uma camada de surro, e o usufruto de uma cozinha com azulejos outrora brancos, agora amarelos de gordura. A lista de espera para a residência universitária era infundável, e viver numa pensão estava a sugar todas as economias que os meus pais tinham feito para eu estudar na capital. Tornar-me vegetariana ou ter de andar enrolada em mantas durante o Inverno era um preço insignificante a pagar por aquele apartamento luminoso e alegre, onde a Laura e o seu sorriso também moravam. De resto, pensei eu na altura, podia comer carne fora de casa ou beber um café com leite na faculdade, às escondidas dela, coisa que fiz durante os primeiros meses.

Certo dia, acabei por encontrar o Max na fila do McDonald's. Na altura, ainda não tínhamos falado muito um com o outro. Ele instalara-se no apartamento depois de mim e, normalmente, acordava quando eu já tinha saído e regressava quando eu me estava a deitar. Ficámos os dois a olhar um para o outro, em pânico, para logo percebermos que estávamos ali pela mesma razão e que mais valia juntarmo-nos a saborear os nossos hambúrgueres, como quem fuma às escondidas dos pais. Foi o nosso primeiro encontro e o nosso primeiro segredo. Um segredo que não foi preciso guardar por muito tempo, porque, semanas depois deste episódio, chegámos a casa e a Laura estava a ver um documentário sobre a indústria da carne, de tal forma violento que nunca mais tivemos vontade de comer um animal. Hoje tenho a certeza de que não foi coincidência. Ela deve ter encontrado um recibo do dito restaurante no meio da roupa para lavar e, em vez de nos confrontar por lhe termos mentido, preferiu dar-nos a ver aquele documentário brutal, onde apareciam vacas com as tetas cobertas de sangue e de pus, vitelos a mugir de dor ao serem separados das mães e animais doentes, mantidos vivos a antibióticos para renderem um bocadinho mais. Era assim que a Laura passava as suas mensagens. Não falava, agia. Não argumentava, dava o exemplo. E, por isso, era tão fácil segui-la. Nós seguimo-la sem hesitar, durante os três anos que antecederam o seu desaparecimento.

Foi desolador olhar para as paredes do apartamento que partilhámos, testemunhas de tantas histórias, despidas de tudo aquilo que me era familiar. Saí de lágrimas nos olhos, caminhei durante horas sem destino, até dar comigo em frente ao alfarrabista, cujas montras estavam protegidas pelas grades e, por isso, intactas, ao contrário de muitas outras pelas quais havia passado. Fachadas e fachadas cravejadas de balas, edifícios e edifícios quase a ruir. Era ali que estudávamos quando a biblioteca da faculdade estava cheia, e foi ali que me escondi com o Max no dia em que começou a Revolução. Lembrei-me de que o Sr. Joel costumava esconder uma chave suplente debaixo de uma pedra nas traseiras. Saltei o muro, procurei durante mais de meia hora e, quando estava quase a desistir, convencida de que teria de dormir ali mesmo, naquele quintal, encontrei-a. Foi assim

que entrei neste santuário a que hoje chamo casa. Tenho a certeza de que, se um dia o Sr. Joel vier a saber que aqui estou, não se vai zangar comigo. Talvez até fique feliz por saber que sou eu quem está a cuidar dos seus preciosos livros.

Onde estará o Sr. Joel? Ainda na terra para onde partiu? E o Max? Fugido? Preso? Decerto morto.

Morreram milhares de pessoas naqueles dias, cujos corpos foram depois enterrados em valas comuns, como sucede numa guerra qualquer. Eu não vi nada, mas foi o que me contou a Salete quando me acolheu na sua quinta. Contou-me também que me encontrou ao seu portão, praticamente desmaiada depois de vários quilómetros a vaguear moribunda, sem esperança ou destino. Parece que estive vários dias a delirar, perante o seu vigilante cuidado, e que, quando finalmente acordei, perguntei por ele. Com calma, a Salete explicou-me que havia uma lista de desaparecidos, mortos e fugitivos, a qual podia consultar em qualquer computador, se bem que a ligação à Internet fosse muito má naquele lugar. O meu primeiro instinto foi dizer que sim, claro. Queria consultar a tal lista, o meu *e-mail*, as redes sociais, tudo! Saber o que tinha acontecido e quanto tempo passara desde que me tinham levado. Teria sido um mês? Teria sido um ano? Tudo era vago e disperso na minha memória. Mas depois lembrei-me do que o Max me dissera quando andámos escondidos naqueles primeiros dias de assombro, e como era importante não revelar a nossa identidade a ninguém. Acabei por mentir à Salete e dizer que me chamava Joana e que o Max era o meu cão que se tinha perdido. Ela fingiu acreditar e calou-me com uma canja de galinha que sabia a casa. Nunca tentei procurá-lo. Tinha medo de que, sei lá como, me localizassem e viessem buscar. Acima de tudo, tinha medo de ver o nome dele na lista fatal.

Quando recuperei as forças, perguntei à Salete se podia ficar com ela na quinta durante algum tempo, a ajudar nas colheitas de Verão como forma de agradecimento por me ter salvado. Ela aceitou, como depois aceitou muitos outros seres errantes que por ali passavam e aos quais dava sempre abrigo e uma malga de sopa sem fazer perguntas. As colheitas de Verão arrastaram-se até ao Inverno e, depois, ao novo

ano e ainda a um outro. Durante todo esse tempo, a Salete nunca perguntou o que quer que fosse sobre o meu passado e tratou-me sempre com enorme carinho. Foi como uma mãe para mim. Na verdade, foi como uma mãe para todos os que por lá passaram. Devia ter perto dos sessenta anos, roliça, de modos rudes e sem medo de nada, ao contrário de mim, que tinha medo de tudo. Ainda tenho, passado tanto tempo. Não sei se ainda estarei a ser procurada. Estou sempre à espera de que alguém entre pela loja e me leve. Pessoas do antigo regime ou do novo, que me queiram castigar por ter contado alguma coisa no tempo em que estive presa ou por algo que fiz depois, não faço ideia o quê, talvez viver sob uma identidade falsa. É tão fácil prender alguém nos dias que correm... Mas eu juro que não disse nada. Nem na altura, nem agora. O silêncio tem sido o meu mote. Se não lesse tanto, talvez até tivesse perdido o sentido das palavras...

Quando senti que era tempo de abandonar a quinta, cortei o cabelo, pus uns óculos de massa enormes que encontrei no sótão e decidi esquecer o passado. Todo o passado, menos a Salete, a quem ainda envio um postal virtual de Boas Festas. Agora sou a Joana, sobrinhaneta do Sr. Joel, que me deixou a tomar conta do alfarrabista quando fugiu para a terra durante a Revolução. J. Andrade, como consta no registo da empresa e nas contas que chegam para pagar. Ninguém faz perguntas. Sou discreta e cumpridora. A Billie, amiga da Laura e do Max, para todos os efeitos morreu e está enterrada com todos os outros mortos numa vala comum.

Os meus dias passam ligeiros entre os livros que me rodeiam. Não costumo ir à rua. Prefiro apanhar ar no quintal das traseiras, à sombra da enorme figueira que me envolve com o seu aroma adocicado. Uma vez por semana, saio para deixar no Armazém Comunitário as compotas que faço com os seus figos ou com restos de fruta que recolho na mercearia, e levantar as senhas correspondentes. Todos temos de contribuir com algo feito por nós com materiais sustentáveis ou reutilizados, caso contrário cortam-nos o acesso às preciosas senhas, que podemos usar em qualquer lugar em substituição do dinheiro. Podemos fazer algo tão simples como uma pega em crochet ou raminhos de aromáticas plantadas na varanda, não interessa o valor da matéria-prima, interessa sim o número de itens que levamos. Um frasco de compota corresponde a uma senha e há senhas extras para quem se apresenta com produtos menos comuns. A ideia por detrás desta medida é obrigar as pessoas a produzir coisas com baixo impacto ambiental que possam usar no seu dia-a-dia e, simultaneamente, abastecer a comunidade, sem que se tenha de recorrer a produções de grande escala. Aposto que esta foi uma ideia da Laura. Ela sempre fez muita da sua roupa, assim como os presentes que nos oferecia. Velas feitas com óleo usado, mantas de retalhos, saquinhos com *pot-pourri*, colares de missangas, uma aguarela. Pintava muito bem.

O dinheiro, como o conhecemos antes, ainda circula, e muitas das coisas que existiam continuam por cá. Bancos, agências de seguros, cabeleireiros, cafés. Também é possível comprar uns ténis novos, desde que sejam feitos de materiais reciclados, ou um jornal diário, se bem que apenas em versão digital. Para a maioria das pessoas, parece

que pouco mudou. Continuam a levar a sua vida para a frente, habituadas a que «eles» tomem decisões. «Eles», aquela entidade que desresponsabiliza e nos permite dormir sem o peso de ter de fazer seja o que for. «Eles», os que mandavam no antigo regime. «Eles», os que mandam no novo. Tanto faz. Ninguém se queixa, nem mesmo os que tiveram de se desfazer dos carros ou viram os seus empregos simplesmente desaparecer. Como quem trabalhava em gráficas, agora que são proibidos novos livros em papel. É por isso que a loja do Sr. Joel, que agora é minha, tem sempre clientes. Entram aqui pessoas para vender livros que encontraram por aí, e pessoas que querem comprar os últimos exemplares impressos. Já se habituaram à Joana, que responde com sorrisos sempre que pode, como se fosse também proibido desperdiçar palavras. Lançamentos de livros, só nas plataformas digitais. Não estou a par das novidades porque continuo sem querer aceder à Internet, a não ser para coisas burocráticas essenciais, mas suspeito que não sejam muitas. Quem quererá publicar sob o escrutínio do Mocho e da sua incessante busca por mensagens ocultas? Quem quererá escrever livros inócuos e unidimensionais? Dizem que ele consegue ler e bloquear *e-mails* e qualquer espécie de mensagens privadas. Tal como as pessoas, todos os dias desaparecem dezenas de contas de redes sociais sem deixar rasto. O potencial é infinito, quando toca a Inteligência Artificial. De qualquer forma, os livros novos não me fazem falta. Tenho ainda muitos dos clássicos para ler. Como disse Almada Negreiros, «não duro nem para metade de uma livraria». Mais uma frase que aponte no meu caderno.

Sou chamada à realidade pelo som de uma sirene que se aproxima. É o Morcego da noite anterior, que traz a minha vizinha de volta a casa. Vejo-a sair devagar e a porta a fechar-se com estrondo atrás de si. Parece um fantasma, pálida e hesitante, os olhos vazios cravados no chão. Conheço bem aquele olhar. O olhar de quem leva a alma quebrada, sem esperança de conseguir voltar a colá-la. Sinto um nó no estômago e, nos braços, os dedos grossos dos polícias que me arrastaram naquele dia e me atiraram para dentro da carrinha sem janelas, onde se amontoavam, amordaçados, outros jovens como eu.

É inevitável voltar a esse dia. A minha mente fá-lo constantemente,

por mais que lhe diga que o passado já não existe e que só me devo preocupar com o agora. Sim, tenho lido também vários livros sobre como lidar com um trauma, de onde retiro estas frases-feitas, as quais, normalmente, até ajudam. Porém, volta e meia, acontece alguma coisa que me transporta até àquele momento e me faz revivê-lo uma e outra vez. Hoje foi a vizinha, esquelética, a regressar a casa, os passos trémulos e o som da porta do Morcego a fechar. Bam!

Não faço ideia de quanto tempo andámos, se chegámos sequer a sair da cidade. O tempo parou naquele percurso em que o medo nos esmagava. Éramos maioritariamente jovens, se bem que também vi um homem da idade do meu pai e uma senhora que devia ter uns setenta anos. Quando as portas da carrinha se abriram, quase ceguei com a quantidade de *flashes* disparados por jornalistas ansiosos por saber se as pessoas que vinham lá dentro eram membros da organização que andava a incitar a população à revolta. Um dos polícias teve a decência de me tapar a cabeça com o seu casaco, enquanto os jornalistas gritavam: «Dá-nos um nome!» Entrámos numa esquadra e toda a gente parou para olhar, com olhares duros e reprovadores, enquanto o polícia me encaminhava para uma sala no fundo do corredor. Fechou a porta e deixou-me lá sozinha. Só então me lembrei dos outros, que vinham comigo na carrinha. Estariam também a ser levados para uma sala? Juntar-nos-iam quando o interrogatório terminasse? Não sei o que teriam feito de mal. De certeza que não eram íntimos de um dos líderes da revolta, como eu.

Olhei em volta, tão assustada que conseguia ouvir o meu próprio coração. Estava descompassado, marcando com a sua batida o medo que continuava a crescer dentro de mim. Ao meu redor, tudo era cinzento: as paredes, o tecto, as cadeiras, a mesa, o candeeiro, a luz. De tal forma que, ao olhar para as minhas mãos algemadas, estas também me pareceram cinzentas. Por momentos, foi como se toda a cor do mundo tivesse sido sugada e eu estivesse numa dimensão a preto-e-branco. Tive de olhar para dentro da blusa e ver se o sutiã que trazia ainda era cor-de-rosa, para ter a certeza de que não estava a delirar. Podia ser da fome. Nesse dia só tinha comido o resto do

pacote de batatas fritas que sobrara da noite anterior. O Sr. Joel levava-nos comida nos primeiros dias em que estivemos escondidos na sua cave, porém, naquela manhã, apenas nos apressara para a rua e fechara a loja com grades e cadeados, como se não pretendesse voltar. E não pretendia, sei-o agora.

O tempo foi passando e eu tinha a certeza de que vários dos meus direitos constitucionais estavam a ser violados. Não teria eu direito a um advogado? Não teria o direito a permanecer em silêncio? O meu conhecimento da lei era escasso e baseado nas séries americanas que fui consumindo ao longo dos anos, ainda assim, foi exactamente isso que perguntei ao homem que entrou na sala pouco depois. Um homem enorme, calvo, de rosto quadrado, que se limitou a revirar os olhos e a responder:

— Ao abrigo da lei antiterrorismo, essa coisa dos direitos é perfeitamente dispensável. Além disso, só tenho umas perguntas para te fazer. Não és suspeita de nada. Por enquanto.

— E vou estar aqui sozinha consigo? — perguntei. — Não devia estar aqui mais alguém, para garantir que não me bate ou tortura?

O homem agarrou o candeeiro que estava em cima da mesa de metal e virou a lâmpada de alta potência directamente para os meus olhos, obrigando-me a protegê-los contra o antebraço.

— Escuta aqui, ó pirralha, quem faz as perguntas sou eu, ouviste?

Assenti e, quando percebi que a lâmpada já não incidia sobre mim, abri os olhos e vi que tinha entrado uma mulher na sala. Respirei de alívio. A presença de outra mulher deu-me alguma segurança, mesmo sabendo que há mulheres que são piores do que os homens no que toca a utilizar técnicas de interrogatório agressivas. Talvez tivesse sido condicionada por ela ser pequenina e ter uns olhos grandes e amistosos.

— Billie, certo? — perguntou ela.

— Sim.

— Eu sou a inspectora Neto. E este é o inspector Garcia. Temos umas perguntas para te fazer em relação a uma amiga tua. Laura Espinosa. Estás pronta para responder?

— Sim, mas gostava de chamar o meu advogado — disse eu,

fingindo uma incomensurável autoconfiança, já que não tinha advogado nenhum.

— Lamento, Billie — continuou a inspetora —, mas não temos tempo para essas burocracias. Estamos perante questões de segurança nacional, entendes?

— OK, mas eu sei que não sou obrigada a responder a nada.

— Bom, não vamos começar já com essa atitude, pois não? — perguntou ela com um sorriso, o qual foi imediatamente substituído por um olhar gelado enquanto a mão me puxava o cabelo, fazendo com que a minha cabeça batesse com violência na mesa fria. — É que eu não tenho paciência para pirralhas insolentes. Além disso, tenho um jantar esta noite, ao qual não faço tenção de faltar, estamos entendidas?

— Sim — respondi, abafando o choro.

— Então, já chega de conversa — disse o inspetor Garcia, sentando-se à minha frente. — Vamos ao que interessa: quando é que viste a Laura pela última vez?

— Foi há mais de um ano, no dia da grande manifestação.

— Dia?

— 22 de Abril.

— E onde estavas exactamente quando a viste pela última vez?

— Em casa.

— Que casa?

— Na casa que partilhamos os três, eu, ela e o Max. Ou partilhávamos, porque desde esse dia só eu e o Max é que lá vivemos. Mas imagino que já saibam disso, certo? Olhe, desculpe, mas eu já contei esta história mil vezes à Polícia. Fui eu quem fez queixa do desaparecimento dela logo no dia seguinte. Devem ter aí nos vossos registos.

— Mas não te importas de contar outra vez, pois não? — perguntou o inspetor, aproximando do meu rosto a sua cara descomunal.

— Não... — respondi, contrariada.

— Então, vá, recapitulando — voltou a inspetora, sentando-se ao meu lado. — Foram à manifestação, organizada por vocês e por outros grupos ambientalistas, e, no final, foram direitinhos para casa.

— Sim.

— Tu, a Laura e estes indivíduos todos? — insistiu ela, mostrando-me as fotografias do Max e de quatro amigos do nosso movimento ambientalista.

— Sim. Este é o Max, que vive connosco, e estes são do grupo dos Estudantes Pelo Planeta.

— E quando chegaram a casa, o que é que fizeram?

— Ficámos por lá a celebrar com umas cervejas e a ver o telejornal, à espera de que desse a notícia da manifestação. Queríamos ver as imagens e se o tom da reportagem nos seria favorável.

— Que horas eram?

— Oito e pouco.

— E depois?

— Depois, o telejornal começou e não mencionaram sequer a manifestação. Mudámos para outros canais, mas as primeiras notícias eram as do costume: futebol, inflação, o preço da gasolina... A Laura ficou furiosa, a dizer que é sempre a mesma coisa, que ninguém dá importância à vontade do povo, que as notícias sobre o clima são sempre passadas no final do noticiário, que a sociedade anda alheada, enfim, estava mesmo chateada. E com razão. Ali estávamos nós, acabados de chegar de uma manifestação histórica, que conseguiu juntar mais de quinhentas mil pessoas, a exigir mudanças para um futuro sustentável, e o mais importante para os jornalistas continuava a ser o futebol.

— E foi aí que ela saiu de casa?

— Não. Ainda ficou por lá, a andar de um lado para o outro, até que, finalmente, deu a notícia da manifestação, e nós todos contentes, porque na televisão dá para ter melhor noção da quantidade de pessoas que aderiram. Eram milhares. A Laura estava orgulhosa. Estávamos todos! Logo a seguir, deu uma notícia sobre os incêndios na Austrália que mataram cerca de oito mil coalas e ela ficou muito perturbada. Primeiro, muito séria, a fitar o ecrã, com a respiração acelerada e as sobrancelhas a formarem um ângulo que eu nunca tinha visto; depois, levantou-se com brusquidão, disse «já chega, eles têm de morrer» e saiu porta fora.

— Eles têm de morrer? Eles, quem? — perguntou o inspetor Garcia.

— Não sei, quer dizer, ninguém levou aquilo de forma literal.

— Mas ela acabou mesmo por matar várias pessoas, não foi? — indagou a inspetora, colocando à minha frente as fotos dos cadáveres brutalmente assassinados pelas Brigadas Verdes nos últimos dias.

— Ela nunca falou em matar alguém em específico, nem nunca falou de nenhuma dessas pessoas que apareceram mortas. Ela era absolutamente contra a violência. Daí nem termos ligado nenhuma quando ela disse aquilo. Achámos que era uma maneira de falar.

— E depois, levantou-se e simplesmente saiu de casa, sem dizer nada a ninguém? — indagou o inspetor.

— Sim.

— E levava alguma mala, mochila, saco, algo que indicasse que se ia embora?

— Nada. Só o casaco. Presumo que tivesse a carteira no bolso, porque quando começámos a ficar preocupados fomos vasculhar as coisas dela e não a encontrámos, mas quer dizer, não levava nada que fizesse parecer que não ia voltar.

— E para onde é que ela foi quando saiu?

— Não faço ideia. Na altura, pensámos que tinha ido apanhar ar ou comprar alguma coisa na loja de conveniência ao fundo da rua.

— Apanhar ar?

— Sim, quer dizer, nada fazia prever que fosse desaparecer, não é? — respondi com impaciência, dadas as perguntas tolas que me faziam.

— E ninguém perguntou onde ela ia?

— Não. Ela simplesmente bateu com a porta, nem tivemos tempo de perguntar nada.

— Nem o namorado?

— Ela não tinha namorado na altura, pelo menos que eu soubesse.

— Então isto é o quê? — perguntou o inspetor, mostrando-me uma foto da Laura a beijar o Max, e outra onde passeavam de mãos dadas.

— Isso não é nada. Foi uma brincadeira numa festa. O Max gostava da Laura, mas nunca foram namorados. Ela era assim, tinha por hábito

tocar nas pessoas, andar de mãos dadas ou com o braço por cima dos nossos ombros. Era muito carinhosa com toda a gente.

— Com quem é que ela se foi encontrar, então?

— Na altura, não sabia, nem suspeitei. Agora tenho a certeza de que se foi encontrar com o Paolo.

— Ah, então, afinal também conheces o Paolo! — exclamou a inspectora, como se me tivesse apanhado em flagrante.

— Não! Só o vi uma vez, numa das reuniões do nosso grupo. Ele apareceu lá com umas teorias revolucionárias, a incitar os jovens a derrubar o sistema. Achámos aquilo completamente descabido, mais ainda sendo um homem com idade para ser nosso pai, ali no meio dos estudantes. No fim da sessão, antes de ele se ir embora, a Laura foi falar com ele e ele ofereceu-lhe o livro que trazia na mão. Depois, saiu da sala e nunca mais o vi.

— Mas a Laura sim.

— Houve uma altura em que suspeitei que sim, até cheguei a confrontá-la, mas ela sempre negou.

— Suspeitaste ou sabias muito bem? — perguntou a inspectora, num tom zangado.

— Suspeitei. Achei que ela me andava a esconder alguma coisa, mas fiquei à espera de que me contasse. Ela contava-me tudo. Achei que era uma questão de tempo até confessar.

— Onde é que eles se encontravam?

— Não faço ideia.

— Se te contava tudo, deves saber. Onde é que se encontravam? — repetiu, dando um murro na mesa.

— Ela disse-me que foi a um encontro do grupo ambientalista dele, mas que não gostou do que ouviu e que nunca mais voltou.

— Onde decorreu esse encontro? — gritou a inspectora, puxando-me os cabelos.

— Não sei! Juro que não sei! Se soubesse, tinha lá ido assim que ela desapareceu! Ando há um ano à procura dela, vou à esquadra de quinze em quinze dias, procuro notícias. Ela era como uma irmã! Conseguem imaginar como me tenho sentido? Estou zangada com ela por nos ter abandonado sem dizer nada. Nunca nos enviou uma

mensagem, uma carta, um sinal. Nada! É como se tivesse morrido. Juro!

O inspetor Garcia agarrou-me na cara com as duas mãos e falou quase em cima de mim.

— Quem mais fazia parte do grupo a que ela se juntou?

— Não sei!

— Não mintas!

— Não sei! Juro que não sei! Eu queria saber! Ela mentiu-me e abandonou-me! Será que vocês não me ouvem? — gritei com raiva.

Depois, comecei a chorar compulsivamente e os inspetores saíram. Chorei tanto que acabei por adormecer de cansaço e só acordei com a porta a ser novamente aberta com brusquidão. Dessa vez, entraram dois soldados, não os inspetores. Levaram-me para uma cela, noutro edifício, onde fiquei sentada no chão. Todos os dias, durante vários dias, fui interrogada pelo inspetor Garcia e a pela inspectora Neto, cada vez com mais violência. Houve alturas em que me interrogavam quase de hora a hora. Mostravam-me fotografias de pessoas que nunca vi, gritavam nomes que nunca ouvira antes. Luc Bênot, Karen Mitjigaard, Maria Guadalupe... No final, frustrados com a minha ignorância, começaram a bater-me. Quanto maior a violência, mais eu tinha a certeza de que não estavam nem perto de saber o paradeiro da Laura ou de qualquer elemento das ditas Brigadas Verdes. Estavam desesperados e enraivecidos por eu não ter absolutamente nada para lhes dizer. Contei-lhes tudo o que sabia, tudo. Repeti a mesma história vezes sem fim. Bem sei que era difícil que acreditassem em mim. Afinal, vivi três anos com a Laura e éramos mesmo amigas. Melhores amigas. Nós as duas e o Max. A santíssima trindade, unidos por um amor que nos tornava mais próximos do que irmãos. Por isso o seu desaparecimento doera tanto. Por isso era tão inverosímil que eu não tivesse nada que ver com as Brigadas Verdes, muito menos com aquelas mortes macabras que faziam há vários dias a abertura dos telejornais.

Levaram-me, então, numa longa viagem para uma prisão de alta segurança, onde estive fechada na mesma cela dias sem fim. Nunca saberei quantos. Não tinha janela e a luz estava propositadamente

sempre acesa, para nos confundir e torturar. Revivi todos os dias da minha vida desde aquela reunião dos Estudantes Pelo Planeta em que Laura conheceu Paolo, tentando descobrir algum pormenor que pudesse dar às autoridades para que me soltassem. Algum pormenor que me tivesse levado a confrontá-la e impedi-la de se juntar a ele. Oh, Laura, o que foste tu fazer?

Quando a Laura nos falou dos Estudantes Pelo Planeta, era evidente que já tinha pensado muito sobre o assunto. Como se estivesse apenas à espera de encontrar mais duas ou três pessoas que a ajudassem a levar a ideia avante. O próprio aluguer dos quartos tinha sido um pretexto para recrutar membros para o grupo. Não que o tivesse confessado. Não havia necessidade de fazê-lo. Ao fim de poucas semanas, percebemos que vinha de uma família com muito dinheiro e que não precisava de dividir a casa com estranhos para conseguir pagar a renda. De qualquer forma, antes de eu e o Max lhe dizermos que podia contar connosco, já ela tinha elaborado estatutos e definido acções de luta, que não passavam pelos tradicionais incentivos à reciclagem ou ao boicote a garrafas de plástico.

O objectivo era educar as pessoas, dar-lhes factos científicos e argumentos para usarem com as suas famílias, nos seus empregos, para que as coisas comesçassem realmente a mudar e todos tornassem as preocupações com o ambiente uma prioridade. O foco não eram os pequenos consumos do dia-a-dia, mas antes encontrar formas de alertar e pressionar quem tinha poder de decisão. Dar exemplos concretos às chefias, aos donos das empresas e fábricas, aos políticos e legisladores do que podiam fazer. Fossem mudanças drásticas, como colocar painéis solares no telhado de todos os edifícios, ou mudanças pequenas, como pôr bicicletas à disposição dos funcionários para usarem nas pequenas deslocações. Era um movimento que nascia com o propósito claro de crescer para fora da Universidade. Ia começar como uma greve estudantil às sextas-feiras, apoiando o movimento Fridays For Future da menina sueca que todos admiravam, mas com vista a parar todo o *campus*, depois toda a cidade e, quem sabe, com o

tempo, o país inteiro. E aí, já não haveria volta a dar, os decisores teriam de agir, as leis teriam de sair, a mudança iria acontecer.

Claro que tudo isto era muito mais convincente quando dito pela Laura. Os seus olhos brilhavam como se estivesse a ser possuída por uma força maior. A sua voz era firme e fazia-se ouvir em toda a sala, fosse a minúscula sala de alunos do piso -1 da faculdade, fosse o salão nobre. Os seus gestos eram teatrais, e os exemplos que usava eram tão simples que tudo se tornava óbvio depois de pronunciado pelos seus lábios. Todas as sextas-feiras tinha um discurso novo, ideias novas, dados novos para apresentar. Todo o seu tempo livre era dedicado à investigação, porque não suportava ser apanhada em falso com alguma estatística que um negacionista apresentasse. Tinha argumentos para todos eles. O Max ficava com ela pela noite dentro a investigar, a ler relatórios e artigos científicos. Eu coordenava o material para as greves. Cartazes, faixas, máscaras de gás, pinturas faciais. Mobilizei o Departamento de Artes Plásticas para fazer esculturas e instalações que funcionavam como ponto de encontro da greve, e o Departamento de Dança para fazer coreografias que chamavam a atenção de quem passava e os impelia a sentarem-se ao nosso lado nas escadarias da porta principal.

No início do segundo semestre, os Estudantes Pelo Planeta já contavam com vinte e oito membros permanentes e milhares de simpatizantes que se juntavam todas as sextas-feiras, ocupando a Universidade inteira. A polícia não se dava ao trabalho de andar atrás de nós à procura de autorizações. Deixavam-nos ali estar, mesmo quando invadíamos a via pública. A maioria dos condutores que eram apanhados no meio daquilo não se mostravam chateados. Alguns aplaudiam-nos e incentivavam-nos, por vezes envergonhados por estarem a fazê-lo dentro de um veículo poluente. Eram sinais de que o movimento estava a resultar. Ou, pelo menos, de que as pessoas estavam cada vez mais conscientes da importância da nossa causa e da honestidade dos nossos argumentos. Foi por isso que, a dada altura, decidimos que as reuniões dos Estudantes Pelo Planeta deviam ser abertas ao público. Percebemos que, para além de docentes e pessoal administrativo da Universidade, havia muitas pessoas que queriam

participar no movimento, ainda que não pertencessem ao mundo acadêmico. Pessoas das mais diversas áreas da sociedade. As reuniões eram o espaço ideal para passar as nossas ideias e ouvir as preocupações de quem vivia o movimento de fora. Quantas mais pessoas conseguíssemos convencer, melhor. Queríamos organizar uma marcha nacional com milhares de pessoas nas ruas das principais cidades, e acabámos por conseguir. Paralisar o país num dia da semana. Não havia limites para a nossa ambição.

Numa dessas reuniões, a Laura brilhava no seu discurso. Também ajudava envergar um vestido de lã verde-claro, que fazia sobressair o ruivo dos seus cabelos. Ela não era particularmente bonita ou curvilínea ou sensual, mas sempre que a observava, o meu olhar ficava retido nela, e eu, maravilhada. Parece estranho e obsessivo, mas havia na Laura qualquer coisa que me fazia querer protegê-la, abraçá-la, guardá-la só para mim. Cheguei a pensar que me estava a apaixonar por ela, o que foi muito perturbador porque nunca tinha tido esse tipo de sentimentos por uma mulher e estava perfeitamente convencida da minha heterossexualidade. Desabafei com o Max sobre isso e ele confessou-me que sentia o mesmo, o que não ajudou, porque ele é homem, o que tornava qualquer sentimento para com ela, por mais estranho que parecesse, perfeitamente normal. Além disso, ele estava mesmo apaixonado por ela. Finalmente percebi que o que eu nutria pela Laura era admiração, do género que as meninas pequenas têm por uma irmã ou prima muito mais velha. Aquele fascínio e desejo de ser igual a ela quando crescesse.

O auditório estava cheio e todos ouviam atentamente o que Laura tinha para dizer. Estava empolgada, as faces ligeiramente enrubescidas, a voz firme e hipnotizante. O discurso acabava com uma citação da Greta Thunberg, mote para a mobilização de todos para a grande manifestação que estávamos a planear para o próximo Dia Mundial da Terra, dali a dois meses. «A esperança não vem dos governos ou das empresas. Vem do povo. O povo está pronto para a mudança. Podemos começar a mudança agora. Nós, o povo.» O público aplaudiu efusivamente, ouviram-se gritos e cânticos, como no futebol, e quando tudo acalmou, um homem bem mais velho do que

nós pediu a palavra. Com um sotaque italiano, apresentou-se como Paolo, engenheiro do ambiente. Sem demoras e com enorme eloquência começou a questionar muito do que tinha sido dito.

— Desculpem perguntar, mas vocês acreditam mesmo que a nossa sociedade vai sofrer uma transformação voluntária para um modo de vida mais sustentável? Que por haver uma grande maioria de pessoas nas ruas a mostrar uns cartazes, os que têm poder de decisão vão parar voluntariamente de destruir os recursos naturais, de eliminar povos indígenas, de explorar os pobres e matar quem ousa lutar contra eles? Claro que não! O próprio Ghandi disse que o mundo tem o suficiente para as necessidades de todos, mas não o suficiente para a ganância de todos. É esse o problema. A ganância. E a impunidade de quem, sofregamente, se alimenta dela. Tem de haver uma mudança radical de paradigma. E, para tal, é preciso uma mudança na estratégia de quem luta pelo ambiente. Uma mudança de táticas.

— Desculpa, Paolo — interrompeu Laura —, mas qual a estratégia se não for educar e convencer a maioria?

— Acabar com a economia industrial! É este modelo económico que está a contaminar a nossa água, a dizimar as nossas florestas, a escravizar os nossos povos. Sabiam que apenas 15% da energia produzida no mundo é para consumo das pessoas? E que só 3% de todo o lixo do mundo é produzido pelos cidadãos comuns? Aham mesmo que é por reciclarem as garrafas de detergente que vão parar o aquecimento global?

— Mas somos nós, o povo, quem pode eleger os políticos que legislam sobre a indústria e quem pode criar líderes e empresários que provoquem a mudança.

— Não há tempo para isso! Não percebem? A única opção é acabar com o estilo de vida consumista e egoísta que nos ensinaram a ter. Derrubar quem manda. Derrubar governos. Derrubar o sistema.

— Há maneiras democráticas de mudar o sistema.

— Não, não há. A única maneira é fazer uma revolução. Com sangue, se for preciso.

A plateia começou a dividir-se entre aplausos e apupos. É fácil prender a atenção de uma maioria de jovens acabados de sair da

adolescência com palavras como «derrubar o sistema» e «revolução». A Laura teve de intervir para acalmar os ânimos e voltar a colocar o foco na organização da manifestação, frisando que o nosso movimento era pacifista e democrático. No entanto, quando a reunião terminou e Paolo se levantou para abandonar o auditório, ela foi atrás dele com um semblante fechado e um passo decidido. Inicialmente, pareceu-me que estava a atirar-lhe o discurso do somos contra a violência, blá-blá-blá, mas a conversa foi-se prolongando, e os sorrisos foram surgindo e ficando cada vez maiores. No fim, ele ofereceu-lhe o livro que tinha na mão e piscou-lhe o olho, desaparecendo depois por entre a multidão que abandonava o auditório.

Laura ficou especada com um sorriso meio parvo, claramente embevecida pelo charme italiano. Passou o resto da noite agarrada ao livro, cujo título era *Endgame*, petiscando cereais directamente do frasco em vez de jantar connosco à mesa. De vez em quando, endireitava-se na poltrona e lia-nos em voz alta algumas passagens que a tinham entusiasmado. Coisas como «nesta cultura, a riqueza é medida pela capacidade que cada um tem de consumir e destruir» ou «as necessidades do mundo natural são mais importantes do que as necessidades do sistema económico». A ecofilosofia não nos era estranha. Desde que morávamos com ela, quer eu, quer Max tínhamos lido diversas obras do género, de Thoreau a Naess, contudo, à medida que os dias passavam, a Laura parecia mais deslumbrada com as ideias daquele livro, de um tal Derrick Jensen, e parecia querer transformar os Estudantes Pelo Planeta num grupo de acção mais radical, chegando a sugerir actos de sabotagem a fábricas e afins. Inicialmente, achámos que era uma fase. Depois, tivemos de ameaçar sair do grupo caso insistisse naqueles disparates. Se estávamos a lutar por um mundo melhor, não havia espaço para actos de violência. Além disso, nenhum de nós queria ser condenado por esse tipo de crimes. Eram crimes a sério, lembrei-lhe. Não era o tipo de coisa que a polícia deixasse passar só porque éramos jovens cheios de sonhos. Exemplos não faltavam de membros de grupos mais radicais que tinham sido presos e condenados por terrorismo. Não era uma brincadeira. A Laura ouvia-nos e assentia, mas, no fundo, eu desconfiava que, por dentro,

estava a chamar-nos idiotas e a conspirar sozinha.

Foi então que comecei a suspeitar de que ela se encontrava às escondidas com Paolo. Cheguei a confrontá-la, sobretudo porque senti que os encontros que tinha com ele não eram apenas para debater formas de luta. Andava mais sorridente e tinha muito mais cuidado com o que vestia, sinais suficientes para eu saber que andava a ter sexo. Noutra altura qualquer, sorrir-lhe-ia e perguntar-lhe-ia quem era o rapaz. Ela suspiraria, aliviada por poder falar do assunto sem ter de ser ela a puxá-lo, e, a partir daí, descreveria a pessoa, o acto, tudo, até eu lhe pedir para se calar ou o Max nos apanhar e revirar os olhos atirando um «não me digam que estão outra vez a falar de sexo». A Laura nunca me escondeu os seus casos, mesmo os mais fortuitos. Entre nós não havia segredos.

Pensava eu.

Se a minha suspeita em relação a Paolo tivesse acontecido mais cedo, talvez tivesse comentado com o Max. Ou talvez não... Na altura, o Max estava preparado para ouvir falar dos casos fugazes da Laura, e, por vezes, até intervinha na conversa, partilhando a sua visão masculina sobre o assunto, mas ficaria de coração partido se percebesse que o caso com o italiano era sério a ponto de ela ter vergonha de nos contar. De qualquer forma, como já referi e repeti até à exaustão nos sucessivos interrogatórios a que fui submetida, a Laura negou tudo quando a confrontei. Garantiu-me que vira Paolo apenas uma vez depois daquele dia no anfiteatro. Que fora com ele à tal reunião de um outro grupo mais radical, mas que não gostara da *vibe* (palavras dela) e nunca mais voltara. Confessou que ele ainda insistira duas vezes para se voltarem a encontrar, mas que ela nunca aceitara e ele acabara por desistir. Eu, feita parva, acreditei. E continuei a acreditar, ou a querer acreditar, durante muito tempo, mesmo quando a via a sorrir para o telemóvel, mesmo quando lhe perguntava onde tinha estado e ela corava da cabeça aos pés.

Queria tanto ter-lhe feito mais perguntas. Queria tanto saber onde era o ponto de encontro do grupo de Paolo, ou até mesmo ter ido lá com ela. Tivesse eu percebido que ela se estava a apaixonar por ele, mas principalmente pelas ideias dele, em vez de achar que estava

apenas fascinada por namoriscar um homem muito mais velho. Tivesse eu levado a sério as coisas que ela me dizia e que agora, à luz do que estamos a viver, parecem tão, mas tão óbvias. Paolo lançou a semente que a Laura já estava pronta para plantar. Aliás, estava desejosa de que alguém a desafiasse para ir mais longe na luta, coisa que nem eu nem o Max estávamos dispostos a fazer. Será que, se tivesse reparado em tudo isto na altura, teria conseguido demovê-la? Será que poderia ter evitado que chegássemos até aqui? Provavelmente não. Mas então, porque é que me sinto esmagada por esta culpa? Porque temo que descubram que eu sou a Billie e me queiram castigar por não ter impedido a Laura a tempo? Bastava uma denúncia anónima aos serviços secretos. Bastava ter estado mais atenta. Sem a Laura não haveria Brigadas Verdes. Laura e a sua presença, Laura e a sua vontade, Laura e o seu dinheiro infinito. O Paolo sabia muito bem o que estava a fazer quando a foi recrutar.

O que fui eu fazer? É a pergunta que nunca me abandona, sobretudo agora que ouço os gritos dos prisioneiros constantemente torturados. Olho por olho, dente por dente, o lema do início deste nosso movimento, que o Paolo teima em não abandonar. «Qual é a necessidade?», perguntei-lhe vezes sem conta. Não bastará a privação da liberdade, a comida escassa, as celas sujas? Não chegam todas as mortes que carregamos nos ombros desde os dias da Revolução? Ele acha que não. Que todos os prisioneiros têm de ser castigados, quebrados a ponto de não se atreverem sequer a pensar em incumprir qualquer regra. «Porque não matá-los de uma vez, então? Acabar com o sofrimento e com a possibilidade de um dia revelarem o que passa dentro destas paredes?» insistia eu. E ele sorria e dizia que não me preocupasse, que isto era apenas uma fase até o nosso trabalho estar feito. Um mal temporário, uma insignificância no panorama geral das coisas. E eu engolia as minhas dúvidas, porque sonhava com esse bem maior: salvar a humanidade de si própria e construir um novo paradigma sustentável. Ainda sonho.

Não me lembro bem quando despertou a minha consciência ambiental. Talvez tenha sido com a Irmã Vera, a única professora que nos dava colo e parecia compreender que andávamos sempre com o coração apertado de saudades, contando os dias para voltar a casa. A única que não me mandava engolir as lágrimas naqueles primeiros tempos de regresso ao colégio, após a morte da minha mãe, e que me deixava falar com o fantasma dela, o qual, dizia eu, vivia escondido dentro do seu retrato. Guardou-me debaixo da sua asa e arranjava sempre desculpas para me ter ao seu lado na estufa e no jardim. Foi ela que me ensinou a importância dos solos no equilíbrio dos ecossistemas, a riqueza inestimável que existe na compostagem e que nada se perde, tudo se transforma. «É na terra que

está a salvação.» A Irmã Vera, que me ensinou que não era preciso deixar de comer para não matar animais. Bastava seguir uma dieta vegana. E eu, nas férias, voltava para casa cheia de ideias, obrigando os empregados a separarem o lixo e a usarem vinagre e bicarbonato em vez dos detergentes habituais; fazendo pasta de papel com os jornais que o meu pai já tinha lido; plantando flores nas varandas do enorme apartamento, para que servissem de alimento às abelhas. Talvez por isso não tenha descansado até encontrar a chave do portão da Casa do Lago. Gostava de me demorar por lá, não apenas para não perder as ténues memórias que ainda tinha da minha mãe, mas para estar completamente imersa na natureza, rodeada de verde, de seiva, de terra.

Só que, à medida que fui crescendo e dando conta do que estava a acontecer ao planeta, adoeci. Sentia cada crime ambiental relatado nas notícias como se me fosse infligido. Ardia em febre ao ver imagens de incêndios florestais, tinha falta de ar ao ver ilhas de plástico nos oceanos, morria de sede só de ouvir falar das secas severas. Tinha pesadelos frequentes e estava a entrar num estado de depressão. Para quê estudar, se vamos todos morrer? Para quê fazer planos ou projectar o futuro, interrogava-me. Durante este período, se as notas desciam, o meu pai punha-me de castigo, ignorando que não sair do quarto era tudo o que eu mais queria. Se se mantinham boas, enchia-me o quarto com peluches enormes e roupas caras, coisas inertes e inúteis, que jamais atenuariam a minha angústia e o meu vazio.

Noutras alturas, entrava em estados de raiva incontrolável, atirando objectos contra a televisão, desfazendo o jornal do meu pai em pedacinhos, insultando os vizinhos que não separavam o lixo. Foi então que ele, temendo que eu tivesse herdado da minha mãe a capacidade de autodestruição, me obrigou a ir a uma psicóloga, a qual me diagnosticou ecoansiedade e me ensinou a procurar os pequenos gestos que podiam baixar o meu impacto ambiental e a descobrir as pequenas histórias de pessoas que criavam soluções para o planeta. Focar-me nas soluções, não nos problemas. Resultou. Aprendi a controlar a raiva e comecei a acreditar que também eu poderia, um dia, ser uma dessas pessoas boas que fica para a História como inspiração para os outros. Comecei a fazer voluntariado, doei mesadas a empresas de novas tecnologias, dei inúmeras palestras na

minha escola, no advento daquilo que seria os Estudantes Pelo Planeta. E comecei a recusar embarcar no jacto do meu pai, preferindo passar as férias fechada entre quatro paredes. Foram deliciosos, esses breves anos de inocência e idealismo.

Até que o Paolo apareceu e reabriu todas as minhas antigas feridas. Foi fácil, visto que elas mal tinham sarado. Inundou-me com dados e projecções assustadoras. Ciência climática inquestionável. Fez-me sentir patética por acreditar que poderia mudar alguma coisa com as minhas marchas pelo clima e acções de sensibilização. Fez-me sentir uma fraude. «A única opção é acabar com a economia industrial. A única salvação é derrubar o sistema.» E aqueles olhos azuis cheios de vida, e de entusiasmo, e de certezas. Aqueles olhos azuis, onde me perdia durante horas e onde só havia coisas bonitas e sonhos de um mundo mais justo, onde cada um só tem aquilo de que precisa e as comunidades são auto-suficientes. Aqueles olhos azuis que agora são gelo inquebrável onde eu já não consigo penetrar.

Quando se terá dado essa transformação? O mar não se transforma em gelo de um dia para o outro. Onde estive durante a sua metamorfose? Será que fui eu que a provoquei, ao embarcar nesta aventura? Ao aceitar ceifar vidas de forma violenta, mesmo que fossem as vidas de criminosos ambientais? Provavelmente. Daí esta culpa que não me larga e que se veste de um recorrente pesadelo, que me faz acordar encharcada em suor. Frank e Erik a levarem o dono da fábrica para a margem do rio. Eu a prender as caneleiras nas pernas dele e a apontar-lhe a arma à cabeça. Ele a suplicar pela vida, até se voltar e revelar o rosto: às vezes é o da Billie, outras vezes é o do Max, outras ainda é o meu. Tento acordar, mas nunca consigo, e tenho de reviver o momento em que a espuma os engole, me engole, nos engole.

Branco-sujo.

Branco-morte.

A noite regressou finalmente e, com ela, o silêncio, meu lugar preferido. Se bem que hoje o dia de trabalho até tenha sido bastante calmo. Tive quatro clientes no total. Às sete em ponto, todo o comércio tem de fechar, e às dez da noite inicia-se o recolher obrigatório. Entre a meia-noite e as sete da manhã é mesmo proibido usar electricidade, excepto em hospitais e outros serviços essenciais ou de emergência. Todos os equipamentos electrónicos têm de estar desligados, do carregador do telemóvel à televisão, com excepção dos frigoríficos, que podem continuar a trabalhar. Toda a rede eléctrica foi dotada de um *software* que permite detectar qualquer uso abusivo, e o preço de tentar contorná-lo é demasiado elevado. Assim, voltámos ao uso de velas e lamparinas, o que dá às ruas pouco iluminadas um ambiente medieval.

A única coisa boa desta medida, além do silêncio que tanto aprecio, é permitir ver as estrelas, mesmo a partir do centro da cidade. De quando em vez, o céu é recortado com as luzes dos holofotes de vigilância ou dos faróis de um carro-patrolha. Sem ruídos de motores, de máquinas, dos estridentes programas de televisão, ouvem-se os animais nocturnos: as corujas, os morcegos, os grilos, os sapos, os gatos e outros pequenos mamíferos que vão circulando livres pelas ruas quase desertas. Em algumas cidades e vilas, dizem que já se avistam raposas, cavalos selvagens e até lobos, seduzidos pela calma e a ausência de predadores. Costumo adormecer a identificar cada um deles, como aprendi a fazer na quinta da Salete quando as insónias me visitavam, algo que, ao início, era quase sempre. Assim que fechava os olhos, vinham-me à memória as bofetadas, os pontapés, o sabor metálico do sangue na boca, os gritos vindos de outras celas, o medo

que sentia sempre que ouvia os passos dos guardas a aproximar-se, sem saber se me iam levar outra vez para alguma sala de interrogatório ou se vinham apenas deixar a única refeição a que tinha direito. De vez em quando, parecia-me que havia helicópteros a passarem mesmo por cima do edifício, e se estivesse muito atenta, pese embora a grossura das paredes, conseguia ouvir, muito ao longe, explosões. Foi assim durante vários dias e várias noites, até que tudo ficou em silêncio.

Estava a dormir e acordei sobressaltada com a ausência de ruído. Pensei que tinha enlouquecido, perdido a audição, qualquer coisa que justificasse aquele silêncio atroz. Abri os olhos, mas tudo continuava escuro, como se estes permanecessem fechados. Entrei em pânico. Pestanejei várias vezes. Pensei que estava a sofrer as sequelas dos espancamentos. Bati as palmas duas vezes e percebi que surda não estava. Depois, gritei e ouvi gritos de outras celas também. Levantei-me com as pernas a tremer e encostei-me à porta, que se abriu como se nunca tivesse estado trancada. O sistema era eléctrico e, claramente, tinha havido um corte geral de energia. No corredor, a escuridão circundava os vários presos, que, como eu, tinham saído das celas. Andavam para trás e para a frente, sem saberem se avançavam em busca de uma saída ou se deveriam permanecer por ali. Podia ser uma cilada. Finalmente, alguém teve a coragem de abrir a porta de saída da nossa ala e todos seguimos a luz que nos levou ao átrio central. Deparámos com uma prisão sem guardas, sem sistema de vigilância, sem ninguém para além de nós, os presos, homens e mulheres, jovens e velhos, todos misturados.

Algumas pessoas, surpreendidas pela inesperada situação, começaram a gritar e a cantar de alegria; outras pegaram em cadeiras e vassouras e começaram a destruir tudo à sua volta; outras, ainda, dirigiram-se à cozinha, onde saquearam todos os alimentos que conseguiram, como primatas esfomeados, os olhos brilhantes de raiva, as mãos como garras a segurar o seu quinhão. Um homem encontrou uma arma e começou a disparar para o tecto. Queria instaurar a ordem, garantindo que todos ficariam com alguma coisa para sossegar os estômagos há muito vazios, mas depressa foi atirado ao chão por

outros homens que precisavam de libertar as humilhações a que tinham sido sujeitos durante todo o tempo em que estiveram encarcerados, talvez semanas, talvez anos. Foi espancado sem piedade, até o seu rosto se transformar numa papa. Os outros ficaram com a comida.

Nesta altura, as mulheres começaram a sentir-se demasiado expostas aos instintos primários dos machos e esconderam-se onde puderam. Senti uma mão puxar-me para dentro de um armário, firme, mas delicada, um «shhh» murmurado ao meu ouvido, um peito feminino recebendo o meu rosto. Abracei-a como se a conhecesse e ali ficámos não sei quanto tempo, acho que muito, numa intimidade estranha, até os ânimos se acalmarem e sentirmos que era seguro sair. Ela correu para o exterior, eu não fui capaz. Estava descalça e demasiado fraca. Deixei-me ficar para trás, tentando ignorar os corpos e os gemidos espalhados pelo chão.

Horas depois, a prisão estava quase vazia. Os prisioneiros avançavam pela estrada sem rumo certo, como formigas desorientadas quando se inunda um formigueiro, mas eu continuava sem ser capaz de me aventurar. Deambulei cautelosamente pela prisão, com o intuito de encontrar objectos que me pudessem ser úteis numa caminhada, sabia lá eu para onde. Consegui encontrar os vestiários dos guardas, onde descobri umas botas, um casaco e um bastão. Numa mesa estava um copo de café com uma fina película de gordura formada à superfície e meio queque já ressequido, provavelmente do dia anterior, o que me levou a pensar que os guardas também tinham saído a correr. Enfiei tudo na boca com avidez. As migalhas do queque a desfazerem-se na minha saliva, o café gelado a empurrar o bolo pela garganta. Já não me lembrava a que sabia um café. Quando teria sido a última vez que bebera um? Lavei a cara no pequeno lavatório e, quando percebi que havia sabonete líquido no doseador, quase que tomei um banho ali mesmo. O sabonete cheirava a mel e flores, tão diferente do sabão azul e branco que tínhamos nas nossas celas. Meti a cabeça debaixo da torneira para sentir a água fria na nuca a ensopar-me o cabelo, e depois bebi toda a água que consegui, até ficar com a barriga dilatada. Tinha tanta sede que, se pudesse e o meu estômago

aguentasse, teria ficado horas a beber. Mas não podia perder mais tempo. Não me sentia segura naquele lugar. Atrevi-me, então, a atravessar o portão principal rumo à liberdade.

A prisão ficava num monte árido e deserto a vários quilómetros de qualquer povoação. Olhei em volta à procura de um ponto de referência. Não sabia onde estava nem para onde me dirigir. Deveria voltar para a cidade à procura do Max? Ou seria melhor procurar a casa dos meus pais? E para que lado ficava a cidade? Não fazia ideia do que pudesse ter acontecido nem por que razão não se avistavam guardas, polícia ou viaturas de qualquer espécie. Parecia um cenário apocalíptico: uma prisão vazia, o sol demasiado quente, caminhos de terra sem vegetação, prisioneiros errantes a descerem cada encosta como zombies acabados de sair debaixo da terra. Fui caminhando devagar, ora ultrapassando, ora sendo ultrapassada pelos outros. Ninguém falava com ninguém. Ao fim de um bom bocado, já perto daquilo que parecia uma estrada principal, perguntei a uma mulher que ia à minha frente se sabia para onde caminhávamos, mas ela disse que não. Queria apenas chegar àquela estrada, que certamente iria dar a algum lado, e eu continuei a caminhar atrás dela. Horas depois, engolindo o pó do caminho, concentrando toda a minha vontade em continuar a mover as pernas, vislumbrei alguns telhados e aquilo que parecia ser uma pequena aldeia abandonada. À medida que nos aproximámos, porém, percebi que estava cheia de gente, aldeãos assustados que se esconderam dentro das suas casas assim que viram hordas de prisioneiros a descer a encosta. Conseguia sentir os seus olhares atrás das cortinas, o pulsar dos seus corações, agitados como o fumo ténue que saía de algumas chaminés.

A rua principal tinha um café, uma farmácia e um banco, todos com as grades corridas até ao chão. Mais adiante havia uma igreja cujas pesadas portas estavam fechadas. Numa rua à direita, vimos um letreiro a sobressair de uma fachada, no qual se lia «Talho». A montra, vista de onde estávamos, aparentava não ter grade, pelo que corremos para lá. A fome cega e a fraqueza atordoante fizeram-me esquecer que em tempos tinha sido vegetariana e, a cada passo que dava, mais a

saliva crescia dentro da minha boca. Estava capaz de comer qualquer coisa, fosse o que fosse, mesmo um pedaço de carne cru e ensanguentado. Até que chegámos à porta. A montra do talho estava bem aberta, sim, mas sem o vidro, que jazia estilhaçado no chão. Pendurado num gancho onde outrora estiveram pedaços de animais, o corpo do talhante a sangrar. Estava coberto de moscas. O cheiro era nauseabundo, a putrefacção, evidente, acentuada pelo calor intenso. Senti a cabeça a andar à roda e não contive o vômito. «A carne mata», lia-se num pequeno cartaz pendurado no avental da vítima. O símbolo das Brigadas Verdes como um selo no final da mensagem.

Um dos prisioneiros que ia mais adiante começou, então, a bater a todas as portas. Ninguém abriu. Depois, desesperado, pôs-se a gritar no meio da rua que tinha fome e que não ia sair dali enquanto não lhe dessem alguma coisa para comer. Tornou-se violento, a atirar pedras às janelas, a dar pontapés nas portas cerradas com o intuito de as arrombar. Até que uma bala lhe atravessou o peito. Não percebi de onde saiu, apenas me atirei para o chão com o estrondo seco do tiro, que ficou a ecoar pela rua. Instintivamente, comecei a rastejar até à estrada de onde tínhamos vindo, depois a gatinhar, os braços a tremerem não sei se de cansaço se de medo. Mais tiros foram disparados para o ar em jeito de aviso. Levantei-me com as últimas réstias de força e corri sem olhar para trás, agora sozinha, os joelhos em sangue. Só parei quando me vi de volta à estrada principal. Os pulmões a arder, a boca de areia e a certeza de que ninguém nos iria ajudar.

Como disse antes, não tenho ideia de quanto tempo fiquei na prisão, nem o que aconteceu nesses dias ou semanas em que estive isolada, mas o que encontrei em cada aldeia por onde passei foi devastação. Pessoas desconfiadas, fechadas em casa, o silêncio apenas cortado pelos sons da natureza, como se os seres humanos tivessem todos perdido o dom de falar. Não se via um carro, não se ouvia uma máquina, apenas os meus passos a esmagar a estrada. Em algumas janelas estavam hasteadas bandeiras com o símbolo das Brigadas Verdes, o que me levou a acreditar que, pelo menos por ali, o movimento vencera. Pelo menos por ali, as pessoas tinham preferido

apoiar uma causa que defendia o fim da civilização industrial como a conhecemos. Seria isso bom ou mau? E onde estaria a Laura no meio daquilo tudo? Será que andava à minha procura para me levar com ela e me dizer «vês como eu tinha razão»?

Também no café da última aldeia por onde passei antes de chegar à quinta da Salete, havia uma dessas bandeiras. Atrás do balcão estava um homem enorme, com um fato-macaco verde e uma caçadeira na mão. Baixou-a assim que me viu, o que me leva a pensar que o meu estado era tudo menos ameaçador.

— Por favor, só quero um copo de água e alguma coisa para comer — implorei, quase desfalecendo contra a ombreira da porta.

— Claro, entra — disse o homem, enquanto enchia um copo com água, que logo colocou na mesa junto à entrada. — Senta-te aí, olha só o teu estado... És uma daquelas da prisão, hein? Qual foi o teu crime?

— Nenhum, apanharam-me na rua no meio da confusão... Eu estava na rua pelas Brigadas — menti, lembrando-me da bandeira lá fora.

— Pronto, já passou — assegurou ele, sentando-se ao meu lado e colocando uma madeixa do meu cabelo atrás da orelha. — Tenho sopa e um prato quente. Tenho também um sítio ali atrás onde podes limpar essas feridas.

— A sério? Oh... muito obrigada, mas não tenho como lhe pagar.

— Ora, havemos de arranjar maneira, não é? — disse ele, segurando-me o queixo para me ver o rosto. Depois girou à minha volta como se me estivesse a inspeccionar. Os olhos cor de chumbo, imperscrutáveis, os dedos calejados e quentes. — Anda, há ali um chuveiro e umas roupas lavadas. Eu vou aquecer a comida.

Senti um misto de gratidão e medo. Não conseguia perceber se me olhava com pena, nojo ou desejo, contudo, tinha tanta fome e queria tanto um banho que fiz o que me disse. A água tinha pouca pressão, mas era mais do que tinha tido enquanto estivera presa, sujeita a um mero lavatório. Havia um sabonete ressequido, mas que ainda cheirava a qualquer coisa parecido com pó de talco, e água, oh, a água, que eu sorvia desesperadamente à medida que me escorria pela cara. Quando a sede se dissipou, saí do banho e limpei-me numa

toalha puída. A roupa que o homem deixou em cima de um banco era um fato-macaco verde igual ao dele, que me estava um pouco grande, mas que era melhor do que a roupa imunda e rasgada com que tinha saído da prisão. Havia um pequeno espelho baço onde olhei para o meu reflexo, mas não me reconheci. A minha cara era só ossos, a pele estava queimada pela caminhada debaixo de sol, o cabelo mais comprido e desgrenhado. Virei as costas e voltei para o café, onde vi a comida na mesa e outros dois clientes na sala, também eles vestidos como nós. Definitivamente eram todos apoiantes das Brigadas. Sentei-me sem olhar para eles e comecei a sorver uma sopa cremosa com pedaços de hortalíça demasiado cozidos, mas que me estavam a saber pela vida. Quando ia pegar nos talheres para me lançar ao prato principal, o homem sentou-se ao meu lado e segurou-me na mão.

— Já sabes como me vais pagar? — perguntou, colocando a minha mão na sua coxa, depois na virilha, depois no pénis.

Comecei a tremer. Olhei em volta para os outros homens na esperança de que me pudessem ajudar, mas notei que estavam a assistir à cena com um sorriso. Devia ter-me levantado naquele instante. Devia ter empunhado o bastão que ainda trazia comigo e fugido dali. Mas paralisei. Não tinha forças. E tinha tanta fome... Não podia prever qual seria o próximo lugar que me receberia com um prato de sopa e de comida. Além disso, o que poderia eu fazer perante três homens feitos, mesmo com um bastão em punho? Resistir só iria piorar a minha situação. De repente, senti que o meu espírito abandonava o meu corpo. Já não era eu quem ali estava. Era um filme que se desenrolava à minha frente e sobre o qual eu não tinha controlo. Assenti, por isso, com a cabeça e dei a primeira garfada na comida que estava à minha frente. Uma espécie de feijoada. Só que, a cada segundo o meu estômago embrulhava-se mais e a comida não passava na garganta. Perguntei se podia guardar o resto para levar.

— Claro, até te ponho isso numa caixinha de papel — respondeu num tom trocista, pegando no prato com uma mão e em mim com a outra. — Ó Jorge, toma aí conta do estaminé que eu já venho.

Levou-me para a cozinha, debruçou-me sobre a bancada e enfiou-se em mim com brusquidão. Não sei dizer quanto tempo aquilo durou.

Fixei os olhos no alumínio sujo de restos de comida antigos e não ofereci qualquer resistência. Não me lembro de sentir dor, nem vergonha, nem nojo. Mas senti raiva. Muita raiva da Laura. A culpa de tudo o que me tinha acontecido e de tudo o que me estava a acontecer naquele momento era dela. Só dela.

Nunca mais a quero ver.

Quando a Laura desapareceu subitamente, na noite da nossa grandiosa manifestação, passei os meses seguintes obcecada por encontrá-la. A minha melhor amiga não podia, simplesmente, ter-se evaporado. Não conseguia aceitá-lo. Vasculhei todos os seus pertences, refiz todos os seus passos, liguei centenas de vezes para o telemóvel, cujo número, segundo a voz da operadora, deixara de estar atribuído. Fui à polícia tantas vezes que os agentes já me tratavam por Billie, e liguei outras tantas para o escritório do pai dela, até este acabar por me atender, se bem que não se tenha mostrado minimamente preocupado com o desaparecimento da filha. «É maior e vacinada e ninguém me pediu um resgate; se desapareceu é porque não quer ser encontrada», disse-me na única vez em que falei com ele. Só eu continuava a sonhar com ela, noite após noite, imaginando que chegava a casa e a encontrava sorrindo no sofá, ou que esbarrava com ela no metro ou numa outra cidade, reconhecendo-a mesmo se tivesse mudado completamente de visual. Andava pelas ruas sempre atenta a cada rosto com que me cruzava. Abria as gavetas para sentir o seu cheiro e deitava-me na cama dela a imaginar todo o tipo de cenários e justificações para o seu silêncio. Em todos eles, eu iria, obviamente, perdoá-la e compreender os seus motivos. Ela teria um óptimo motivo e, então, prometeria nunca mais voltar a pregar-me um susto destes e tudo voltaria a ser como antes.

Talvez por isso, quando, um ano depois do seu desaparecimento, as televisões começaram a falar de uns homicídios macabros, fiz de tudo para ignorar o meu instinto. Era algo demasiado dramático e assustador, e eu estava cheia de trabalhos para a faculdade. Queria lá saber do dono de uma fábrica encontrado a flutuar nas águas que

tinha contaminado; queria lá saber de uns madeireiros que dirigiam uma rede de tráfico de madeiras exóticas e que foram esquadrejados e pendurados nos troncos das árvores do seu estaleiro; ou do director de uma petrolífera que foi afogado num bidão de gasóleo... Ouvia essas conversas no café, na paragem de autocarro, na fila da caixa do supermercado, mas não estava interessada em saber os detalhes sórdidos das mortes de uns empresários sem escrúpulos. No entanto, era inútil tentar fugir. Os meios de comunicação social não deixavam aquelas histórias morrer nem por um minuto, e multiplicavam-se os debates e entrevistas com especialistas, directos infundáveis dos locais do crime, das casas das vítimas e até dos seus funerais. E depois havia aquele símbolo, um B e um V entrelaçados, único ponto comum entre todos os crimes, a ser escrutinado ao pormenor por linguistas, semiologistas e ex-membros dos serviços de informação. Os comentários das pessoas às notícias eram tão surpreendentes quanto os factos relatados. É bem feita. Cá se fazem, cá se pagam. Finalmente, justiça pelas próprias mãos. Abaixo os ricos e poderosos. E coisas que tais. Nem sei o que me perturbava mais: os factos ou aqueles que os aplaudiam e que eram cada vez mais.

No dia do quarto ataque, tinha uma apresentação e estava a preparar o meu ritual de combate aos nervos: acordar às sete; tomar um duche rápido com água morna para despertar; vestir uns *jeans* e a *sweatshirt* do Chewbacca, que usei no exame de admissão à Universidade e que passei a usar em todos os momentos decisivos da minha carreira académica, até na época de exames do semestre de Verão; enfiar nos dedos os meus três anéis de prata, um deles herdado da avó (tinham de ser aqueles anéis, sempre enfiados nos mesmos três dedos, pela mesma ordem); retirar da gaveta da mesa-de-cabeceira o estojo de veludo onde guardava a caneta de tinta permanente que o meu pai me deu quando fiz dezoito anos e que só usava naqueles dias, porque tinha medo de a perder; colocar a folha onde escrevi os pontos-chave da apresentação no bolso de trás das calças para não ter de estar sempre a olhar para os *slides*; finalmente, sair de casa com o pé direito.

As minhas aulas eram sempre de manhã, e eu, normalmente, era

uma das primeiras a chegar ao café da faculdade, quando ainda estava pouco mais que vazio. A televisão, presa na parede junto ao tecto, costumava estar ligada num canal noticioso, que era a maneira de o reitor nos dizer que devíamos ser pessoas informadas, e não basear todo o nosso conhecimento do mundo no que víamos nos *feeds* das redes sociais. No entanto, naquele dia, o local estava inexplicavelmente composto. Olhei para o relógio para me certificar de que não me tinha atrasado e entrei, intrigada pelo movimento tão pouco habitual. Lá dentro, alunos, professores e funcionários amontoavam-se em frente da televisão e havia um certo constrangimento no ar. Será que tinha caído um avião ou coisa assim? Aproximei-me o mais possível, mas não consegui ver quase nada do ecrã. Tentei, por isso, ouvir o que a jornalista dizia.

«A identidade da vítima deste acidente já foi revelada pelas autoridades. Trata-se de uma juíza, de sessenta e dois anos, que, segundo uma testemunha, tinha acabado de estacionar a viatura nesta rua residencial, quando um camião porta-contentor deixou cair sobre ela cerca de oito toneladas de entulho. Domitília Soares era conhecida por absolver todos os processos relativos a crimes ambientais. No último caso, relativo a um despejo de entulho ilegal que continha colas e amianto, de uma multa que podia chegar aos duzentos mil euros, a juíza acabou por reduzir para seis mil euros, substituindo depois o pagamento da mesma por uma mera admoestação. Como dissemos anteriormente, os bombeiros só conseguiram retirar o corpo da vítima esta manhã, o camião está a ser analisado e o condutor ainda não foi identificado. Embora ainda não haja confirmação por parte das autoridades da relação entre este e os outros casos que temos noticiado, sabemos que o camião tem pintado numa das laterais o mesmo símbolo encontrado nos outros incidentes.»

Incidentes? Até os jornalistas pareciam querer ignorar que se tratava de homicídios. Não era nada disto que eu precisava naquela manhã. Tanto controlo emocional, tantos rituais infalíveis para nada. Os ataques não tinham sido reivindicados oficialmente. Só havia aquele símbolo, B e V, que aparentemente não pertencia a nenhum grupo ou seita conhecida. Ninguém sabia muito bem o que esperar nem como

saber se estaria a salvo. E se houvesse também um ataque à Universidade? Todas as possibilidades estavam em aberto e todas elas eram assustadoras. Escusado será dizer que a apresentação me correu muito mal e saí da sala com a certeza de que nem a camisola do Chewbacca me impediria de ter uma péssima nota. Baldei-me às aulas seguintes e fui para casa, desanimada e a maldizer as horríveis notícias que provocaram o meu espalhanço académico. Estranhei ver tanta gente nas ruas, mas estava mais preocupada com o meu umbigo e em ter pena de mim própria.

A meio do caminho, o telemóvel começou a tocar. Primeiro, senti a vibração, depois a melodia monótona e insistente, que tentei ignorar. Por norma não ligava nenhuma ao telemóvel, muito menos quando estava em cima de uma bicicleta no meio do trânsito, que àquela hora estava muito mais caótico do que o habitual. Em contraste com a maioria das pessoas da minha geração, não estava dependente do aparelho e muitas vezes até me esquecia de pô-lo a carregar, acabando por ficar todo o dia esquecido em casa. Porém, quem quer que fosse que estava a tentar ligar, não desistia, a ponto de me fazer parar e atender.

— Billie? Onde estás? — perguntou uma voz ofegante.

— Max? Está tudo bem?

— Onde estás? — insistiu.

— A caminho de casa, porquê?

— Não vás para casa, Billie! Faça o que fizeres, não vás para casa!

— Mas porquê, Max? Estás a assustar-me. O que se passa? — perguntei com apreensão.

— Ouve-me bem, Billie. Eles estão lá à nossa espera. Eles vão apanhar-nos.

— Eles quem?

— A polícia, foda-se!

— Mas porquê? O que é que aconteceu? Meteste-te em algum sarilho?

— Não, Billie. Ela é que nos meteu num sarilho. Agora a polícia pensa que também somos terroristas.

— De que é que estás a falar?

— Não viste as notícias? O comunicado à nação?
— Não! Hoje foi o dia da minha apresentação, lembra-te?
— Ela faz parte dos terroristas que andam a cometer aqueles assassinatos.

— Ela quem?

— A Laura, porra!

— A Laura?!

— Eu depois explico-te. Vem ter comigo à estação de comboios. Já comprei os bilhetes e vamos desaparecer hoje, agora, já! Percebeste?

— Mas...

— Billie, tenta passar despercebida e vem ter comigo A-GO-RA! O comboio parte dentro de meia hora. Corre!

Sem olhar para trás, larguei a bicicleta e comecei a correr em direcção ao metro. Depois lembrei-me de que podia haver câmaras de vigilância e que, se estivessem realmente à minha procura como Max dizia, depressa descobririam para onde me estava a dirigir. Mas de bicicleta não conseguiria chegar a tempo à estação. Apanhei um táxi e pedi ao taxista que sintonizasse o rádio nas notícias.

«... identificados pelo menos três dos membros das autoproclamadas Brigadas Verdes, o grupo que tem levado a cabo assassinatos violentos de diversos empresários e de uma juíza. Laura Espinosa, Paolo Tomazzo e Luc Bênot surgiram hoje num vídeo que tomou de assalto as redacções de todos os canais de televisão e inundou as redes sociais. Os três membros apresentaram-se de cara destapada e apelam à rebelião dos cidadãos. Por todo o país, grupos de jovens já responderam ao apelo e invadem as ruas...»

O meu coração apertou-se quando ouvi o nome dela e, de repente, as palavras que saíam das colunas deixaram de fazer sentido. Pus as mãos na cara e olhei pela janela. Pelas ruas, por onde o táxi circulava com cada vez mais dificuldade, vi lojistas a baixar as grades das suas montras e pessoas a correr em diferentes direcções. Uns com ar assustado, outros com ar triunfante. Uns a fecharem-se em casa ou nos carros, outros a invadirem as ruas, orgulhosos por fazerem parte de toda aquela convulsão. O táxi parou, mas ainda não estávamos perto da estação de comboios.

— Vai ter de sair aqui, menina. A estrada está cortada — disse o taxista.

— Como assim?

— Está cortada, não vê?

Espreitei por entre os dois bancos da frente e vi uma multidão de pessoas com cartazes em punho, gritando «Guerra pela Terra», «Abaixo a economia industrial» e outras coisas do género. A polícia de choque chegava com alarde, numa sucessão de carrinhas com as sirenes ligadas, tentando a todo o custo fazer uma barreira para isolar os manifestantes que não paravam de crescer, vindos de todos os lados. Os passos alinhados dos polícias de choque lembravam o som de uma marcha militar, e o seu equipamento não deixava dúvidas de que estavam ali para travar quem ousasse ir mais longe, custasse o que custasse. Paguei ao taxista e saí a correr em direcção à estação, esforço inútil, já que, quando lá cheguei, tinha acabado de ser encerrada. As autoridades tentavam conter os manifestantes, controlando quem entrava e saía da cidade, e os transportes públicos foram os primeiros a ser travados. Tentei ligar de volta para o Max, mas a rede já estava saturada e não consegui fazer a chamada. Será que ele tinha conseguido entrar no último comboio? Será que tinha partido sem mim? Comecei a chorar sem saber o que fazer, quando subitamente alguém me agarrou por trás. Era ele. Deixei-o guiar-me para longe dali.

A primeira coisa que o Max me obrigou a fazer foi livrar-me do telemóvel. Agora que estávamos juntos não precisávamos de contactar mais ninguém, e estava fora de questão enviar mensagens ou usar a Internet. A segunda, foi não parar de correr. Enquanto corria, sem saber para onde, agarrando-me com desespero à sua mão, reparei num ecrã publicitário que projectava um grande plano de uma pessoa de cabelo rapado a falar para a câmara. Nas legendas, lia-se: «Isto não é um ensaio. Estamos oficialmente em guerra.» Olhei melhor e o meu coração sobressaltou-se de novo. Era a Laura. Mas não a Laura que se enfiava na minha cama quando estava frio e me tocava com os pés gelados, mesmo calçada com dois pares de meias. *Manta-me*, dizia ela, numa palavra inventada do nosso vocabulário de amor. Estava serena

e confiante, proferindo cada palavra com calma e determinação. Fiquei hipnotizada, tentando ler nos seus lábios o que dizia. Até que o Max me deu um puxão que me trouxe de volta à Terra.

Quando olhei ao meu redor, notei que nos estávamos a dirigir ao alfarrabista que é hoje a minha casa, o único sítio onde estávamos autorizados pela Laura a comprar livros. «Há tantos livros impressos no mundo, para quê cortar mais árvores?», disse ela na primeira vez que nos levou lá. Entrámos esbaforidos porta adentro. O Sr. Joel olhou-nos por cima dos óculos e, sem precisar de ouvir nada, como se já estivesse à nossa espera, abriu-nos o alçapão que se encontrava debaixo da carpete do escritório. Descemos para uma cave secreta, que tantas vezes usámos para estudar, quando a biblioteca estava cheia na época de exames, e que cheirava a madeira e cera de vela. Fora construída numa época em que ser comunista era crime, e servira para albergar reuniões clandestinas contra o regime e imprimir panfletos ilegais. Nem nos anos da mais dura repressão fora descoberto, segundo nos contava o Sr. Joel, por isso, era o sítio ideal para nos escondermos até conseguirmos sair da cidade ou mesmo do país. Estava estupefacta com o sangue-frio do Max, focado e com a capacidade de raciocínio que eu perdera ainda durante o nosso telefonema.

— OK. Já percebeste o que se passa? — perguntou-me, quando recuperámos o fôlego.

— Mais ou menos...

— Então, como viste naquele ecrã e nos cartazes espalhados pelas ruas, a Laura faz parte das tais Brigadas Verdes, ou melhor, é a cara das Brigadas Verdes, e, ao que parece, entrámos em guerra.

— Guerra com quem?

— Com todos os que não estiverem do lado deles. Civis, governo, polícia...

— Mas porque é que nós os dois temos de fugir?

— Ei, Billie! Estás parva ou quê? Então nós não moramos na casa que é dela? Não partilhámos essa mesma casa com ela durante três anos? Não fizemos parte do Estudantes Pelo Planeta?

— Sim, mas ela desapareceu há um ano, toda a gente sabe disso. A

polícia sabe disso! Fomos participar o seu desaparecimento várias vezes.

— A Laura faz parte de um grupo terrorista que está a tentar espalhar o caos no país, percebes? Um grupo terrorista que já conseguiu colocar milhares de pessoas nas ruas a torcer por eles. A polícia, os serviços secretos, a cena toda, vão espremer qualquer pessoa que alguma vez se relacionou com qualquer um daqueles três, até terem alguma pista sobre o paradeiro deles. E nós somos os mais suspeitos.

— Não pode ser! A Laura não é uma assassina!

— Billie, olha para mim e ouve com atenção. A Laura que nós conhecemos desapareceu no ano passado, no dia da nossa manifestação. Esta Laura, de cabelo rapado e ar de psicopata, é, sim, uma assassina, responsável por todos aqueles crimes atrozes que temos visto na televisão. E nós, se formos apanhados, vamos ser presos e interrogados, quem sabe torturados, até provarmos que não fazemos parte do grupo dela, está entendido? Por isso, controla-te, concentra-te e ajuda-me a descobrir como é que vamos sair disto.

De repente, tudo fez sentido. Todas as vezes em que a Laura via as notícias com raiva nos olhos, todas as vezes em que se emocionava durante os discursos, gritando que tínhamos todos de nos juntar, que o tempo estava a esgotar-se. Ainda assim, custava-me imaginá-la a tirar a vida a alguém, por muita raiva ou sede de vingança que tivesse dentro de si. E mais ainda imaginá-la a planejar aquelas mortes cruéis. Não podia ter sido a minha Laura. A Laura doce e divertida, que dava os melhores abraços do mundo, com a cabeça aninhada no nosso ombro como se fosse uma criança. De certeza que fora aquele italiano a obrigá-la. Um homem com idade para ser pai dela, ou quase, e que lhe dava toda a atenção que o próprio pai nunca lhe dera. Clássico caso freudiano. Ela apaixonou-se por ele, ele aproveitou-se dela e convenceu-a a embarcar naquela loucura. Certamente que tentou fugir várias vezes, só que, entretanto, desenvolveu Síndrome de Estocolmo e agora acredita que ele é bom. Faz tudo o que ele lhe pede, incluindo matar. Sim, a Laura não fez nada, limitou-se a apaixonar-se e a esquecer quem era antes de ser dominada por um estranho. Acontece

tantas vezes: alguém começa a namorar, os amigos sabem que é um erro, que aquela pessoa não presta ou é tóxica ou manipuladora, mas não dizem nada, não querem estragar a felicidade (mesmo que ilusória) que o outro está a viver, não querem chamar a atenção para os sinais de alarme, acreditando que a pessoa vai chegar lá sozinha. Pouco a pouco, esses amigos afastam-se ou são afastados, e os escassos momentos juntos tornam-se desconfortáveis, cheios de coisas por dizer. Lentamente, quem era tão próximo, unha com carne, torna-se apenas um conhecido.

Não me lembro se disse tudo isto em voz alta ou se o monólogo se desenrolou na minha cabeça, mas algo em mim acreditava que, apesar de todas as evidências, a Laura estava inocente.

— Temos de encontrá-la, Max! É isso que temos de fazer!

— Tu estás maluca?

— Não! Temos de encontrá-la e trazê-la à razão. Isto não é coisa da Laura, não pode ser. Vamos infiltrar-nos nas Brigadas Verdes e vamos trazê-la para casa.

— E entregá-la à polícia para que seja julgada por homicídio? Ou escondê-la num buraco onde passará anos e anos até toda a gente se esquecer desta história e o mundo regressar à normalidade?

— Não sei, isso não interessa. Se calhar, se ela se entregar e entregar os outros, até tem atenuantes. Pode chegar a um acordo.

— Billie, estás a partir do pressuposto de que ela é uma vítima e quer ser salva. Quando devias partir do pressuposto de que ela faz parte da organização, de forma consciente e voluntária.

— Até saber qual dos pressupostos é verdadeiro, não vou desistir dela, Max.

— Não estás a ajudar, foda-se! Estás tão preocupada em salvar a Laura, que não estás a pensar em como nos salvar a nós! Ou achas que vamos ficar a viver nesta cave?

— Já não sei o que pensar... — desabei num pranto.

— Billie, por favor, não chores, olha para mim, nós vamos sair disto, OK? Esquece a Laura. Faz de conta que recebemos a notícia de que encontraram o corpo e afinal ela esteve este tempo todo morta. Billie, olha para mim. A Laura morreu. Agora somos só nós os dois.

O Max tinha razão. Eu estava constantemente a tentar salvar a Laura, a desculpá-la, a enaltecê-la. A colocar sobre mim a responsabilidade de protegê-la e de lhe dar o amor e a segurança que ela nunca sentira por parte da família. Talvez devido ao seu passado triste e disfuncional. Um passado que nos foi revelando aos bocadinhos e cujas peças soltas tivemos de juntar.

A mãe suicidara-se quando ela tinha apenas seis anos e o pai nunca soube lidar com esse facto. Mergulhou ainda mais no trabalho, arranjou outras mulheres, quatro que me lembre, e deixou a Laura a ser criada por empregados, mordomos e colégios internos. Tinha uma enorme dificuldade em lidar com aquela filha que, desde que nascera, se tinha imposto na totalidade do coração da mulher, empurrando-o para fora daquilo que deveria ter sido uma família. Ainda para mais, Laura era a cara chapada da mãe. O Natal de Laura, contou-nos ela quando Dezembro chegou e lhe perguntámos onde ia passar a pausa lectiva, era celebrado num hotel de cinco estrelas num qualquer destino tropical, no meio de adultos que bebiam e riam alto e achavam as crianças extremamente infantis. Como ficou feliz quando a levei para passar o Natal com a minha família! Os olhos brilhavam, fascinada por ver que, afinal, havia famílias nas quais as tradições que apareciam nos filmes e nos livros se cumpriam: a preparação dos doces, a decoração da mesa, a família a chegar cheia de casacos e presentes, as velas com aroma a gengibre, o presépio na sala de estar. O aniversário dela, contou-nos também, era um dia como qualquer outro, a não ser que calhasse num fim-de-semana, em que, aí sim, podia almoçar com o pai, que ficava sem a desculpa de estar a trabalhar. Normalmente iam a um restaurante caro onde toda a gente o conhecia e onde não podia correr por entre as mesas. No apartamento onde viviam, nunca havia pessoas da sua idade com quem brincar, nem histórias lidas na cama, nem conversas à lareira.

Eu estava constantemente a tentar salvar a Laura, é verdade, porque tinha tido uma infância muito feliz, porque tinha tido o carinho e a atenção dos meus pais e não conseguia imaginar quanta tristeza pesava no seu coração. À medida que ela nos foi fazendo estas

confissões, comecei a querer ser mais do que uma amiga. Comecei a querer ser a família que ela não teve. Nos três anos em que vivemos juntos, eu, ela e o Max transformámo-nos nisso mesmo, uma pequena família, que celebrava os aniversários com bolo de chocolate caseiro e chapelinhos de papel, e que se juntava sempre à mesa à hora de jantar, para contar como tinha sido o dia. Como eu gostava de cozinhar para ela e para o Max. E como era bom, nesses momentos, ver pequenos lampejos de felicidade nos seus olhos, enquanto saltitava como a criança que nunca pôde ser.

Só que agora estava a cair-me a ficha, ali, naquela cave, com o Max, aflito, a tentar limpar as minhas lágrimas. A Laura era culpada. Era mesmo. E eu estava a ser invadida por um profundo pesar. Pesar, desilusão, não sei explicar. Acho que, acima de tudo, me senti usada. Como se os três anos que passámos juntos tivessem sido um engodo. Lutando contra a minha própria incredulidade, começava a achar que a Laura nos tinha acolhido na sua casa apenas para a ajudarmos a criar os Estudantes Pelo Planeta e descartar-nos quando surgissem voos mais altos. Tudo premeditado. A Laura, tão sensível e luminosa, que chorava comigo quando víamos filmes românticos, tinha-se juntado a um grupo de ecoterroristas, o qual não só matava pessoas, como o fazia de forma obscena. Foi então que percebi que dificilmente alguma coisa voltaria a ser igual.

Dizem que as pessoas que se sentem em perigo iminente entram em modo de sobrevivência e começam a agir. Eu, pelo contrário, estava apática e não conseguia parar de chorar. Todas as hipóteses que o Max me apresentou naquela cave fria pareciam impossíveis. Fugir a meio da noite, misturar-nos na multidão, entrar num camião de transporte que nos levasse para longe dali, passar a fronteira a salto, como se fazia antigamente. Ou ficar a viver na cave por tempo indeterminado, contando com a ajuda do Sr. Joel. Esta última hipótese, porém, foi descartada ao fim de três dias. O Sr. Joel mostrou que não estava disposto a ser uma Miep Gies e que nós nunca seríamos uma espécie de Anne Frank. Desceu as escadas íngremes e relatou-nos que nas ruas se vivia uma autêntica guerra civil. A maioria das pessoas estava do lado das Brigadas Verdes, e a polícia via-se obrigada ao uso da força para as afastar. Jactos de água, gás lacrimogénico, balas de borracha e, nas últimas horas, balas de verdade. Quanto mais a polícia investia, mais os manifestantes se multiplicavam, ignorando qualquer ordem que não viesse das Brigadas Verdes. Muitos apresentavam-se de fato-macaco verde e cabelo rapado, como os líderes que continuavam a interromper as emissões televisivas com apelos à rebelião, sem que ninguém conseguisse travá-los. Aliás, eram tantos os manifestantes vestidos como as Brigadas que, se os verdadeiros membros quisessem, podiam perfeitamente misturar-se com eles na rua e passarem despercebidos. Pensámos, então, que seria a altura perfeita para fugir. Só precisávamos de um macacão verde e de rapar o cabelo como milhares de pessoas já estavam a fazer. O Sr. Joel também achou boa ideia, ou então só queria que saíssemos dali rapidamente e que não lhe criássemos problemas. Ia fechar a loja e mudar-se para a casa de

campo até as coisas serenarem. Provavelmente também achava que éramos cúmplices das Brigadas Verdes. «Apoio todo o tipo de luta, menos a luta armada», disse-nos enquanto voltava a tapar o alçapão com o tapete desbotado.

Sáímos a correr da loja e misturámo-nos na multidão, que era agora uma massa uniforme a ocupar todas as ruas. Ao contrário do que vi no dia em que nos escondemos ali, havia bandeiras das Brigadas em quase todas as janelas, um sinal de que o povo se tinha juntado à causa. O povo, que há muito andava descontente e que via naquele movimento a oportunidade de mandar o governo abaixo e tentar iniciar uma verdadeira mudança. O povo, ressentido pela inércia de um governo de interesses, cuja solução para a falta de água era enviar camiões-cisterna para certas localidades; cuja solução para a falta de transportes públicos era fretar mais autocarros movidos a gásóleo; cuja solução para os centros das cidades, onde no Verão já não se conseguia andar devido ao calor extremo, era pedir às pessoas que ficassem em casa; cuja solução para os fogos florestais era comprar mais aviões de combate. Sim, o povo estava cansado e só precisava de algo em que acreditar, como em tempos acreditara em coisas como «Deus, pátria e família» ou «tornar o país glorioso outra vez». Algo que o retirasse do marasmo e da mediocridade nos quais aquele governo o tinha enterrado. Neste caso, uma ideologia aparentemente nobre: destruir quem destrói o planeta.

Também notámos que já não era só a polícia de choque que tentava conter as manifestações e as inevitáveis pilhagens. O exército estava agora na rua e os soldados, nervosos, rezavam para não ter de abrir fogo e transformar aquilo num banho de sangue. Tinham armas, mas não tinham a fúria de quem gritava pela revolução.

Andámos durante uma hora por entre os manifestantes sem que eu largasse a mão do Max por um segundo. Temia perder-me. Avançava aos tropeções, tentando acompanhar o seu passo cada vez mais apressado. Procurávamos passar despercebidos e, ao mesmo tempo, descobrir onde poderíamos encontrar os macacões verdes. Parecia que cada vez mais pessoas os vestiam, o que em breve nos faria sobressair por não os usarmos. Se ao menos encontrássemos uma loja, um

armazém... Tinha de haver um armazém.

De repente, alguém do outro lado da rua chamou por mim. «Billie! Billie! Billie Jean!» Não consegui evitar levantar a cabeça para ver quem me chamava. Era a Dora, uma amiga da faculdade e membro dos Estudantes Pelo Planeta. Começou a andar na nossa direcção a esbracejar e a gritar o meu nome com entusiasmo. Empunhava uma gerbera branca. Olhei para Max e percebi que estávamos perdidos. A minha alcunha era pouco comum e, por certo, as autoridades estavam em alerta para ela. Era uma questão de tempo até um agente infiltrado me encontrar. Decidimos, por isso, que era melhor separarmo-nos. Max segurou-me o rosto, beijou-me os lábios e disse «encontramo-nos na Casa do Lago». Depois, fugiu pelo meio da multidão. Tapei a minha própria boca com a mão para me impedir de gritar o seu nome, quando a única coisa que queria fazer era pedir-lhe que não me deixasse ali. Teria sido egoísta da minha parte. Com sorte, despistaria a Dora e iria ter com ele. Comecei a furar na direcção oposta, com a Dora a perseguir-me e a chamar por mim. Curvei-me e tentei desaparecer por entre o mar de gente. Só via chão e sapatos. A poucos metros estava o lancil do passeio, tinha de furar até ele para depois sair na próxima rua que surgisse ou entrar na primeira porta que estivesse aberta. Foi então que senti uma mão gigante à volta do braço. Foi então que me levaram naquela carrinha preta. A porta a fechar-se com violência. Bam!

Está quase a celebrar-se o terceiro aniversário da Revolução. As Brigadas têm andado a espalhar cartazes, anunciando uma grande parada e lembrando todas as vitórias alcançadas desde que estão no poder. Como o fim dos carros movidos a combustíveis fósseis e dos aviões civis, que fez descer as concentrações de dióxido de nitrogénio no ar em setenta por cento; a obrigação de plantar árvores ou hortas em todas as ruas e nos campos baldios da cidade, que fez a temperatura descer dois graus nesses territórios; o fim absoluto do uso do plástico de uso único, que fez diminuir a produção de lixo doméstico em sessenta por cento. E tudo isto em menos de três anos. Imaginem como será daqui a dez, dizem eles, um país totalmente alimentado a energia renovável, com solos férteis e ecossistemas restabelecidos. O povo rejubila, feliz por ver que todos os sacrifícios a que se tem sujeitado estão a compensar. Já ninguém se queixa do tempo que demora a chegar ao trabalho sem carro, nem de não poder comprar os últimos modelos de telemóveis ou de consolas. Ninguém se queixa de nada. Cidadãos cem por cento satisfeitos. Mais um número nesta luta contra o tempo para impedir que o planeta aqueça mais um grau e meio. As imagens de *drones* que têm sido divulgadas mostram que, dentro das fronteiras do novo território, a mancha verde é dez vezes superior à dos territórios vizinhos, que nos devem olhar com desconfiança e fascínio, digo eu, porque aqui praticamente não chegam notícias de fora.

Há uns meses, numa conferência de imprensa, uma jornalista perguntou como estava a reagir a comunidade internacional, e a resposta foi que muitos países estão a adoptar medidas idênticas, esmagados com a evidência de que é possível fazer melhor. No

entanto, ainda há alguns que se recusam a divulgar os números que demonstram que é possível travar a devastação. Países corrompidos pelo dinheiro sujo do petróleo e do capitalismo industrial. Por isso, agora temos as fronteiras fortemente patrulhadas. Não queremos que nos entrem por aqui adentro lobistas e cientistas pagos para contradizerem os números. Um grau e meio, é o único número que interessa. A pergunta que a jornalista fez não voltou a ser repetida e também ninguém se atreveu a mencionar as Moscas, o Mocho ou as pessoas que são levadas a meio da noite em carrinhas negras a que chamamos Morcegos.

Quando as Brigadas definiram as fronteiras, pouco depois de subirem ao poder, todos os habitantes tiveram uma semana para escolher se queriam ficar e viver segundo uma nova ordem ou se preferiam sair. Quem saísse não podia voltar a entrar. Nome na lista negra. Depois desse período de adaptação, tornou-se praticamente impossível entrar ou sair daqui. O novo governo não quer mais habitantes, que significam mais consumo dos recursos. Por outro lado, não deixa sair ninguém, com receio que revele a forma como as medidas têm sido implementadas. O mais curioso é que a maioria das pessoas escolheu ficar. Decerto não tinham noção do que os esperava. Ou então tinham, mas decidiram que os atropelos às liberdades individuais são um preço baixo a pagar pela salvação do planeta. Eu, durante esse período de transição, estava convalescente na quinta da Salete. Não pude escolher. Mas e se pudesse ter escolhido? O que teria acontecido se não me tivessem apanhado? Se eu e o Max tivéssemos conseguido chegar à Casa do Lago e ficado por lá, assistindo à Revolução? Teríamos gritado vitória com eles? Teríamos ido à procura de uma Laura vitoriosa? Teríamos escolhido ficar por cá, ao seu lado? Ou teríamos escolhido partir? Teria voltado para casa dos meus pais?

Coitados dos meus pais. Nunca mais falei com eles. Devem pensar que morri, como tanta gente morreu naquelas semanas infernais. A última vez que falámos foi na véspera daquela minha última apresentação na faculdade. Desejaram-me boa sorte e disseram que ia correr tudo bem. Nos dias em que estivemos escondidos na cave, ainda ponderei pedir ao Sr. Joel que lhes enviasse uma mensagem a dizer

que eu estava em segurança, mas isso poria o próprio Sr. Joel em risco, caso a mensagem fosse interceptada. Passaram-se três anos, o nome da Billie ainda está na lista dos desaparecidos, mas eu agora sou a Joana. Podia tentar enviar uma mensagem de alguma forma, mas a Internet, quando funciona, é mais ou menos como na China, altamente censurada; e, além disso, há o Mocho. Não há como contornar os olhos incansáveis da inteligência artificial, por mais encriptações que tentem inventar.

Por vezes, penso que devia assumir a minha verdadeira identidade. O novo regime está de pedra e cal, ninguém parece interessado em voltar atrás e já não há polícias atrás de mim. Poderia tentar contactar os meus pais abertamente, procurar o local onde o Max possa estar enterrado e tentar encontrar amigos que tenham sobrevivido. Mas voltar a ser a Billie obrigar-me-ia a reviver tudo de cada vez que houvesse um reencontro. Teria de contar onde estive, com quem estive, quando regresssei. Teria de fingir que estou orgulhosa da Laura e do que ela conseguiu. Fingir que aquelas mortes macabras em que participou foram autodefesa, como diziam as Brigadas na sua propaganda tão eficaz. E, sobretudo, fingir que acredito que só há este caminho para a sobrevivência. Um caminho que todos seguem cegamente. Um caminho em que mulheres como a minha vizinha são levadas a meio da noite para abortar porque não se pode ter mais do que um filho. O que é que a Laura teria a dizer sobre isto e sobre tantas outras coisas erradas que acontecem todos os dias, mas em que ninguém parece notar? Por vezes, sinto-me como a Mulher do Médico do *Ensaio sobre a Cegueira*: a única pessoa que consegue ver.

Tenho a certeza de que é o peso na consciência que a impede de me procurar. Com tantas Moscas no terreno, não seria difícil mapear o meu percurso desde o dia em que saí da prisão até hoje. Mesmo esta loja estar aberta há vários meses, sem vislumbre do Sr. Joel, seria para ela suspeito. Ela sabe que o Sr. Joel não tem nenhuma sobrinha-neta e que eu e o Max estivemos aqui escondidos naqueles primeiros dias da revolta. Estive na cave pouco depois e até deixou um bilhete, que encontrei logo que aqui regresssei. Estava escrito na sua caligrafia infantil.

Antes de mais quero pedir-vos desculpa por toda esta confusão e por terem tido de fugir. Agora sabem por que razão desapareci e porque não pude contar-vos nada. Ainda bem que se esconderam aqui naqueles dias violentos. Como disse JFK, «aqueles que tornam a revolução pacífica impossível, tornam a revolução violenta inevitável». Teve de ser assim.

Sei que, entretanto, o Sr. Joel partiu, mas vou voltar a colocar a chave no esconderijo para que, se um dia voltarem à cidade, possam entrar. Darei ordens para que este espaço não seja ocupado e para que não vos incomodem. Espero, em breve, poder visitar-vos.

Até lá, deixo-vos esta carta, o meu amor e muitas saudades.

Laura

PS: vêm como vencemos?

Isto data de um mês após a Revolução. Ou seja, só um mês depois da merda toda que fez é que a Laura se lembrou de nos procurar. Saberá que vivi tanto tempo escondida na quinta da Salete? O que a impediu de vir até aqui assim que ouviu dizer que a loja reabrirá? Não terá ela passado por esta rua tão central? Será que não vem por saber que o Max morreu e a culpa é toda dela? Será isso? Terá remorsos por tudo o nos fez passar? Por tudo o que se está a passar? Espero que tenha. Remorsos e pesadelos. Espero que acorde de noite em lágrimas, com a imagem dos nossos corpos atirados para uma vala comum. E que não tenha na cama alguém que a console e que a ajude a voltar a adormecer, como eu fazia. Como é que se atreveu a dizer que vencemos? Isto é vencer? A nossa pequena família aniquilada? A nossa liberdade agrilhoadada? Imaginará ela o que é trocar o corpo por uma mísera sopa? Saberá o que é dormir ao relento, com medo de ser assassinada? Saberá o que é estar completamente sozinha? «Vêm como vencemos?», escreveu ela. Não, Laura, não vencemos. Isto não é uma vitória! Nunca mais te quero ver. E, se um dia, me apareceres aqui com esses teus olhos angelicais e o teu sorriso doce e falso, cuspo-te na cara.

Respiro fundo. Sei que o ódio não é um bom alimento para a alma. Sei que me está a corroer por dentro, aniquilando as melhores partes de mim. Oh, o que eu daria para voltar a acordar todos os dias com leveza, dar os bons-dias ao mundo com um sorriso... Ela tinha a obrigação de nos ter avisado para que fugíssemos. Se sabia que ia

colocar em causa a nossa segurança, tinha de nos ter tirado da cidade antes do primeiro ataque. «Darei ordens para que não vos incomodem», pois sim, agora que não somos nada. Eu, pelo menos, não sou nada. Nem eu própria posso voltar a ser.

Onde estará a Billie agora?

E onde estará o Max?

Assim que tomámos o poder, corri à procura dos dois. Queria partilhar com eles a felicidade da vitória e o advento de uma nova sociedade. Descobri que a Billie tinha sido levada para a prisão de São José nos primeiros dias da Revolução, e que, quando a mesma foi abandonada pelos guardas do antigo regime, foi vista numa aldeia a trinta quilómetros de lá. Depois disso, nada. O vazio absoluto. Do Max, apenas descobri uma imagem nas gravações das câmaras de segurança da avenida principal, nos primeiros dias da Revolução. Quase três anos se passaram e nem vestígio dele. Como se se tivesse evaporado.

Ainda fui à loja do Sr. Joel, na esperança de que estivessem na cave, mas só encontrei resquícios de uma presença longínqua: embalagens de comida vazias com data de expiração de um mês antes e dois sacos-cama cobertos por uma fina camada de pó. Sim, tinham estado ali escondidos, mas eu chegara tarde demais. Deixei-lhes uma carta e a chave no esconderijo de sempre, na esperança de que ali voltassem, e vigiei a loja durante um ano inteiro, mas nunca voltaram lá. Também procurei na Casa do Lago, o nosso lugar especial, porém, só encontrei memórias que me dilaceraram o coração. Gritei por eles do portão e não tive coragem de avançar mais do que dois passos. Parti com a culpa a esmagar-me o peito. E se eles tivessem morrido durante aqueles dias violentos? E se alguém os tivesse enterrado numa vala comum? É verdade que tínhamos listas de mortos e desaparecidos, mas, honestamente, eram impossíveis de actualizar com rigor. Nós, nas Brigadas, tentámos sempre recolher identificação dos corpos que encontrávamos, contudo, chegou uma altura em que deixou de ser possível fazê-lo. A capital transformou-se num cenário de guerra. Um

cenário que, até então, eu só vira em filmes ou em notícias de países distantes. E eu a fazer-me de forte, imitando a determinação que via no rosto do Paolo, do Luc, do Carlos, do Erik, do Frank. Mas eles haviam sido militares na sua outra vida. Eu, apenas uma miúda com o sonho de mudar o mundo.

Todos os dias me agarrava às imagens de animais mortos, florestas carbonizadas, solos ressequidos para manter o foco e a motivação. Todos os dias dizia a mim própria que algumas centenas de pessoas mortas não eram nada em comparação com as perdas desastrosas que os humanos provocavam em todos os ecossistemas. Todas as noites me consolava nos braços do Paolo, que insistia em que estávamos do lado certo da História. E eu acreditava, como acreditava que a Billie e o Max estavam vivos e que, um dia, me bateriam à porta para celebrarmos juntos.

Pensava neles constantemente. Ainda penso. Agora menos certa de que quereriam celebrar o que quer que fosse comigo. Ao evocar os seus rostos, vejo os olhares de censura que me fizeram quando lhes comecei a falar em tornar o nosso movimento mais combativo. Os olhares que eu não conseguia enfrentar sempre que lhes mentia. Fizéramos a promessa de não ter segredos, e eu fora a primeira a quebrá-la.

Imagino a aflição deles quando desapareci. Imagino a angústia deles quando me viram como o rosto das Brigadas Verdes no dia da grande revelação. Angústia e desilusão, sei-o bem. Nada do que consigamos conquistar com este nosso novo paradigma será suficiente para que me perdoem a traição e o abandono. Na verdade, o seu perdão nem sequer me importa. Só gostaria de saber se estão vivos. Se saíram incógnitos antes de termos fechado as fronteiras. Consigo viver bem com o seu ódio ou com o seu desprezo, mas acho que não conseguirei ultrapassar a possibilidade de nunca mais os ver.

Voltei a rezar. Todas as noites, como no colégio. Relembro as orações bonitas que a Irmã Vera me ensinou, aquelas que não falam de culpa, ofensas e pecados, mas sim de esperança e redenção.

Vinde, ó santo Espírito,
vinde Amor ardente,
acendei na terra
vossa luz fulgente.
Vinde, Pai dos pobres:

na dor e aflições,
vinde encher de gozo
nossos corações.

Peço a Deus que estejam vivos. Que tenham conseguido sair daqui quando as fronteiras estavam abertas. Peço a Deus que não os tenha levado.

Ultimamente tem entrado aqui na loja um rapaz intrigante. Alto, moreno, sempre vestido da mesma maneira, com umas calças de ganga muito gastas e um *hoodie* cinzento, com o capuz enfiado embora o tempo esteja bastante quente para uma Primavera. Passeia por entre a filas de livros durante uns minutos e volta a sair. Não vem comprar, não vem vender, não diz nada. Percebi que me observa quando não estou a olhar, mas, estranhamente, nunca fico assustada com a sua presença fugaz, eu que me assusto com tudo. Acho que é por me parecer demasiado novo para ser Mosca. A não ser que já andem a recrutar nas escolas e faculdades. Por outro lado, uma Mosca não iria dar tanto nas vistas. É como se ele quisesse que eu o visse. E hoje vi.

Começou, como sempre, a percorrer as estantes sem se decidir por nenhuma. Até que, por fim, parou à frente dos policiais e pegou num dos livros. Folheou-o aleatoriamente, sem realmente tentar ler uma única palavra, e, quando percebeu que eu estava a olhar, colocou um pedaço de papel entre as páginas, fechou o livro com brusquidão e voltou a colocá-lo no mesmo lugar. Depois, saiu a correr sem dizer nada. Dirigi-me até à estante, desconfiada. Que raio teria o miúdo enfiado no livro, assim, ostensivamente, para que eu o apanhasse em flagrante? Seria um bilhetezinho de amor? Teria o rapaz desenvolvido por mim uma paixão secreta? Sorri perante tão absurdo pensamento. Há tanto tempo que não sorria espontaneamente. Vi que ele colocou o livro na terceira prateleira a contar de cima, um livro de capa amarelada, cujo título ou autor não consegui ver. Um por um, fui retirando cada exemplar da dita prateleira, sacudindo cuidadosamente cada um deles, à espera de ver cair de entre as suas páginas o que quer que o rapaz ali tivesse colocado. Até que um fragmento de papel

de jornal se soltou e começou a rodopiar, assentando no chão. Peguei-lhe com cuidado e vi que era uma notícia antiga sobre um novo recorde de temperaturas máximas. A lápis, um círculo contornava três das letras do título: M-A-X. Senti um arrepio, como se um fantasma me tivesse tocado.

Todos os dias penso no Max. É um pensamento doce e amargo, que com o tempo se tem tornado um pouco mais suportável. Mas desde aquele dia em que disse à Salete que o Max por que chamei durante os meus delírios era um cão, nunca mais me atrevi a verbalizar o seu nome, nem tão pouco a escrevê-lo. Agora, ao ver aquelas três letras materializarem-se à frente dos meus olhos, sou obrigada a retirá-lo da caixinha onde o tenho guardado, para que não me doa tanto a sua falta. Quem era aquele miúdo e que brincadeira de mau gosto seria aquela? Se ele conheceu o Max e queria demonstrá-lo, então também sabe quem eu sou. Comecei a sentir alguma dificuldade em respirar. Seria um chantagista que descobrira a minha identidade falsa? Ou alguém que me queria contar o que realmente acontecera ao Max? Finalmente, fechei o livro que ainda tinha na mão e de onde aquele pedacinho de jornal se soltara e fixei a capa. *A Casa do Lago*, de Kate Morton. Comecei a tremer.

— A menina sente-se bem? — perguntou uma senhora que, entretanto, entrara na loja sem que eu desse por isso.

— Sim — respondi, lacónica, colocando o livro de volta na estante, as mãos ainda trémulas.

— Está muito pálida, não se quer sentar?

— É melhor, sim — anuí eu, apoiando-me na senhora até alcançar o banco que usava para chegar às prateleiras mais altas das estantes.

— Isso deve ser uma quebra de tensão. Devia comer qualquer coisa doce, deixe lá ver o que tenho aqui — continuou a senhora, vasculhando na sua mala feita de *crochet*. — A-ah! Tenho este pirulito, tome lá.

— O que é um pirulito?

— Ai, esta juventude, não sabe nada... — disse ela, tirando o papel branco que envolvia um doce que parecia uma sombrinha de

chocolate, mas de cor de caramelo, com um pauzinho de madeira espetado na base. — É um chupa-chupa, como vocês chamam, mas feito só de açúcar e limão em ponto de rebuçado. Não tem corantes nem nada disso. Sou eu que os faço em casa para o Armazém Comunitário.

— Obrigada — respondi, aceitando aquela oferta.

— Vá, tem de recuperar as forças. Ele está à sua espera.

— Ele quem?

— Volto outro dia quando estiver recuperada. No domingo. O livro que procuro já foi escrito há tantos séculos que posso esperar mais uns dias para lê-lo. Então, até *domingo* — disse a senhora, enfatizando a última palavra, enquanto se encaminhava para a porta.

— Ele quem?!

Tentei correr atrás dela, mas ainda estava tonta, pelo que, quando cheguei à rua, não encontrei nem vestígios da mulher. Deitei o pirulito fora. Podia estar envenenado com uma droga qualquer para me adormecerem e fazerem mal. Mas quem me quereria mal? O rapaz, a senhora? Sei lá. Já não sei nada. Domingo? Mas domingo as lojas estão fechadas, toda a gente sabe. Apeteceu-me fechar a porta nesse instante, respirar fundo, organizar as ideias, mas sabia que isso ia dar nas vistas. Naquele momento, eu queria tudo menos dar nas vistas. Tive de manter, por isso, a loja aberta até às sete em ponto, o pedaço de papel de jornal entre os dedos, as lágrimas contidas num esforço hercúleo. Será que é o Max que está à minha espera no domingo?

Continuo a conter as lágrimas. Não sei o que é chorar desde o dia em que aquele homem me violou no café. Como se ali, naquela bancada fria da cozinha, tivesse ficado vazia de toda a espécie de sentimentos. Apática. Robótica. Mesmo durante o tempo em que vivi com a Salete na quinta, fiz de tudo para não me apegar muito a ela. Sufoquei todas as emoções e fugi sempre que ela tentou criar qualquer tipo de intimidade. Como mulher do campo que era, habituada à dureza da vida e a aceitar as coisas como são, nunca me levou a mal. «O importante é viver um dia de cada vez, com o pouco que temos aqui e agora», dizia. Passávamos o dia juntas, partilhávamos refeições, falávamos do tempo, das colheitas, dos animais. Falávamos dos

homens e mulheres que chegavam e partiam e que contribuíam sempre com a sua força de braços, indispensável quando se tornou proibido usar o tractor a gasóleo. Falávamos dos clientes que vinham abastecer-se à quinta. Ela sempre vivera em modo de sobrevivência, no ténue equilíbrio entre o que a terra lhe dava e o que a meteorologia lhe tirava. Eu entrei nesse modo a partir do momento em que me encarceraram entre quatro paredes e nunca mais de lá quis sair. Funcionou durante aqueles dois anos e meio e tem funcionado durante todos estes meses, desde o meu regresso à cidade. Até ter deparado com aquelas três letras circundadas a lápis num fragmento de jornal. Três letras que desmoronaram a fortaleza que construí ao longo de todo este tempo e que me impediu de resvalar nas saudades e na esperança. Nunca voltei a procurar o Max na lista de mortos e desaparecidos, mesmo quando já podia fazê-lo com alguma segurança e, afinal... ele está à minha espera? Foi o que a senhora disse.

Ele está vivo!

Vivo!

Meu querido Max...

*

Assim que fechei a loja, a primeira coisa que fiz foi procurar um mapa da cidade. Quis verificar qual o melhor caminho até à Casa do Lago, evitando as patrulhas, se bem que é difícil saber por onde andam. Há alguns *checkpoints* fixos pela cidade, mas eles gostam do efeito surpresa. Tenho de ir lá durante o dia, uma vez que, a partir da hora do recolher obrigatório é praticamente impossível sair sem justificação. A mulher falou em domingo. Não sei se consigo esperar até domingo, mas é efectivamente mais seguro. A loja está fechada, pelo que não será considerado nada estranho que eu saia de manhã para um passeio de bicicleta e regresse apenas ao final do dia.

A Casa do Lago é uma casa devoluta num dos extremos da cidade, propriedade do pai da Laura, trancada a sete chaves desde que a mãe dela morreu. Foi construída para ser a casa da família, o sítio onde a Laura deveria ter crescido com os irmãos que nunca chegou a ter.

Além da casa principal, havia um anexo de arrumos e uma piscina natural, pequeno lago na verdade, onde a mãe da Laura gostava de nadar nua. O pai, que padecia de ciúmes doentios da mulher, mandou construir muros de quatro metros à volta de toda a propriedade, pois não conseguia tolerar a ideia de que algum vizinho ou transeunte pudesse espreitar para o jardim e deleitar-se com a sua estonteante beleza. Além das copas das árvores, era impossível ver o que quer que fosse a partir da rua. Para a mãe da Laura, porém, aquilo sempre pareceu uma prisão onde nunca quisera viver e onde tinha medo de ficar sozinha. O marido passava o dia inteiro fora e, por vezes, semanas inteiras no estrangeiro. O isolamento, por muitas festas que desse e amigos que convidasse para lhe fazerem companhia, acabou por fazê-la cair numa depressão profunda, que tentava disfarçar com uso de drogas e álcool. As coisas melhoraram quando a Laura nasceu. A felicidade de ter nos braços aquele ser ternurento fê-la começar a ver a casa como um castelo onde vivia com a sua princesa. Brincavam no enorme jardim como se fosse uma selva, desciam as escadas como se fosse um escorrega, saltavam nas camas como se estivessem nas nuvens. Ou, pelo menos, era assim que a Laura recordava.

Quando fez seis anos, o pai mandou-a para um colégio interno, como era tradição na família, o que levou a mãe literalmente à loucura. Foi-lhe tirada à força a única razão de viver. Um dia, deu folga às criadas e pegou fogo à casa. Quando viu os bombeiros a transpor o pesado portão principal, as labaredas a devorarem tudo atrás de si, acenou-lhes com um sorriso e atirou-se da varanda, pondo fim à vida. Desde então, a propriedade ficou fechada, em escombros carbonizados que mal se viam por entre as árvores que, entretanto, tinham crescido desordenadamente. A história foi passando de boca em boca como uma lenda, e as pessoas da zona acreditavam que a casa tinha ficado assombrada. Dizia-se que, de vez em quando, se ouviam vozes e sons de mergulhos no lago. Por vezes, até se viam luzes espectrais. A Laura ria-se destes disparates, porque era ela quem se banhava naquelas águas e explorava o lugar com velas ou lanternas. Desde os catorze anos, sempre que vinha a casa nas férias do colégio interno, fazia questão de visitar aquele lugar onde fora tão

feliz nos primeiros anos de vida. Encontrara uma chave do portão das traseiras durante uma exploração clandestina ao escritório de casa do pai e, desde então, passava lá tardes inteiras, sobretudo no Verão, a mergulhar nua, como a mãe fazia. Levou-nos lá no dia em que nos contou esta história e deu-nos logo uma cópia da chave. Queria que aquele voltasse a ser um lugar feliz. Desde essa altura, era lá que passávamos grande parte das férias, eu e o Max eternamente agradecidos, já que não tínhamos dinheiro para ir para outras paragens. Era como ter o nosso pequeno *resort* privado, com piscina, jardim e escombros românticos onde estendíamos os sacos-cama. Era lá que nos devíamos ter encontrado naquele dia, se não me tivessem prendido.

Agora penso: será que o Max esteve na Casa do Lago durante todo este tempo? Não me ocorreu passar por lá quando cheguei à cidade, afinal, o Max para mim estava morto, ainda pode estar. Teria sido demasiado doloroso olhar para aquele lugar tão especial, tal como fora visitar o nosso apartamento. Além disso, já nem sequer tinha a chave do portão. De qualquer forma, pressupondo que ele está vivo, não acredito que lá tenha estado a viver todo este tempo. A casa de que me lembro nem sequer tinha telhado. Eram escombros onde jogávamos às escondidas ou líamos contos de Edgar Allan Poe. Onde a Laura pintava o fantasma da mãe e o Max a fotografava, olhando descaradamente através da lente, como nunca tivera coragem de fazer a olho nu. Havia também aquele piso subterrâneo que tinha resistido ao incêndio, onde nos abrigávamos nos dias de chuva, mas não era um sítio onde se pudesse viver muito tempo, quanto mais três anos. Era um género de sala das máquinas, onde havia caldeiras e condutas desactivadas. Se descobrir que o Max está vivo e que esteve ali durante todo este tempo, vou sentir-me uma completa imbecil.

Noite de sábado. Não consigo pregar olho. Apetece-me correr para lá neste instante, mas sei que não posso sair de casa agora. Uma vez mais, ponho-me à janela a ver o despontar do dia, à espera de que a rua comece a despertar com o bulício domingueiro, para sair sem levantar qualquer suspeita. Quando a hora chega, subo para a

bicicleta com um sorriso forçado, que me obrigou a fazer para parecer uma simples mulher, feliz por ir dar um passeio de bicicleta numa soalheira manhã de domingo. Não é nada comum fazê-lo, raramente saio de casa, mas a verdade é que não estou a fazer nada de exótico, nem de ilegal. Pedalo devagar como se não tivesse para onde ir. Vejo algumas pessoas a colar cartazes nas paredes, anunciando a grande parada de aniversário do regime. A cara da Laura está por toda a parte. A Laura má, do cabelo rapado e olhos vazios. Tornou-se uma espécie de Che Guevara, um ícone da Revolução. Quando as Brigadas se apresentaram ao mundo, num comunicado ao país, instigando as pessoas a sair para a rua, Laura, Paolo e Luc surgiram envergando os seus fatos-macaco verdes, segurando uma gerbera branca, assegurando que estavam ali para nos salvar. Foi um choque para mim vê-la naquele papel, mas não poderia ter sido de outra maneira. A Laura tinha uma presença indiscutível. Deixava-nos desconcertados perante um misto de força e beleza, carisma e doçura. As pessoas que saíram à rua defendendo a Revolução começaram espontaneamente a estampar o seu rosto em *T-shirts*, em bandeiras improvisadas, em muros. Infelizmente, a moda não passou. Ela continua a ser a cara das Brigadas e a porta-voz nos anúncios à nação. Há também a sua voz a interromper as emissões de rádio. Provoca-me sempre uma náusea. Por sorte, o Sr. Joel tinha na loja uma aparelhagem antiga e uma enorme coleção de cassetes. Maioritariamente música clássica. Evito sintonizar o rádio. Nos últimos meses, aprendi a gostar de Bach.

Será que o Max também esteve preso? Será que também foi torturado? Se descobriu onde eu estava, por que razão não veio ele até mim? Se calhar também tem estado incógnito. Se calhar também se quis esquecer. Se calhar... Começo a pedalar mais depressa, nunca pedalei tão depressa, esquecendo as patrulhas, esquecendo o perigo de chamar demasiado a atenção. Só quero chegar, só quero vê-lo, só o quero para mim.

Do fundo da rua, avisto o muro altíssimo. Parece que as árvores cresceram e agora há hera debruçada sobre o exterior do mesmo. Abrando a pedalada e tento controlar os batimentos cardíacos, que estão desenfreados com o esforço físico e a emoção. Desmonto da

bicicleta e caminho devagar até às traseiras, verificando se há vizinhos às janelas. É uma zona de moradias, muitas delas destruídas durante a Revolução. Há uma que simplesmente desapareceu. No seu lugar está uma cratera. Também há outras que estão a ser reabilitadas, sendo a primazia dada ao exterior. As Brigadas têm jardineiros e arquitectos paisagistas que vão de porta em porta informar cada proprietário sobre o que deve plantar. É importante haver diversidade e respeitar as plantas autóctones, já que a rega é severamente controlada e a prioridade vai para as hortas e terrenos agrícolas que abastecem a população. As casas só têm água três horas por dia, uma de manhã, outra a meio do dia e outra à noite. Zero desperdício também aqui.

Defronte ao portão das traseiras fico na dúvida se bato, se chamo pelo Max ou se procuro uma chave. Pelo sim, pelo não, levo a mão ao trinco e percebo que está destrancado. Abro-o com cuidado e ouço o meu coração de novo a bater desenfreado. Escondo a bicicleta num arbusto à entrada e caminho devagar em direcção à ruína. Estou assustada. Começo a achar que isto foi uma péssima ideia. Só se ouvem os pássaros e os meus passos. Assusto-me com um pombo que decide mudar de poiso à minha passagem. Avanço a medo. Decido começar por chamar baixinho pelo Max, mas não tenho resposta, apenas os meus pés a pisarem folhas secas. Entro na ruína e noto que está exactamente como me lembrava. Vejo o fantasma da Laura a dançar perante o olhar embevecido do Max. Vejo-me deitada a olhar para as estrelas. Como éramos felizes...

— Max — repito baixinho, sem obter resposta.

Talvez tenha sido má ideia. Talvez isto seja mesmo uma cilada. Talvez deva correr daqui para fora e depressa. Porém, há algo que não me deixa partir. Dirijo-me à antiga sala das máquinas, que já não tem aquela porta de ferro, só degraus de cimento e escuridão.

— Max — volto a sussurrar antes de entrar.

Dois braços envolvem-me.

— Estou aqui.

Não me lembro de alguma vez ter chorado tanto. Sinto as pernas a fraquejar e o meu corpo a cair naqueles braços familiares que me apertam cada vez com mais força. Não sabia o tanto que pode caber

num abraço. Ergo o olhar para me encontrar nos seus olhos. É o Max. É mesmo o Max. O rosto mais magro e coberto com uma barba espessa que não lhe conhecia. O cabelo pelo queixo e ondulado. Como assim, ondulado, pergunto-me, entrelaçando os meus dedos numa madeixa e soltando uma gargalhada, que se mistura com o meu pranto. Choramos os dois como se fosse o fim de tudo. E, quando paramos de chorar, não consigo despegar-me dele. Quero ficar para sempre neste abraço, a cabeça no seu peito, ouvindo a sua voz melancólica.

O Max ajuda-me a descer os poucos degraus da entrada da casa das máquinas, apontando com a luz muito ténue de uma lanterna. Continua a não haver vestígios de que alguém tivesse vivido ali. Suspiro de alívio. Mesmo que cá tivesse vindo antes, não o teria encontrado. Vejo-o desviar uma placa de cartão muito velha e suja com o pé, como se de um tapete leve se tratasse, e levantar a pesada tampa de esgoto que se esconde por baixo. Desço as escadas de ferro ferrugento devagar e às cegas, sem perguntar para onde me leva, confiando nele, seguindo apenas a sua voz sussurrada, até chegarmos ao chão húmido e bafiento. Aperto-lhe a mão com mais força, estou com medo e preocupada com as patrulhas, que talvez possam ter-me visto a entrar na propriedade. E se alguém me seguiu? E se algum vizinho me denunciou? A qualquer momento pode soar um alarme e chegar um Morcego. Afinal, trespasssei uma propriedade privada, ainda por cima uma propriedade que, tanto quanto sei, ainda é de um dos líderes das Brigadas. É muito estranho que continue abandonada.

Caminhamos em silêncio durante vários minutos (sempre que eu tento falar o Max manda-me estar calada) até chegarmos ao fim deste túnel que não imagino onde vá dar. À nossa frente está uma parede. O Max bate-lhe com os nós dos dedos e, embora pareça pedra, soa como madeira. Bate oito vezes, com um ritmo muito específico, como se fosse código Morse. Percebo que é uma parede falsa, que logo se abre revelando uma galeria subterrânea. Lá dentro estão quatro pessoas, que parecem indiferentes à nossa entrada, até o Max anunciar:

— Pessoal, esta é a Billie.

Olham-me todos com curiosidade e alívio, como se estivessem há muito à minha espera. Um a um, vêm abraçar-me com estranha

familiaridade e dar-me as boas-vindas.

— Podes explicar-me o que se passa?

— Billie, estes são a Rita, a Olívia, o Mário e o Luís. Somos a Resistência. Falta o Sam, que já está fora do país, e o David, que conheceste na loja e que continua a viver na superfície com os pais.

— O quê? Que Resistência? De que raio estás a falar?

— Senta-te, Billie — diz ele, encaminhando-me para o fundo da galeria onde está um colchão velho a fazer de sofá. — Vou contar-te tudo do início.

*N*o dia em que nos perdemos, fiquei sem chão. Bem sei que decidimos que seria mais sensato separarmo-nos, uma vez que também eu estava a ser procurado, mas se nos prendessem aos dois, estaríamos juntos ou, pelo menos, teríamos uma ideia de onde cada um de nós estava. Por outro lado, o mais provável seria manterem-nos afastados, ou então, pelo contrário, usar um para torturar o outro. Não suportaria ver-te sofrer... Tentei afastar todos esses pensamentos e acreditar que ias conseguir escapar no meio daquele mar de gente e juntar-te a mim mais tarde, na Casa do Lago. Tentei fundir-me na multidão, sem correr, sem levantar suspeitas, até conseguir sair para uma rua lateral e, depois, seguir o caminho que vem aqui dar. Tu viste o que se estava a passar naquele dia, milhões de pessoas nas ruas, tudo a gritar pelas Brigadas Verdes. Nem a polícia nem o exército conseguiam conter o ímpeto das massas e, de minuto para minuto, frustrados com o rumo que as coisas estavam a tomar, tornavam-se mais violentos.

No caminho até aqui vi centenas de pessoas a ser espancadas, algumas até perderem os sentidos. Deves ter assistido ao mesmo... Corpos abandonados em becos escuros, sem ninguém se certificar se estavam vivos ou mortos. Percebi que muitos estavam ali há dias, deixados de propósito pelas autoridades para amedrontar os manifestantes e lhes mostrar o que lhes podia acontecer se persistissem na desobediência. Porém, nada disso fazia qualquer diferença, porque quem engrossava as manifestações estava disposto a entrar na guerra e a dar o corpo às balas. Mesmo os que acordavam entre sangue e membros, levando atrás de si o cheiro fétido da morte, voltavam para as ruas, com mais raiva, com mais determinação. A propaganda das Brigadas Verdes continuava a ser veiculada com sucesso, sobretudo através das redes sociais, e a maioria queria mesmo a tal

mudança prometida. Aos que não queriam, não restava mais do que fecharem-se em casa, as portas trancadas, o medo a espreitar atrás das cortinas. Não se podiam deixar ver, senão seriam confrontados pelos vizinhos, chamados de cobardes, obrigados a vir para a rua. A luta era de todos. Não havia espaço para neutralidades, e quem se quisesse manter à distância de toda a convulsão era considerado pró-sistema.

Quando estava a uns três quarteirões daqui, comecei a ficar preocupado. As ruas ficaram mais vazias, o que me deixava mais exposto. Tinha a sensação de que seria abatido caso me cruzasse com um carro da polícia, por isso, escondi-me dentro de um contentor de lixo até ser noite, e, na escuridão, finalmente consegui chegar à Casa. Estava tudo tal qual tínhamos deixado da última vez que lá estivéramos com a Laura, tanto tempo antes, excepto a vegetação, que agora me chegava acima dos joelhos. A ruína mantinha-se ali como um esqueleto cansado. Comecei por te procurar por toda a propriedade. Havia a possibilidade de teres chegado antes de mim. Percorri o jardim e cada pedaço dos escombros da casa. Nada. Por fim, aninhei-me contra uma parede de onde conseguia ver o portão, não fosses tu finalmente aparecer, e fechei os olhos na esperança de conseguir dormir. Não consegui. Os gritos, os tiros e as sirenes não cessavam, e a cada hora que passava sem que chegasses aumentava a minha certeza de que já não vinhas. Sentia que chamavas por mim, e eu ali, sem te poder salvar. Imaginava-te um daqueles corpos esquecidos nos becos. E a culpa era minha, que te tinha largado. Imaginava que te apanhavam e levavam para interrogatório. E a culpa era minha, que tinha acedido a que nos separássemos. Não chores. Eu sei... Já passou. Eu estou aqui.

Na manhã seguinte, tive de resistir à tentação de sair para te procurar. A prudência venceu. Prudência ou cobardia, não sei. Convenci-me de que de nada me valia ser apanhado e de que tu talvez estivesses escondida num qualquer buraco, à espera de uma oportunidade para vires até aqui. Fui ficando. Escondi-me na sala das máquinas, alimentei-me de pequenos frutos que havia nas árvores e bebi água da mangueira que enchia o lago. Nunca pensei que ainda estivesse a funcionar. Lá fora, continuavam as sirenes, os tiros, as explosões; cá dentro, soava apenas a culpa por não ter conseguido proteger-te. À medida que os dias avançavam, porém, os

helicópteros e os bombardeamentos deixaram de se ouvir. Havia menos tiros e mais vozes a gritar «ninguém nos vai parar». Só então me aventurei para lá dos limites da propriedade, sempre à noite, protegido pela escuridão.

Os manifestantes continuavam nas ruas, incansáveis. Espalhavam pregos nas estradas por onde ainda passavam algumas carrinhas do corpo de intervenção e carregavam em macas corpos inertes que tinham sido deixados no meio das ruas, exibindo-os nas redes sociais. A prova da brutalidade usada pelas autoridades para calar as vozes dissidentes que exigiam mudanças. Agora, além da pressão interna, o Governo começava a ser pressionado pela comunidade internacional para ouvir os manifestantes em vez de tentar calá-los pela força. As Brigadas continuavam a piratear as emissões televisivas com os seus vídeos propagandistas, em que explicavam quais as medidas concretas que o governo tinha de tomar. Acelerar a transição energética; proibir a circulação de veículos não eléctricos; punir os incendiários com penas de prisão efectiva; proibir o uso de fertilizantes, as embalagens de plástico, o consumo de carne. Por cada vídeo lançado, mais pessoas saíam espontaneamente às ruas exigindo que as reivindicações das Brigadas Verdes se tornassem lei. E o pior é que, de repente, as próprias pessoas se comportavam como se fossem membros das Brigadas. Já não era apenas o vestirem-se de fato-macaco verde e raparem o cabelo, como vimos naquele dia em que fugimos do alfarrabista. Agora faziam também justiça pelas próprias mãos. Matar como eles matam, era o lema. Assisti a coisas que nunca poderia ter imaginado. Pessoas que pareciam animais selvagens, a pilharem tudo por onde passavam, a destruírem os carros não eléctricos, a espancarem uma mulher até à morte só porque usava um blusão de cabedal, consegues imaginar? Nessa noite, percebi que não podia ficar aqui muito mais tempo. O que quer que viesse a acontecer quando a vitória das Brigadas fosse oficial, algo que devia estar por horas, não ia ser bonito. Tinha de fugir do país.

Foi então que reparei na tampa de esgoto ao fundo da sala das máquinas e decidi abri-la. Fosse o que fosse que encontrasse lá em baixo, teria de ir dar a algum lado. Talvez um rio, talvez o mar, talvez apenas um lugar mais calmo onde não tivesse de assistir a todas as atrocidades que se estavam a passar na cidade. Encontrei estes túneis técnicos há muito

desativados. A pouca água que havia no chão era das chuvas e da humidade. Não tinha lanterna, por isso, andei às apalpadelas, contando os passos para conseguir voltar para trás quando me arrependesse de tamanha aventura. Até que dei com o Sam, um homem entroncado, mais velho, que me atirou contra a parede e me agarrou pelo pescoço, apontando uma lanterna bem aos meus olhos. Atabalhoadamente, disse quem era e o que fazia ali. Largou-me e pediu desculpa, explicando, no seu sotaque inglês, que era arqueólogo e que também estava a tentar fugir da cidade. Acabara de perder o único filho numa manifestação e não queria ficar nem mais um minuto aqui. Conhecia bem os subterrâneos da cidade, pois andava há anos a investigar a existência de antigos túneis da cidade medieval, entretanto perdidos com sucessivos aterros. Sabia que um deles desembocava numa zona junto à fronteira e que estava perto de o encontrar. Fiquei com ele. Tratou-me como o filho que perdera. Mostrou-me os mapas medievais e o lugar onde achava que podia haver uma abertura para esses túneis perdidos, a nossa única salvação, uma vez que, ao que tudo indicava, nem o Governo, nem as Brigadas sabiam da sua existência.

Ao longo da semana, fomos encontrando outras pessoas a vaguear nestas entranhas secretas da cidade. Cada um tinha entrado por um sítio diferente, mas todos tínhamos vindo parar a este labirinto subterrâneo para fugir da loucura que se vivia na superfície. Começámos a desenhar o nosso próprio mapa, sinalizando os lugares por onde era seguro subir à superfície em busca de comida, e também os lugares que Sam achava que nos poderiam dar acesso ao outro submundo. Ainda não tínhamos encontrado esta galeria, pelo que dormíamos no chão, sempre um em vigília para afastar as ratazanas.

Quando os tiros foram substituídos por cânticos de vitória e manifestações de alegria, percebemos que as Brigadas Verdes tinham vencido. Tomaram o poder sem mais resistência, a pedido da população. Eram os heróis, os salvadores da pátria e do planeta. Nas ruas, vivia-se o êxtase colectivo. Sempre com um discurso altruísta, os líderes do movimento, a nossa Laura incluída, prometeram meter mãos à obra de imediato, arrumar a casa, implementar todas as medidas necessárias para criar um país auto-suficiente e sustentável. Fariam eleições assim que

houvesse estabilidade. Para já, iam repor as fronteiras e deixar sair quem quisesse continuar a viver um estilo de vida insustentável noutro país qualquer.

Não foram muitos os que partiram. Toda a gente estava feliz e, aparentemente, esquecida de como o movimento começara. «Foram bem mortos, os poluidores», «os fins justificam os meios», «vamos criar um mundo melhor», eram os argumentos. Aqui em baixo, houve quem aproveitasse a deixa para abandonar país, mesmo sabendo que não poderia regressar. Outros foram tentar descobrir como estavam as suas casas e famílias depois daquelas semanas de loucura. Eu, como não tinha para onde ir, fiquei e prometi a mim mesmo que só sairia daqui quando te encontrasse. Morta ou viva.

Continuei a viver na escuridão com o Sam, que se recusava a partir até encontrar os túneis antigos. Sem me identificar, fui dar o teu nome para a lista de desaparecidos. Cruzaram os dados e descobriram que tinhas estado detida na prisão de alta segurança, mas que as Brigadas haviam libertado todos os prisioneiros e não se sabia para onde cada um tinha ido. Decidi esperar. Tinha a certeza de que, assim que te visses livre, me procurarias na Casa do Lago. Aliás, foi aqui que combinámos encontrar-nos quando nos separámos naquele dia. Calculei quantos dias demorarias a chegar a pé. Cinco no máximo. Oito se fizesses paragens mais demoradas. Mas o tempo passava e eu não tinha notícias tuas. Comecei a ficar preocupado. E se alguém te tivesse feito mal no caminho? E se tivesses escolhido partir sem sequer me procurares?

Foram dias de profunda angústia. Não podia sair do país sem ter a certeza do que te tinha acontecido, mas também não podia ficar num lugar que já não reconhecia como meu. Um país onde os cidadãos não podiam circular livremente nem passar a fronteira, onde eram obrigados a usar um símbolo das Brigadas Verdes na roupa, provando que já tinham feito o registo de cidadania e que estavam empenhados em construir uma nova sociedade. Assim que o prazo de abandono voluntário do território terminou, fui outra vez consultar a lista oficial. O teu nome continuava na coluna dos desaparecidos. Respirei de alívio. Pelo menos, podia viver com a esperança de que não estavas morta nem tinhas partido. Restava-me aguardar.

Entretanto, chegámos ao Verão, e o Sam continuava a palmilhar caminhos infundáveis em busca dos seus túneis, que eu começava a achar que eram imaginados. Até que um dia encontrou mesmo a passagem por que tanto procurava, atrás de uma parede de tijolo. Foi sozinho investigar onde ia desembocar e, poucos dias depois, regressou com um sorriso triunfal. Tinha encontrado a saída que sempre acreditara existir, a apenas quinze quilómetros daqui. Podíamos partir a qualquer altura, sem sermos vaiados e cuspidos como aqueles que o fizeram legalmente. Os ingratos, os retrógrados, os que não queriam ver o único caminho possível para a salvação. No entanto, nenhum de nós se queria ir embora. Eu, sobretudo por tua causa, ele, porque percebeu que o que se passava na superfície era demasiado inquietante.

O regime estava em funções há cerca de dois meses, e todos os dias saía um edital com novas regras e proibições. Também todos os dias, pessoas anónimas comportavam-se como vigilantes, acusando os vizinhos ou fazendo justiça pelas próprias mãos. Vivia-se um clima de suspeita constante. Pouco a pouco, alguns dos nossos antigos companheiros regressaram ao submundo. Cada um trazia novas histórias de repressão e desproporcionalidade entre o crime e o castigo. Cada um trazia mais um amigo também. Por vezes, os crimes derivavam de puro desconhecimento das novas regras, mas as Brigadas eram intransigentes. Algumas vozes começaram a levantar-se, para serem imediatamente abafadas. Surgiu o rumor de que havia uma prisão para dissidentes.

Em poucos dias já éramos demasiados a viver nesta pequena galeria e não podíamos simplesmente sair em barda para o país vizinho sem ter onde ficar ou quem nos ajudasse por lá. Seria meio caminho andado para que as Brigadas descobrissem o túnel. Tínhamos de planear tudo com prudência e retirar as pessoas uma a uma, sobretudo aqueles que já estavam a ser investigados e temiam ser presos em breve. Tínhamos também de criar na superfície uma rede de contactos à prova de bala, que nos ajudasse não só com informações acerca das movimentações do novo regime, mas também com mantimentos e outras coisas de que precisávamos. Conseguimo-lo maioritariamente através das avós ou mães de membros do nosso grupo, as únicas que, mesmo não concordando, jamais denunciariam os próprios filhos. Mas também através de pessoas

como a Olívia e o Mário, que continuam a trabalhar até hoje no hospital e a fazer uma vida dupla. Percebemos que, afinal, havia muitas pessoas que se recusavam a aceitar o estado das coisas. Não estávamos sozinhos.

A saída do túnel medieval desemboca numa floresta densa, impossível de vigiar. A duzentos metros é outro país. Levámos semanas a investigar o esquema de vigilância, até percebermos que não havia um. Sabíamos que era uma questão de tempo, claro, até porque, ao longo de toda a fronteira, já estavam a ser erguidos muros. Tínhamos uma janela curta para sair e levar connosco quem conseguíssemos. Mas eu não queria sair. Não sem ti. Continuava a ir todos os dias à superfície, espreitar o pequeno portão das traseiras da Casa do Lago, verificar se os arbustos estavam intactos ou se tu tinhas entrado durante uma das minhas excursões subterrâneas. Prometi a mim mesmo que, enquanto houvesse pessoas para retirar, eu daria a minha vez. Seria o último. O que fecha a porta. Deixar-te-ia uma carta e um mapa para nos seguires. Esperaria por ti do outro lado.

A primeira pessoa a passar a fronteira foi o Sam. Tinha de ser alguém que fizesse a ponte com outras pessoas dispostas a ajudar-nos do lado de lá. O Sam era bem relacionado e certamente conseguiria montar em pouco tempo uma estrutura para acolher os fugitivos que se seguiriam. Além disso, tem dupla nacionalidade. Seria mais fácil pedir asilo, caso algo corresse mal. Demos-lhe uma semana até voltarmos àquele lugar com o primeiro fugitivo e a esperança de que o Sam estivesse do outro lado, pronto para o levar. Se não estivesse, o fugitivo estaria por sua conta. Não podíamos fazer mais. Não tínhamos, e não temos, comunicações. Demasiado arriscado. Combinamos dias e horas certas, e esperamos conseguir cumprir. Felizmente, essa primeira fuga correu bem. Após semanas de angústia, abriu-se uma janela de esperança. Uma janela não, um túnel inteiro.

Começámos, então, a actividade de forma mais regular. Escolhíamos dias aleatórios para fazer a passagem, para não dar nas vistas, caminhos diferentes no meio da floresta para não marcar o solo com os nossos passos. Pensávamos que ia ser trabalho para um mês ou dois, mas a cada ida à superfície os nossos contactos pediam que ajudássemos mais uma pessoa e mais outra e mais outra. Não podíamos parar. Actualmente, sabemos que há outros túneis de fuga, que, entretanto, se transformaram

em vias de contrabando, algumas com a convivência de pessoas do regime, pagas a peso de ouro. Aqui não. Aqui só passam pessoas e não lhes pedimos dinheiro. Também não traficamos bens. Tudo o que recebemos é para nosso uso apenas. Pilhas para as lanternas, medicamentos, munições. O que foi? Não olhes assim para mim. Temos de estar preparados, ou achas que se nos apanharem nos vão dar alguma hipótese? Dão-nos logo um tiro nos cornos. São animais. Tu sabes que são.

Agora que finalmente te encontrámos, até podia terminar a minha missão e sair daqui contigo hoje mesmo, em busca de uma vida bem longe. Mas não posso e vou explicar-te porquê. Temos de continuar a enviar para fora daqui pessoas que estejam dispostas a falar com os jornalistas dos outros países e a dizer a verdade sobre o que se passa por cá. Queremos mostrar ao mundo que, embora este novo governo tenha estado a atingir todas as metas do acordo de Paris em tempo recorde, há um lado muito negro na forma como o tem conseguido. Mas atenção, tu podes partir se quiseres. Levamos-te lá neste instante, se for preciso. Sei que vives sozinha e mal sais daquela loja, não debes ter nada que te prenda aqui. Conheço-te bem demais para acreditar que estás feliz. Mas também podes ficar comigo. Não tens de decidir nada agora.

De qualquer forma, já salvámos sessenta pessoas, só que a informação que o Sam nos tem dado é que todas elas têm sido desacreditadas. Sabemos que há gente das Brigadas infiltrada no país vizinho e que é muito fácil apelidar de negacionista alguém que critica medidas de salvação do planeta. Algumas dessas pessoas desapareceram sem deixar rasto. O Sam não pode garantir se foi um desaparecimento voluntário ou se alguém as fez desaparecer. Então, percebemos que a única hipótese de sermos levados a sério pela comunidade internacional é levarmos connosco um membro do regime e obrigá-lo a contar ao mundo o que realmente se passa aqui.

Não, não se trata bem de um rapto, quer dizer, tem de ser alguém que se mostre verdadeiramente arrependido e testemunhe na primeira pessoa no Tribunal Penal Internacional. E agora, por favor, não te passes com o que vou dizer...

Já adivinhaste de quem estou a falar, não já?

Sim, é a Laura.

Por favor, ouve-me, Billie!

Peço-te apenas que me ouças até ao fim.

Eu também andei meses e meses a alimentar a minha raiva. Não conseguia esquecer que ela tinha participado naqueles assassinatos escabrosos e que foi a causa de todo o nosso sofrimento. Senti-me usado e manipulado por ela, que não hesitou em abandonar-nos à nossa sorte por um ideal que se tornou perverso. Senti-me ridículo por todas as vezes em que pensei declarar-lhe o meu amor. Tanto tempo a achar que estava apaixonado por ela, mas quem era a verdadeira Laura, afinal? Não conseguia vê-la como a heroína que toda a gente via. Para mim, era simplesmente uma desilusão. Sempre que pensava nela, não sentia nem uma réstia daquele amor que em tempos me consumiu. Mas, certa noite, tudo mudou.

Andava eu numa das minhas saídas de vigilância nocturnas, quando, ao fundo da estrada vi um carro antigo a circular. Sim, um carro antigo, a gasolina, com ruído de motor e tubo de escape! Também pensava que tinham sido todos destruídos, mas ali estava aquele exemplar. Escondi-me imediatamente atrás de uma daquelas paragens de autocarro cobertas com plantas de cima a baixo, pressentindo que algo não ia correr bem. E tinha razão, pois logo surgiram quatro indivíduos de fato-macaco verde a bloquear a estrada, apontando metralhadoras ao condutor, que teve de travar a fundo. Não sei se eram membros oficiais das Brigadas Verdes ou apenas pessoas que continuavam a comportar-se como vigilantes. Ainda há muito disso por aí. Só sei que estavam a ser muito agressivos e recusaram-se a deixar o veículo passar. O condutor, um rapaz que não devia ter sequer dezoito anos, chorava, explicando que o avô estava a ter um ataque cardíaco e que tirara o velho carro da garagem porque precisava mesmo de ir ao hospital. Um homem de cabelos grisalhos e desgrehados estava deitado no banco de trás, o corpo a soluçar como que engolindo golfadas de ar, a mão sobre o peito. Os homens, no entanto, estavam irredutíveis. Mandaram o rapaz sair do carro e continuar a pé. O rapaz implorou, pediu que os levassem então num veículo eléctrico, tirou o avô do carro e tentou transportá-lo nos braços. Não há palavras para descrever o seu desespero.

E eis que, não sei de onde nem como, aparece a Laura. Estava tão embrenhado na história que se desenrolava perante os meus olhos que não

vi chegar o Morcego de onde ela saiu, seguida de três militares, como se a escoltassem; apenas lhe reconheci a voz, depois o porte, depois os gestos. Os meus olhos encheram-se de lágrimas, não sei se de raiva, se de espanto. A Laura estava ali, no meio daquela rua escura, a escassos metros do sítio onde me mantive escondido, a dirigir-se a quatro homens armados, destemida e determinada.

— Camaradas — gritou, levando a que os homens, assustados, desviassem as armas do rapaz e as apontassem a ela. — O meu nome é Laura Espinosa e sou uma das líderes das Brigadas Verdes.

Os homens olharam uns para os outros em descrédito. Como é que aquela mulher, pequena e delicada, podia ser a Laura dos vídeos que circulavam por todo o lado? A cara da Revolução?

— Ordeno-vos que deixem este rapaz passar — continuou ela, avançando em direcção aos homens sem hesitar.

— Nem mais um passo — gritou um deles, atrapalhado. — Para já, nem sabemos se dizes a verdade. De onde saíste?

— Não interessa de onde saí. Interessa onde vais parar se não deixares este carro passar — respondeu a Laura, aproximando-se até quase ficar testa com testa com o homem. De repente, parecia que o seu corpo crescera e era agora uma mulher de dois metros. A proximidade do seu rosto fez com que os homens a reconhecessem.

— Laura, desculpe, mas é proibido circular em carros que não sejam eléctricos. Você mesma disse isso. Você mesma, no vídeo, pediu que os civis patrulhassem as estradas e impedissem os carros não eléctricos de circular.

— Eu sei que disse isso, porém, temos de saber avaliar as situações. Há uma pessoa em risco de vida, que tem de seguir imediatamente para o hospital! Se não têm um carro eléctrico que o leve, têm de deixar passar este.

— É um velho, quer dizer...

— Deixem-nos passar! Já!

Ainda ela não tinha acabado de falar e já os três militares que a escoltavam, se aproximavam, esses sim, seguramente das Brigadas Verdes ou do novo exército por elas criado, vestidos com uniformes cheios de protecções e capacetes similares aos das forças especiais. Os quatro homens recuaram, assustados, mas os três militares não se dirigiam a eles, antes à

Laura, que logo ali seguraram e algemaram sem qualquer contemplação. A Laura olhou para eles com total estupefacção. Como se atreviam? Ao mesmo tempo, um deles mandou o rapaz continuar a andar. O rapaz obedeceu, tremendo, com o avô nos braços. Não andou mais do que dez metros. O velho segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido, que o fez ajoelhar-se e ficar ali, no meio da estrada, a segurá-lo no colo.

— Larguem-me! Larguem-me e deixem-nos passar — continuava a Laura, tentando soltar-se.

Instantes depois, o corpo do velho deu um esticão, a cabeça tombou para trás e a rua encheu-se com o grito de dor do rapaz.

— Vejam só o que fizeram — gritou também a Laura. — Seus monstros!

Os quatro homens que tinham feito a barricada afastaram-se, indiferentes, a sua missão já estava cumprida. O carro não passara. Fim da história. Então, o rapaz levantou-se em fúria e foi a correr atrás deles, a chamar-lhes assassinos. Acto contínuo, um dos militares deu-lhe um tiro na cabeça. Os homens riram-se, mas logo depois outros quatro tiros atingiram as suas cabeças. Um, dois, três, quatro tiros certos, precisos, infalíveis. Ficou o silêncio e seis corpos no chão. Eu encolhi-me, horrorizado, a Laura abriu a boca de espanto e confusão. Um dos militares informou-a de que estava presa por traição e enfiou-a com brusquidão dentro do Morcego. Sim, ouviste bem, Billie, a Laura foi presa por traição, ali mesmo à minha frente, ninguém me contou. Presumo que os outros homens foram mortos para não espalharem a notícia de que um dos líderes das Brigadas Verdes, cuja mão de ferro vigia cada cidadão para que cumpra todas as regras, estava disposta a quebrar uma delas para salvar um velho. Ainda por cima, um velho.

Não digas que é bem feito, Billie, vá lá. Bem sei que ela nos mentiu e traiu, mas começo a achar que tinhas razão quando, no início de tudo, disseste que não podíamos desistir dela e que tínhamos de salvá-la. Quando acreditaste que ela não estava em si ao juntar-se àquele grupo de fanáticos. Ali, naquela rua, eu vi a nossa Laura, a Laura que não se calava perante uma injustiça, a Laura que defendia sempre os mais fracos, a Laura dos discursos inflamados e contagiantes, a Laura com um enorme coração. Não é a mesma Laura que obriga as mulheres a abortarem o segundo filho ou que está a aprovar a eutanásia obrigatória a partir dos

noventa. Não é, Billie, não é!

Mas deixa-me só terminar, não fujas.

Não te zangues comigo, por favor.

Há mais uma coisa que precisas de saber...

A Laura está grávida.

Sabemos isso porque encontrámos o sítio para onde a levaram depois desta cena. Temos um informador que vigia o pátio da prisão para onde levam os inimigos do regime, de forma que possa dar notícias deles às famílias. Foi ele que reparou nela. Todos os dias, segundo nos conta, a Laura sai para uma hora de passeio nesse pátio, apenas quando está vazio, o que nos faz crer que está completamente isolada. De dia para dia, ele tem visto a sua barriga a crescer. Pelas nossas contas, estará agora no último mês de gravidez. Achamos que é só por isso que continua viva. E por precisarem dela para a celebração do terceiro aniversário do regime, que se avizinha. Para os vídeos, não precisam. Os que têm circulado nos últimos meses já foram feitos através de inteligência artificial. Mas ela vai aparecer na parada, isso sabemos de fonte segura. Não há como não ter a cara da Revolução a desfilar perante o povo. Aliás, os pósteres que cobrem as paredes de tudo quanto é rua a anunciar esse grande evento têm a cara dela. Depois disso, e de a criança nascer, acreditamos que vão matá-la. Não podem manter viva uma pessoa que, perante várias testemunhas, estava a ir contra a lei e a pedir que os outros também o fizessem. Admitir tal rebeldia seria o princípio do fim. E mesmo que só três dessas testemunhas continuem vivas, eles são militares. O exemplo tem de vir de cima. Com certeza que os líderes vão inventar um acidente ou um parto que correu mal.

Achas bem que a matem?

Vá lá, não digas isso.

Eu sei, é muita informação para assimilares. Ainda nem te perguntei como passaste, quando voltaste, onde estiveste. Não queres falar sobre isso? Tudo bem. Falas quando estiveres preparada. Também não te disse qual o nosso plano para raptar a Laura e levá-la connosco para longe daqui.

Não queres saber?

Espera, Billie! Não te vás embora assim.

Billie!

Billie!

Nem estou em mim. Não sei o que fazer nem o que pensar de tudo isto. Preciso de ir para casa. Só quero enfiar-me na cama, na escuridão que nos é imposta, e adormecer. Quero acordar amanhã com a certeza de que isto foi só um sonho. Não encontrei o Max. Não estive a chorar nos seus braços. Não voltei a encher-me de esperança.

Porque é que todas as pessoas são desilusão atrás de desilusão? Haverá alguém no mundo que seja verdadeiro, que não tenha uma agenda, que não esteja sempre à procura do que podemos fazer por eles? Diz que ficou aqui este tempo todo por mim, à espera de me encontrar, mas afinal foi só pela Laura. Afinal, a Laura é que é boa. A Laura é que é a salvação. A Laura, que nos deixou em suspenso durante um ano, que virou a vida de toda a gente do avesso, que tem as mãos manchadas de sangue e de lágrimas e de mortes. Não só as mortes planeadas, que executou sem piedade, mas todas as outras que aconteceram porque a maldade, a suspeita e o medo se instalaram entre todos nós. Como a morte daquele homem que só tinha fome, na primeira aldeia. Ou do talhante que só estava a tentar sobreviver com o seu negócio. Ou da menina que eu era antes de ser espancada e violada. Essas mortes também contam, sabias Max? E agora, afinal, ela é boa. Está muito arrependida e disposta a denunciar aquilo que ajudou a criar. Só porque defendeu um rapaz e o seu avô numa noite escura. E quantos rapazes e avôs morreram em todas as outras noites por causa dela?

Três anos. Já passaram quase três anos disto e vão passar muitos mais. E o Max a falar da Resistência. Resistência a quê? Não há uma só voz discordante. Metade das pessoas vive com medo. A outra metade, alienada, hipnotizada, convencida de que este é o caminho

certo. E o pior é que parece mesmo ser. Os números não mentem. O país tornou-se um oásis, um farol de esperança na guerra contra as alterações climáticas, que eventualmente todos os outros países quererão copiar. Não sei. Não tenho como saber o que se passa lá fora, o que dizem de nós, mas não me parece que a Resistência seja assim tanta gente. O que são sessenta pessoas? Quem é que, no seu perfeito juízo, quer sair daqui? Lá fora, tal como acontecia por cá até as Brigadas terem tomado as rédeas, continua a haver escassez de comida, incêndios cada vez mais devastadores, espécies extintas. Aqui temos verde, campos cultivados e passarinhos a chilrear por todo o lado. Três anos bastaram para restaurar centenas de ecossistemas, reabilitar solos, diminuir a concentração de substâncias tóxicas do ar que respiramos. Três anos! Estranho é ainda não termos sido invadidos por milhões de pessoas a querer um pouco deste paraíso. Claro que ninguém se insurge. Não se pode querer tudo. Salvar o planeta tem um custo. No nosso caso, pagamos com eugenia, vigilância e censura. De que servem as liberdades individuais se morrermos todos?

Peço ao Max que me leve até à Casa do Lago por aquele labirinto subterrâneo. Não respondo enquanto repete a mesma história e argumentos. Não lhe perdoo por querer perdoar a Laura. Assim que entro na sala das máquinas, fecho a tampa do esgoto para que não venha atrás de mim. Coloco por cima o papelão velho, tento desfazer as pegadas que ficaram marcadas no chão e saio dali para fora. Reparo que são quase seis da tarde.

Pedalo furiosamente de volta a casa. Estive todo o dia fora, pelo que estou preocupada com a possibilidade de ter levantado suspeitas. Era só o que me faltava, ter uma Mosca a vigiar-me. Começo a achar que tenho. Talvez não estivesse a ser paranóica de todas as vezes em que me senti observada ou fiquei fechada em casa. De certeza que eles sabem que eu sou a Billie e, qualquer dia, aparecem para me vir buscar. Enquanto achei que a Laura mandava alguma coisa, consegui dormir de noite. Na carta patética que deixou na cave, garantiu que nos ia proteger. Porém, agora ela não me pode salvar. Pelo contrário. Se calhar até lhes daria gozo fazerem-me mal só para a torturarem.

Sempre a Laura, a destruir a minha vida.

Entro em casa. Pela primeira vez, não preciso de ir a correr encher os garrafões e as panelas com água durante a hora livre. Ainda estão cheios com a água da manhã. Também vou a tempo de usufruir de duas horas de electricidade, que de nada me servem. Não tenho computador nem telefone para carregar. Posso ouvir um pouco de música. Talvez Bach me acalme.

Estou furiosa com o Max. Para que é que me veio buscar, então? O que é que ele quer de mim? Deve querer ajuda para salvar a Laura, claro, sempre o cãozinho dela. Esteve à minha espera, diz ele. Pois que continue à espera, sentado. Já não sou a Billie. Nunca mais serei a Billie. E não quero ter nada que ver com os planos de ajudar dissidentes a fugir, na esperança de que nos salvem a partir de fora. Vão acabar todos fuzilados. É uma questão de tempo. Se há infiltrados lá fora a impedir os que têm saído de falar, então, cá dentro já se está a investigar quem os ajuda. Inevitavelmente alguém se vai lembrar de procurar debaixo da terra. Nem pensar. Estou fora.

Deito-me na cama e fecho os olhos. Sou a Joana, não os conheço, não conheço ninguém. Vim de longe, a pedido do meu tio-avô Joel, apenas para tomar conta deste alfarrabista. É essa a minha história. Não quero saber de mais nada.

Inspiro fundo.

Sinto o cheiro do Max na minha roupa e estremeço.

Ele podia ter fugido daqui há muito tempo, mas escolheu ficar. Não desistiu de mim. Foi o que disse. No fundo, sei que é verdade...

Quero abraçá-lo outra vez. Não há muitas oportunidades para abraçar alguém que julgávamos morto.

Mas não posso! Ele está do lado dela. Não posso perdoar outra traição.

Apetece-me levantar e deambular pela casa; ajuda-me a pensar. Porém, não quero fazer nada que possa levantar a mínima suspeita. Já basta ter passado todo o dia fora. Se alguém me estiver a vigiar, há-de voltar à sua base com o relatório limpo. «O alvo manteve todas as suas rotinas e horários. Com excepção de um passeio de bicicleta, que consideramos insuspeito, uma vez que é domingo e esteve um dia

deveras apazível. Continuaremos a observá-la. Fim de relatório.»

Estará a Mosca no prédio da frente? Em cima de um telhado? Será o vizinho do lado?

Sinto a boca seca.

Começo a transpirar.

Ainda há um pouco de água no copo que tenho em cima da mesa-de-cabeceira. Tacteio no escuro até sentir o frio do vidro na ponta dos dedos. A quantidade é pouca, mas sabe-me como uma garrafa inteira. O tecto sobre a minha cama não tem nada além de uma racha. Nem uma sanca, nem um candeeiro, nada que me distraia e leve a mente para outro lugar. No meu quarto no apartamento da Laura havia estrelinhas que brilhavam no escuro, pintadas com uma tinta especial. Deus me livrasse de comprar aquelas de plástico ou autocolantes. A Laura matar-me-ia. «Sabias que os autocolantes não são recicláveis? A cola que têm impede que os possamos reciclar», disse-me quando me atrevi a sugerir fazermos autocolantes para os Estudantes Pelo Planeta.

A Laura.

Sempre a Laura a invadir os meus pensamentos.

Nem acredito que está grávida, prestes a ter um bebé. Será mesmo verdade? Lembro-me de quando, um dia, acordou a chorar porque achava que engravidara de um rapaz com quem teve um caso fugaz.

— Toma a pílula do dia seguinte, sua tola — disse eu, pragmática.

— Não posso. Já foi há mais de um mês — respondeu, em pranto.

— E só agora é que te lembraste?

— Só agora é que o período me faltou...

— Calma, vamos por partes, quem é ele?

— Não interessa, não é para repetir.

— E não usaste preservativo?

— Usei, mas, fiquei com a sensação de que se rompeu um pouco, não sei explicar.

— Então, por que raio... Esquece, não vale a pena estar aqui a falar sobre o que se passou há mais de um mês. Tens de fazer um teste de gravidez.

— E se estiver grávida?

— Se estiveres, estás, daqui a pouco já sabes — respondi, pragmática, pegando no telemóvel e teclando com rapidez. — Vou mandar uma mensagem ao Max para que traga um teste da farmácia. Ele está a caminho de casa.

— Não! Assim, ele fica a saber.

— Ele vai sempre ficar a saber.

— Não se for falso alarme.

— Como se tu não fosses falar sobre o assunto até à exaustão...

— Deixa. Tens razão. Nós não temos segredos.

— Bem me parecia.

— Se estiver grávida, achas que devo ficar com o bebé? — perguntou apreensiva.

— Ah, não, nem penses que me vais pôr essa cruz em cima.

— Não é isso, é só que... há tantos bebés no mundo, ter filhos não é nada sustentável, mas por outro lado, agora que existe a possibilidade de estar grávida, acho que não ia conseguir não o ter.

— A única coisa que posso dizer é que estarei sempre aqui para ti, seja qual for a tua decisão.

— E se o tiver, ajudas-me a mudar as fraldas, a baixar as febres, a tomar conta dele?

— Tudo o que precisares — tranquilizei-a.

— Dizes-me que eu estou linda quando estiver gorda e barriguda?

— Tu vais estar linda.

— Seguras-me a mão no bloco de partos?

— A mão, o pé, o que quiseres.

Nem dez minutos tinham passado quando o Max chegou, esbaforido. As mãos tremiam-lhe ao entregar o teste à Laura. Ficou a vê-la entrar na casa de banho como se estivesse a entrar num foguetão que a levaria para sempre para outro planeta. Não conseguia falar. A Laura voltou à sala pouco depois e colocou o teste na mesa de centro. Ficámos os três a olhar, à espera de ver aparecer dois tracinhos vermelhos.

— Podes ser madrinha dele?

— Posso, claro. Com todo o gosto — respondi, com um certo orgulho.

— E tu, Max, podes ser o padrinho?

— Er... Sim, óbvio, obrigado pelo convite — disse ele, pigarreando.

— Assim seremos uma família de verdade — concluiu a Laura.

— Nós já somos uma família de verdade — lembrou o Max.

Demos as mãos e ficámos em silêncio até passarem os cinco minutos, como indicava a embalagem. O teste deu negativo. Suspirámos de alívio. A Laura fez um sorriso ligeiramente desiludido.

— Não fiques assim — disse eu. — Eu serei a madrinha quando realmente engravidares.

*

E agora há mesmo um bebé na barriga dela. A barriga que eu nunca vi, nem pude acariciar. Algures nesta cidade está uma Laura grávida, sem ninguém para lhe dizer que está bonita. Algures nesta cidade vai nascer o filho da Laura, de quem não poderei ser madrinha. Sinto a almofada molhada. Sou mesmo estúpida. Estou a chorar por causa dela outra vez.

O que me custa mais nesta clausura, não é a falta de alguém com quem conversar, mas sim dormir sozinha. Desde os tempos do colégio, raramente dormi sozinha. Sempre tive medo não do escuro, mas do silêncio. Talvez porque, durante os primeiros tempos após a morte da minha mãe, falava com o seu retrato e ela nunca me respondia. Silêncio para mim era igual a morte. Essa foi uma das principais razões para ter arranjado companheiros de casa ao fim de apenas uma semana no meu pequeno apartamento. E sempre que não tinha um namorado, era na cama do Max ou da Billie que me enfiava, só para sentir alguém a respirar ao meu lado. A respiração profunda dos outros acalma-me. Lembra-me o vai-e-vem das ondas a desfazer-se na areia.

Bem sei que já não estou sozinha há vários meses, mas como ainda não consigo sentir a respiração do meu bebé, durmo mal. Pudera eu ter um estetoscópio e ficar a ouvir o seu coraçãozinho.... Fico feliz quando me pontapeia as entranhas, o que é cada vez mais comum neste final de tempo. E falo muito com ele. Escrevo-lhe cartas no pequeno caderno que me permitem ter. Como não me disseram se é menino ou menina nas duas ecografias que me fizeram, chamo-lhe Ervilha.

A minha cela é completamente diferente da dos outros prisioneiros. É quase como uma suite. Tem uma cama grande e confortável, casa de banho completa, um sofá com repouso-pés, um leitor de CD, uma bola de Pilates e todos os livros que eu quiser requisitar. Uma enfermeira vem cá diariamente para me ver e as refeições são muito completas. E posso passear ao ar livre duas horas por dia. Uma de manhã e outra de tarde, os únicos momentos em que me sinto a respirar. Depois de tantas horas em clausura, sentir o vento beijar-me a pele ou poder olhar para a infinitude do céu é sempre um deslumbramento. E sim, faz-me bem o exercício, ainda

que eu também o faça na minha cela. Foi um hábito que criei dos tempos de intenso treino a que toda a célula foi sujeita, nos primórdios disto tudo. Autodefesa, artes marciais, manejo de armas, técnicas de sobrevivência, incluindo simulação de situações em que poderíamos ficar fechados em espaços pequenos durante semanas. Afinal, serviu para alguma coisa. Nenhum destes privilégios é para mim, sei-o bem. Paolo está apenas preocupado com a criança que carrego. Só isso lhe interessa.

É irónico: a pessoa que impôs a lei do filho único e que obriga as mulheres a abortar caso tenham uma segunda gestação, é a mesma que me impediu de interromper a gravidez. «Daqui a cinquenta anos, pode não haver água, comida, planeta! O que será desta criança?», perguntava eu. «Viverá neste nosso oásis» respondia ele. «Seremos invadidos por quem está do lado de fora e não tem nada», argumentava eu. «Faremos muros mais altos», ripostava ele. Deve ser o incontrolável orgulho de macho a prevalecer. O desejo de perpetuar o poder nas mãos de um filho, ele, que agora se vê como um rei. Como é que eu poderia confessar-lhe que os meus argumentos eram apenas desculpas para não ter um filho dele? Como é que eu poderia confessar-lhe que me sentia como se aquele filho que carregava fosse fruto de uma violação? Que agora, quando tremia ao seu toque, era por medo, e não por desejo. E ele a acariciar-me a barriga. E eu a afastar-me, fingindo estar enjoada.

Quase todos os dias, desde há umas semanas, obriga-me a ir para um cubículo com uma abertura circular, na qual enfio a barriga para que me possa tocar sem me encarar. Encosta os lábios à minha pele e fala com ternura para o filho. Há dias em que me apetece atirar o cubículo ao chão e obrigá-lo a olhar-me nos olhos; mas há outros em que me deixo comover pelas suas palavras e sinto saudades dos tempos em que nos amávamos no esconderijo da quinta, onde adormecíamos abraçados e víamos o sol nascer por entre os arbustos. São apenas as hormonas, bem sei. O meu coração está vazio. Há muito que deixei de o amar.

No outro dia, dirigiu-me a palavra pela primeira vez desde o dia em que me enfiou aqui. Disse que vou ter de desfilar na grande parada de aniversário. Que tenho de estar sorridente e não tentar nada estúpido. Que vai haver uma recepção depois, onde terei de ir e acenar e evitar responder ao que quer que seja. Acima de tudo, tenho de me mostrar imensamente

feliz e dar-lhe a mão. Deu estas instruções num tom mecânico, o mesmo que usaria com um qualquer soldado que nunca tivesse visto antes. Gelo também na sua voz.

Vai matar-me, sei-o bem. Selei o meu destino naquela noite em que tentei salvar o avô e o neto. A Maria estava na carrinha e assistiu a tudo. Foi quem deu a ordem para me algemarem logo ali.

— Sabes a merda que podias ter provocado? Quem é que pensas que és?

— Não ia deixar uma pessoa morrer só porque uns estúpidos decidiram brincar às Brigadas Verdes.

— Foram estes estúpidos que nos deram a vitória, sua besta! Foram estes estúpidos que andaram nas ruas a gritar por nós, a proteger-nos, a levar a cabo verdadeiras mudanças!

— Tem de haver bom senso! Não se pode andar por aí a matar inocentes!

— Aqui não há inocentes, nem culpados. Quando muito, há danos colaterais. E regras que têm de ser cumpridas escrupulosamente.

— Todas as regras podem ter uma excepção.

— Não as nossas. Além disso, podias ter levado um tiro, sua imbecil!

— Desculpa, não me contive...

— Desculpas, vais ter de pedir ao Paolo. Eu sempre soube que não tinhas maturidade para isto, desde o primeiro dia. Falas muito bem, escreves muito bem discursos e é só. Devias ter ficado sempre nos bastidores, mas não, tinhas logo de dormir com ele, enfeitá-lo com esse palminho de cara que é agora símbolo da nossa Revolução. Para mim, estás acabada. És um risco para o grupo e para a causa.

O Paolo achou o mesmo. Até essa noite, ainda ninguém sabia do nosso segredo, mas ele fez gala em revelá-lo a toda a direcção, para que soubessem, sem sombra de dúvida, que nem a minha gravidez o impediria de me castigar. Pelas minhas contas, tenho entre duas a quatro semanas de vida. O tempo que falta até a minha Ervilha nascer. Talvez me matem logo ali, na sala de parto. Ou talvez me deixem viver mais um pouco para amamentar a criança. Mas matar-me-ão, não tenho dúvidas. Não me importo. Eu mereço. Por todo o sangue de inocentes que mancha estas mãos. Por ter achado que depois da Revolução viria a paz. Por não ter previsto que o poder corrompe.

Só tenho pena desta criança, que será criada por um louco sem conhecer o amor de uma mãe. São poucas as memórias que tenho da minha. Conto pelos dedos os momentos que consigo recriar, porém, recordo-me bem do seu amor. Sei que me amou com todas as suas forças e que preferiu morrer a estar um dia que fosse longe de mim. Já eu, nunca terei essa oportunidade. Não faço ideia do que o Paolo irá contar ao nosso filho sobre mim. Já que lhe vai mentir acerca das circunstâncias da minha morte, espero que invente uma mentira doce. E que lhe mostre estes cadernos, onde todos os dias lhe conto histórias bonitas e lhe confesso o meu amor.

Há muito tempo que não dormia tão mal. Demasiados sonhos, demasiado reais. Dói-me o corpo e a alma. Só quero ficar aqui na cama, enrolada na penumbra e no lençol, como fazia no quarto da quinta onde a Salete me instalou. Depois do trabalho, tomava um banho, ajudava com o jantar, comia com quem estava e seguia para a cama. Não lia, não via televisão, não jogava às cartas. Limitava-me a retirar-me para dentro de uma bolha onde não cabiam conversas nem sorrisos. Não me apetece levantar, mas sei que tenho de manter uma rotina insuspeita e aproveitar a hora da água para tomar um duche. Um minuto e trinta segundos certos. Todas as torneiras têm temporizador. Mais uma razão para continuar a usar o cabelo curto. Cada vez mais mulheres o fazem, na verdade. Já para não falar das que continuam com as cabeças rapadas como os nossos queridos ídolos da Revolução. Também voltou a ser moda as tranças e os lenços na cabeça, não sei se para evitar ou esconder a sujidade. As mulheres de hoje parecem saídas das fotografias que eu via em casa da minha avó.

A água tépida dá-me um pouco de energia. Ligo a música e tiro um café. Deixo outro já tirado para a hora de almoço. Aprendi a bebê-lo frio, não por gosto, mas porque não tenho outro remédio. Electricidade não é quando se quer, é quando se pode. E acho que ainda vai demorar muito tempo até todos os prédios serem completamente alimentados por energias renováveis e acabarem estas limitações. Se é que vão acabar. Desço até à loja e saboreio o café ao balcão, depois de abertas as grades. O sol da manhã banha o espaço com uma tonalidade dourada, que condiz com o amarelado das folhas dos livros. Adoro o sol da manhã. E com isto fico um pouco mais bem-

disposta.

O primeiro cliente a entrar na loja é um senhor que nunca vi antes por aqui. Traz dois livros debaixo do braço, que deve querer vender ou trocar por outros. Deixo-o à vontade, como sempre. Parte do prazer de entrar num alfarrabista é poder apreciar e manusear os exemplares que cobrem cada prateleira, com tempo e sem ninguém a interromper o percurso que os olhos fazem pelas lombadas. Tento abstrair-me, mas não consigo deixar de sentir que o homem me olha de alto a baixo, escondido atrás de uma das estantes. Sinto um frio na barriga. Começo a achar que é uma Mosca, só pode. Uma gota de suor escorre-me pela testa. Imagino que me vai apanhar em falso e obrigar a contar tudo. Não vou aguentar se me levarem outra vez para uma sala de interrogatório. Vou revelar quem sou, porque me escondi, onde fui ontem, com quem estive, que planos têm. Não vou hesitar, nem fazer-me difícil. Faço um juramento à bandeira, peço perdão, o que eles quiserem, desde que não voltem a deixar-me abandonada numa cela, não voltem a amarrar-me a uma cadeira, não se riam enquanto testam até onde aguento a dor. O homem dirige-se ao balcão. Sorrio e tento parecer calma. Pergunta se pode trocar os dois livros que traz na mão por outros dois que tirou da estante. Digo logo que sim, sem sequer ver muito bem que livros quer deixar e que livros quer levar. Se calhar, vou ficar a perder. Suspiro perante o meu pedantismo. O que é que isso interessa? Um livro é um livro.

— Desculpe, estava a olhá-la insistentemente, não me leve a mal — começa por dizer o homem —, mas é que eu era cliente do Joel e estava a tentar perceber se tinha alguma parecença com ele. É a neta, não é?

— Sobrinha-neta.

— Ah, pois, bem me parecia que ele não tinha filhos. Como está o meu amigo?

— Está ótimo — menti. — Gostou mais de voltar à terra do que imaginara e agora não quer outra coisa. Não volta tão cedo.

— Ah, fico feliz por ele, mas tenho pena. Era um excelente livreiro, homem sábio, nunca me aconselhou um livro de que eu não tivesse gostado. Era como se soubesse exactamente o que eu precisava de ler

em cada altura.

— É verdade, também sinto o mesmo. Às vezes, telefono-lhe só para pedir uma sugestão de leitura — volto a mentir, se bem que apenas na parte de telefonar ao Sr. Joel, a outra é mesmo verdade: ele dava-nos sempre excelentes sugestões de leitura e parecia ter um conhecimento infinito da Literatura.

— Ah, então quando voltar a falar com ele, diga-lhe que estive aqui o Zeca e pergunte-lhe o que devo ler a seguir.

— Claro, esteja descansado — asseguro eu, tentando decorar os livros que o homem leva com ele para tentar perceber o género de que gosta. Mesmo que seja uma Mosca, tenho de manter a minha personagem.

— Adeusinho, menina.

— Joana. Sou a Joana.

— Adeusinho, Joana — disse o homem, lançando-me um quase-sorriso.

Tenho as mãos a tremer, escondo-as atrás das costas. A dúvida é o pior dos tormentos e eu continuo sem saber lidar com ela sempre que interajo com alguém. Tento racionalizar cada gesto e cada palavra trocada com o homem. Por um lado, acho que se fosse Mosca não ia dizer-me o nome, mesmo que falso, nem perder tempo a falar de livros. As Moscas só observam, não interagem. A não ser que estivesse a tentar ganhar a minha confiança, para ver se me descaio com alguma informação. Por outro lado, mesmo não sendo uma Mosca, se conhecia o Sr. Joel, pode saber que ele não tem sobrinha-neta nenhuma e, nesse caso, será inequivocamente uma questão de tempo até me desmascarar e denunciar às autoridades. Estou feita. E paranóica. Cada pessoa que entra na loja a seguir, parece-me suspeita. Homens e mulheres, novos e velhos, sinto que todos me olham e julgam, esperando apenas por um mínimo deslize meu. Quero que o dia acabe depressa. Pôr trancas à porta. Quero voltar a ter paz.

Estava conformada, até o Max ter reaparecido na minha vida... Após seis meses na cidade, já me tinha habituado a esta rotina cheia de pequenos nada, todos os dias iguais, excepto o domingo, que, não sendo igual aos outros dias, era igual ao domingo anterior e também

ao seguinte. Limpar a casa, fazer compotas, ler sem interrupções. Não dar conversa, evitar a intimidade, passar despercebida, esperar para ver o que isto dá. Até o Max ter reaparecido, não tinha noção do quão segura é a ignorância, do quão fácil é viver resignado. Só que agora sei que debaixo dos meus pés algo se agita e floresce. Debaixo dos meus pés há esperança ou, pelo menos, um longo túnel para um lugar onde não há Moscas, nem Morcegos, nem pessoas levadas de casa a meio da noite. Agora que sei da existência dessa outra dimensão, o meu coração agita-se e começa a provocar pequenas faíscas, activando circuitos que já não me lembrava de possuir. É uma questão de tempo até um fogo deflagrar. Um fogo que pode matar. Que pode matar-me.

Talvez o Max tenha razão. Talvez não me reste mais nada senão juntar-me a ele e partir. Não vou conseguir viver neste constante sobressalto. Depois do que vi lá em baixo e do que sei que estão a planear, nada será como antes. Mas como é que posso avisá-lo de que estou disposta a regressar à Casa do Lago e ouvir o que pretendem fazer? Quem deixará o portão destrancado? E, ainda que consiga entrar, como encontrarei a galeria no meio daquela escuridão dos túneis? Se fosse fácil, já os tinham descoberto. Vou ter de esperar que ele volte a procurar-me. Depois de tanto tempo não me vai deixar fugir à primeira contrariedade, tenho a certeza.

Max, eu consigo perdoar-te, por favor, vem buscar-me. Não me deixes sozinha outra vez...

Agora parece que o tempo não passa.

Agora parece que tudo estagnou.

A Billie saiu daqui transtornada. Não era minha intenção deixá-la assim. Mas haveria outra maneira de lhe contar o que se passa? Deveria ter deixado que falasse primeiro e me contasse tudo aquilo por que passou nestes anos? Terei sido demasiado intenso, insensível? Agora que penso nisso, talvez sim. Mas nós nunca tivemos rodeios um com o outro, seria estranho falar de outra maneira, com paninhos quentes ou aquele cuidado com que se fala com alguém com quem não temos grande confiança. Por outro lado, a verdade é que se passaram três anos. Já não somos as mesmas pessoas que se separaram no meio de uma multidão. Tudo aquilo que vimos e vivemos durante este tempo deixou marcas e talvez tenha criado uma barreira que nunca tivemos entre nós. Talvez sejamos de facto dois estranhos...

De uma coisa tenho a certeza: perdemos a inocência. Dá-me vontade de rir quando recordo como éramos no tempo dos Estudantes Pelo Planeta. Cheios de ideias e a crença inabalável de que o mundo podia mudar com palavras de ordem gritadas nas ruas, petições ao governo, cortes de estradas, ocupação de edifícios. Nisso, o Paolo tinha razão, há que admitir: é por demais evidente que as coisas só mudam verdadeiramente com uma revolução. O caminho já nessa altura estava a ser traçado, tenho a certeza. A ida dele à nossa reunião tinha um só objectivo: angariar seguidores para a sua causa radical. Conseguiu convencer a melhor de nós. Não é por acaso que tudo lhe correu tão bem.

A Billie decerto ficou a achar que só permaneci aqui até agora para tentar salvar a Laura. Não podia estar mais longe da verdade. Estava a ser completamente honesto quando lhe disse que a raiva e a desilusão desfizeram qualquer sentimento que tenha tido por ela. E claro que sei, e nunca esquecerei, que a Laura, ainda que possa ter tentado suavizar as

Brigadas Verdes, foi uma das figuras centrais na conquista dos apoiantes da causa. Está muito longe de ser inocente. O que não invalida que se tenha arrependido ou que queira fazer alguma coisa para travar o curso que as coisas tomaram. Eu vi o choque dela quando os soldados mataram o rapaz e, depois, os outros homens. Vi como se encolheu e engoliu em seco. Vi como estava aterrorizada. Mas, sim, posso estar enganado... aquilo pode ter sido apenas uma reacção do momento e a Laura estar empenhada em ser perdoada pelo Paolo e voltar à cúpula do poder. Pode perfeitamente mandar prender-nos assim que lhe contarmos o nosso plano. Pode estar tão cega, que não se tenha dado conta de que tem a vida em risco. Ainda ponderei em só falar da Laura depois de a Billie confirmar que se queria juntar a nós, mas tenho a certeza de que teria sido pior. Não havia uma maneira de fazer isto sem, de alguma forma, a magoar.

Já sabia que era ela quem estava no alfarrabista há cerca de dois meses, mas não a quis pôr a par do plano até que este estivesse bem fechado. Passei por lá por mero acaso, numa das raras idas diurnas à cidade. Há muito tempo que não passava naquela rua, muito menos durante o dia, e as grades levantadas chamaram-me imediatamente a atenção. Inicialmente, ainda pensei que o Sr. Joel tivesse voltado. A confusão dos primeiros tempos estava sanada, cada cidadão já conhecia bem os seus deveres e obrigações, e uma loja com livros antigos e manuseados era um negócio muito bem visto pelas autoridades. Refreei a tentação de entrar e abraçar aquele velho amigo, tendo optado por observar à distância, meio escondido pelos arbustos que floriam do outro lado da rua. Fiquei surpreendido quando, em vez do homem magro e curvado, cabelo de prata e óculos de aros finos na ponta do nariz, vi uma mulher a passar atrás do balcão. Quem seria a jovem? O Sr. Joel não tinha família e jamais iria confiar os seus preciosos livros a uma empregada. Teria alguém simplesmente invadido o espaço e reclamado como seu, como tanta gente fez a outros negócios, cujos donos teimavam em não reaparecer?

Entrei no café em frente, pedi um sumo para disfarçar e deixei-me ficar na mesa junto à janela a tentar perceber quem seria aquela mulher. Vi-a aproximar-se da montra, olhando melancolicamente para o vazio. O cabelo acima do queixo, os óculos de massa demasiado grandes para o tamanho do seu rosto e, de repente, um cruzar de braços que me era

demasiado familiar. Parecia mesmo a Billie. Senti um aperto no estômago. Olhei com mais atenção para aquela mulher perdida nos seus pensamentos. Os lábios finos, o pescoço longo... era mesmo a Billie! Quase não contive um grito, ali mesmo, no meio do café! Quis acenar, quis entrar, quis abraçá-la, por fim. Mas depressa me lembrei de todos os perigos que isso acarretaria e decidi não o fazer. Regressei para o subterrâneo a matutar nas razões que a levaram a não me procurar.

Tínhamos combinado na Casa do Lago. Todos os dias eu arriscava tudo, a minha vida e a dos outros companheiros, para ir até ao pequeno portão das traseiras em busca de um vestígio dela. Todos os dias desde há quase três anos e, afinal, ela estava ali, viva, inteira, serena, sem nunca me ter procurado. Perguntei-me se seria pró-regime. Se refizera a vida como quase toda a gente, esquecendo tudo o que acontecera antes. Se simplesmente não me queria reencontrar. Através dos meus informadores depressa descobri que dava pelo nome de Joana e se dizia sobrinha-neta do Sr. Joel. Só aí consegui respirar de alívio. Aparentemente, havia uma razão para não me ter procurado e outra mais profunda para estar a viver sob uma identidade falsa. Foi isso que me fez acreditar que estaria do nosso lado, assim que soubesse da nossa existência. Foi isso que me fez pensar na melhor forma de a fazer vir até mim sem a colocar em risco. Talvez esta não tenha sido a melhor opção, admito. Talvez devesse mesmo ter entrado loja adentro, fechado as grades, descido até à cave e dizer-lhe tudo o que lhe disse, mas num lugar onde se sentia segura. Só nós os dois, a noite inteira pela frente, sem pessoas estranhas e túneis desalumiados. No entanto, tive medo de arriscar.

Acredito que possa estar confusa e zangada, mas sei que conseguirei fazê-la ver que não há outra solução. Temos de sair daqui com a Laura do nosso lado e desmascarar este governo, que tem conquistado a admiração de tanta gente, dentro e fora de portas. O Sam diz que, noutros países, começa a haver manifestações de solidariedade para com as Brigadas. Multidões a pressionar os seus governos para que tomem medidas idênticas, fascinados com o tanto que se conquistou em tão pouco tempo. Sabemos que muito do que circula lá fora é manipulado cá dentro, feito para tocar no coração das massas, potenciado pelo poder sem filtro das notícias falsas veiculadas livremente nas redes sociais. O Paolo desdobra-se

em entrevistas a grandes cadeias noticiosas internacionais, envia imagens e dados e números impossíveis de ignorar, ainda que, quando deixa algum jornalista estrangeiro entrar, este seja cautelosamente vigiado e encaminhado para os lugares mais luminosos deste domínio. Nesses dias, não há Moscas nem Morcegos a circular. Corre até o rumor de que as Brigadas Verdes vão ser nomeadas para o Prémio Nobel da Paz, dá para acreditar? Nem tive tempo de contar isso à Billie. Prémio Nobel da Paz! Qualquer dia os terroristas somos nós! Morreremos aqui ou morreremos lá fora, párias a quem ninguém dará asilo.

Amanhã vou enviar-lhe outra mensagem. Estamos a ficar sem tempo. A grande parada de aniversário é dentro de dias e é o único momento em que vamos poder ver a Laura em carne e osso. Tenho a certeza de que vai aparecer na parada de aniversário, claro, o povo assim o exige. É a nossa última hipótese. O plano vai para a frente com ou sem a Billie. Eu preferia que fosse com ela ao meu lado. Ficarei devastado se escolher ficar...

Tenho umas olheiras até ao queixo, reparo agora. Não que costume ligar à minha aparência, longe disso. Tenho fugido dos espelhos a sete pés. Sou a Joana, e no reflexo da Joana há muito que não cabe a Billie. No entanto, desde que voltei do encontro com o Max, tento encontrar-me por detrás da tez pálida, dos cabelos brancos que, entretanto, despontaram apesar da minha idade, da ruga de preocupação que se formou entre os olhos. Estar com ele abriu o alçapão do lugar onde tenho estado escondida. Escondida de mim própria e das recordações a que não quero voltar.

As olheiras não são só destas últimas noites mal dormidas, sei-o bem. São de meses e meses a viver em sobressalto, sempre a desconfiar de cada pessoa que olha para mim. De dia, o coração dispara assim que o pequeno sino atrás da porta soa, anunciando a entrada de alguém. De noite, acordo ao primeiro ranger do piso ou com passos na escada, imaginando umas botas cardadas a arrombar a porta a meio da noite, como fizeram com a minha vizinha de cima naquela vez.

Estou exausta. Não tenho conseguido fazer nada e estou atrasada no trabalho para o Armazém Comunitário. Tenho três dias para ir apanhar os figos que já pesam na figueira do quintal, cozinhar, esterilizar os frascos, derramar neles a compota e esperar que esfriem naturalmente. Esta noite, sem falta, tenho de o fazer. Também preciso de ir à mercearia comprar pão, bebida vegetal, lentilhas, uma vela. O problema é que não quero abandonar a loja nem por um minuto, pois temo que o Max, ou seja quem for que ele envie com instruções para um novo encontro, bata com o nariz na porta. Sei que ele não vai desistir de mim...

Por fim, decido ir à mercearia à hora de almoço. Não demoro mais de quinze minutos. No caminho de regresso, porém, a um quarteirão de casa, vejo um Morcego parar no meio da praça. Fico sem pinga de sangue, certa de que vieram buscar-me. A porta abre-se, mas, em vez de soldados a marchar na minha direcção, saem lá de dentro três homens com ar maltrapilho e um cheiro nauseabundo. Respiro de alívio. Decerto são cidadãos prevaricadores, a regressar de um castigo na lixeira para agora fazerem o seu caminho da vergonha até casa, perante os olhares críticos e os apupos dos transeuntes. É o castigo para quem coloca lixo reciclável no lixo comum. Há cães treinados para farejar os caixotes do lixo e é relativamente fácil localizar os infractores, embora, volta e meia, haja enganar. Ou pessoas que colocam o lixo no contentor dos outros para os incriminarem e se vingarem de algo insignificante. Quezílias de vizinhos. Há gente para tudo, mesmo neste país tão limpo e tão verde... É por isso que evito sair. É por isso que tenho mesmo de me juntar ao Max. Não posso continuar a viver assim. Não quero...

Volto para a loja cabisbaixa, evitando olhar para a cara da Laura estampada em tudo o que é parede. Estão a levar isto da Parada de Aniversário muito a sério. Demasiado a sério. Fomentar o orgulho nacional.

Pouco depois de reabrir a loja, o rapaz aparece. No mesmo *hoodie* cinzento, no mesmo andar apressado. David, parece-me que foi esse o nome que o Max disse. Não consigo disfarçar a minha felicidade. Desta vez, traz um livro na mão e dirige-se directamente ao balcão, em vez de deambular entre as estantes. Pousa o exemplar sobre o tampo gasto de madeira. Leio o título de imediato: *Amanhã a Esta Hora*, de Emma Straub. Levanto os olhos, espantada, e vejo que o rapaz me fita sem revelar qualquer emoção. Olho para o relógio. São 15h05.

— Temos de fingir que estamos a conversar — diz ele, por fim.

— Sim, claro — gaguejo. — David, não é?

— Podes gesticular mais.

— Desculpa.

— Não faz mal. Preciso de uma resposta. Não tenho muito tempo.

— Na verdade, tenho aqui um livro que serve de resposta. Podes levá-lo?

— Posso.

Estendo-lhe um exemplar do *Nunca Me Deixes*, de Kazuo Ishiguro, ao qual junto um sorriso. O David levanta o braço, num gesto de agradecimento e vai-se embora. Não sei quanto tempo fiquei a olhar para a porta a sorrir. Espero que ninguém tenha reparado. Eu sabia que o Max não ia desistir de mim. Amanhã, precisamente às 15h05, estarei ao portão da Casa do Lago.

Passo o resto da tarde a fazer uma lista mental de coisas que devo colocar na mochila que tenciono levar comigo (um lápis previamente afiado, o meu único caderno, escova de dentes, roupa interior, algumas *T-shirts*), e outra lista com coisas práticas que devo fazer antes de sair, como desligar o quadro eléctrico, fechar as grades à chave, em vez de me limitar a baixá-las como habitualmente, esvaziar o frigorífico e levar o lixo para o contentor. Sei que não voltarei aqui. Não posso deixar alimentos que se possam estragar. Depois lembro-me de que, quando amanhã não abrir a loja todo o dia, as Moscas vão reparar. Não é desejável fechar qualquer tipo de negócio sem aviso prévio bem justificado. Ao início, vão dar-me o benefício da dúvida: posso ter ido ao Armazém Comunitário, do outro lado da cidade, a uma consulta ou estar, simplesmente, no piso de cima a convalescer de uma qualquer indisposição. Ao segundo dia, porém, vão tocar à campainha e, não abrindo eu a porta, começarão a fazer perguntas aos vizinhos e aos lojistas das redondezas. Ao terceiro dia, vão entrar na loja e no apartamento, sem dó nem piedade. Será suspeito se não encontrarem comida no frigorífico e a escova de dentes no seu lugar. É preferível que pensem que saí e que me aconteceu alguma coisa. Um atropelamento, uma queda num buraco, ou algo menos trágico como ter ido passar uns dias a casa de alguém, um novo amor, quicá... Até cruzarem a informação, os alarmes de fuga não serão accionados e eu vou ganhando tempo. Sim, é melhor deixar tudo como está.

Depois de fechar a loja e correr a grade, em jeito de despedida, percorro cada estante, passando o dedo e os olhos uma última vez por todos aqueles exemplares empoeirados, que têm sido a minha

companhia e salvação nos últimos meses. Espero que quem vier a ficar com a loja lhes tenha tanto carinho como eu tenho. Num último impulso, escolho levar um comigo: *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.

Chego ao portão da Casa do Lago precisamente à hora combinada. Desta vez, por ser um dia de semana, cruzei-me com centenas de pessoas pelo caminho. Será que alguma delas reparou em mim? Será que alguém vai saber dizer para onde me dirigia, se mais tarde lhe perguntarem? O senhor, por acaso, viu uma mulher de vinte e poucos anos, cabelo castanho pelo queixo, óculos de massa, numa bicicleta cinzenta? Claro que sim, seguiu pela direita, depois virou na terceira à esquerda. Mais à frente outra testemunha dirá: claro que vi, ia nesta direcção e, ao fundo da rua, virou à direita. E outra ainda dirá, com certeza, vi uma mulher entrar com uma bicicleta cinzenta por aquele portão velho, deve estar a tramar alguma, pois aquele terreno está abandonado e assombrado há vários anos, só alguém muito suspeito teria entrado ali. Afasto estes pensamentos, mas pelo sim pelo não, antes de entrar no quarteirão da Casa do Lago, decido largar a bicicleta num beco, troco de *T-shirt*, prendo o cabelo e deito os óculos falsos fora. Andas a ver filmes a mais, diria o Max há uns anos se me visse nestes preparos. Talvez. Mas isto não é um filme e sinto que devo ter todo o cuidado possível.

São precisamente 15h05. Atravesso o portão e, sem fazer barulho, caminho cautelosamente pelas ruínas até à sala das máquinas. Nada de Max por aqui. Decido afastar o papelão e abrir a tampa de esgoto por onde entrámos no outro dia. Não faço ideia se estará alguém lá em baixo para me guiar até à galeria, pelo que o meu plano é avançar pela esquerda, tacteando a parede até encontrar uma abertura que me permita virar à direita. Acho que depois disso não virámos em mais lado nenhum. Mas como saber onde está a parede falsa? O melhor é ficar aqui, junto às escadas até alguém me vir buscar. Perder-me num labirinto de túneis, onde não vejo um palmo à frente do nariz, não é muito inteligente. Ainda assim, decido descer às cegas, pé ante pé, até que ouço a voz do Max:

— Estou aqui.

Quando chego aos últimos degraus, ele pega-me ao colo, encosta-me à parede e beijamo-nos. A última vez que tinha beijado alguém foi numa outra vida, por isso, este beijo tem o sabor e a surpresa de um primeiro. Sinto um formigueiro no lábio inferior, um arrepio na barriga e a ausência absoluta de som, como se estivéssemos dentro de uma bolha, a flutuar rumo a uma outra realidade. Quando nos largamos, não trocamos uma única palavra. Não consigo ver a cara dele e ainda bem que ele não consegue ver a minha, porque me sinto corar como uma adolescente.

Não sei o que nos deu, nem o que pensar daquilo. Provavelmente foi o entusiasmo de estarmos juntos outra vez, de eu ter aceitado fazer parte desta última aventura, que será mesmo definitiva, visto que, ou conseguimos cumprir cada passo e saímos vivos disto, ou seremos apanhados e executados exemplarmente. Não tem qualquer interesse ficar a matutar nisso agora. Não posso voltar atrás. Limitamo-nos a avançar pelo túnel de mãos dadas, seguindo a quase inexistente luz da lanterna do Max, até que, por fim, chegamos à galeria, onde dois dos companheiros dele, a Rita e o Luís, nos esperam para me porem a par do plano. Os outros já estão a preparar a sua parte na superfície.

— Temos três hipóteses possíveis — explica-me o Max, quando percebe que eu continuo com muitas dúvidas em relação ao plano. — A primeira é aceitar esta nova ordem e viver resignadamente num país totalitário, mas em profunda regeneração ambiental, na esperança de que, dentro de pouco tempo, seja permitido formar novos partidos políticos e disputar eleições livres. A História mostra-nos que tal nunca acontece. O mais provável é que as Brigadas ganhem as eleições, vendo-se ainda mais legitimadas pelo voto popular. A segunda hipótese é fugir daqui sem salvar mais ninguém, vivendo com o peso na consciência de não ter feito nada, cúmplices com o nosso silêncio. A terceira é fugir daqui, mas levando connosco a Laura, que será a prova de que este é um regime repressivo, que diariamente atropela os direitos dos seus cidadãos.

— E em que é que isso vai mudar alguma coisa? — interrogo. — Quantos países do mundo reprimem e torturam os seus cidadãos sem

que a comunidade internacional possa ou queira fazer alguma coisa? Quantos países do mundo tiveram ditaduras durante três, quatro, cinco décadas, sem que os dissidentes asilados tenham conseguido mudar o que quer que fosse? A não ser que as Brigadas Verdes comecem a invadir os países vizinhos, ninguém vai mexer uma palha para ajudar quem aqui ficar.

— Então desistimos? Salvamo-nos e esquecemos os outros? — pergunta a Rita.

— Os outros não querem ser salvos. Vivem obedientemente felizes — respondo.

— Ou resignadamente amedrontados.

— Eu concordo que a terceira é a opção menos má, mas não me conformo com não podermos voltar para salvar mais ninguém... — confesso. — Assim que as Brigadas perceberem que levámos a Laura, vão levantar pedra por pedra até descobrirem como o fizemos e, consequentemente, vão descobrir o túnel. Este e os outros todos de que me falaste e que têm servido para o contrabando. Vamos estar a isolar cada vez mais todos os que ficarem.

— O problema é que temos a informação de que já alguém levantou a suspeita da existência de túneis — explica-me o Max. — É uma questão de tempo até nos descobrirem. E quando digo tempo, estou a falar de poucos dias. Basta meia dúzia de *drones* com câmaras termográficas e uns cães pisteiros para nos encontrarem num par de horas. Acho que só ainda não o fizeram porque todos os meios de segurança estão a ser canalizados para a parada. Se ficarmos mais tempo, seremos todos executados. Se sairmos agora, temos pelo menos a hipótese de agitar as coisas. Temos a hipótese de dar voz a quem fica — conclui ele, agarrando as minhas mãos.

Olho-os um por um. Vejo nas suas caras que esta é uma discussão antiga, e eu não estou a trazer para a mesa nenhuma perspectiva nova. Decerto que todos eles, bem como os outros elementos que não estão aqui agora, já debateram estas e outras hipóteses que, entretanto, se perderam. É impossível contornar as Moscas, é impossível combater a propaganda diária, é impossível tentar convencer o povo de que estaríamos melhor sem as Brigadas e fazer

uma contra-revolução. Sim, eles têm razão. A única forma de ajudar quem fica é revelar o que se passa. Mostrar ao mundo que os fins, por mais nobres que sejam, não justificam os meios. E fazê-lo lá de fora, em relativa segurança, num lugar onde possamos voltar a fazer ouvir a nossa voz.

Com clareza e determinação, põem-me a par de cada passo do plano.

Avançamos amanhã.

Passo a noite abraçada ao Max. Quero decorar-lhe o cheiro, o ritmo a que respira, a textura da pele. Quero conseguir ver de olhos fechados a linha do seu maxilar, o contorno dos seus braços, a falha quase imperceptível no dente da frente. Se esta for a última vez que estamos juntos, sei que tatuei cada minuto na minha memória. Voltarei a ela sempre com ternura, esteja onde estiver, aconteça o que acontecer.

Às primeiras horas da manhã, a Rita acorda-nos com cuidado. Está na hora de avançar. Cada um agarra na sua mochila e dirige-se ao seu posto. Eu e o Max não nos despedimos. Aliás, ninguém se despede. Seria como atrair a má sorte e admitir que existe uma forte possibilidade de não nos encontrarmos em breve do lado de lá da fronteira. E nós temos de chegar ao lado de lá. Cada um sabe de cor o que tem de fazer e onde tem de estar a cada momento, a cada minuto. Tivemos de decorar tempos, procedimentos, plano A e plano B de cada etapa, uma vez que, durante todo o processo, não teremos como comunicar uns com os outros. Vamos ter de andar com a máxima atenção, aguardar o momento certo para dar determinado passo e esperar que não haja imprevistos. Esperar também que do outro lado da fronteira esteja o Sam com a carrinha de fuga pronta a arrancar. Não tive tempo de conhecer bem nenhum dos elementos do grupo, mas confio em cada um deles como se fôssemos família. Não há outra forma. É este o único caminho.

Ao início da manhã, deixo-me conduzir pelo Luís até à superfície. Viemos por um caminho completamente diferente, mas ele desbravou-o com a naturalidade de quem percorre estes túneis todos os dias. Antes de subir, troco de roupa, para o célebre macacão verde que a

maioria das pessoas vai envergar para assistir à Grande Parada de Aniversário, e dou-lhe um abraço. Ele fica surpreendido. Depois de me certificar de que não há ninguém por perto, saio para a rua onde me espera um radioso dia de sol. Na esquina dessa mesma rua está o David, também envergando a mesma indumentária que eu. Sem o *hoodie* percebo que afinal não é tão novo como eu pensava. Deve ter perto da minha idade. Seguimos de mãos dadas, sorrindo e cantarolando, fingindo ser um casal apaixonado que caminha despreocupadamente até à avenida por onde a Parada vai desfilar. O início está previsto para as quatro da tarde, mas viemos cedo porque é preciso garantir que fico junto da grade. Há pessoas a marcar lugar desde as oito da manhã.

O tempo vai passando devagar e eu vou encarnando a personagem de jovem activista que foi com o namorado assistir ao evento do ano, descontraídos, anónimos, como milhares de outras pessoas. Permito-me cantarolar com a multidão alguns hinos do regime, tentando esquecer por breves instantes o verdadeiro motivo que me trouxe até aqui.

— Estás muito animada — diz-me o David ao ouvido, num tom trocista.

— É suposto estar, não é?

— Nem pareces a mesma pessoa da livraria.

— E não sou, acredita. Aquela pessoa era a Joana.

— Compreendo. Aproveitei e comecei a ler o livro que mandaste, do Ishiguro.

— E então, estás a gostar?

— Sim. Se bem que seja estranho ler sobre uma distopia quando estamos a viver uma.

— Chiu!

— Ora, a maioria das pessoas não quer saber.

— Mas as Moscas ouvem tudo.

— *Ya*. Sei bem como elas trabalham. Os meus pais... — interrompe-se, temendo ter ido longe demais.

— A sério?

— Fanáticos. Devem estar aqui, algures. Saíram de casa antes de

mim. Ficaram delirantes quando disse que também vinha.

— Tens o álibi perfeito, então!

Começamos a ouvir as trompetas anunciando o início do desfile. Fico subitamente nervosa: a Parada está a subir a avenida e, dentro de instantes, vou voltar a ver a Laura, em carne e osso, à minha frente. Ainda não sei como vou reagir. Ainda sinto a raiva a ebulir dentro de mim... estou mais nervosa com isso do que com tudo o resto que nos espera.

Três carros alegóricos compõem a caravana. No primeiro vem a banda, integrada numa bonita floresta tropical com árvores feitas de *papier mâché*. Os músicos estão vestidos de flores e tocam melodias alegres. O segundo carro é composto por um planeta gigante e sorridente, rodeado de crianças envergando batas de todas as cores do arco-íris, arrancando sorrisos a quem assiste e atirando flores de papel, o que ao início me pareceu estranho, até agarrar numa e perceber que são biodegradáveis e têm sementes no seu interior. Bravo, penso eu, a atenção ao detalhe desta gente é esmagadora. O terceiro carro aproxima-se, por fim, com os líderes das Brigadas Verdes, que são também os membros que constituem o governo interino desde que o anterior foi deposto. Três anos passaram e ainda ninguém fala de eleições, confiando em oito fanáticos para nos governar. Tenho de parar com estes pensamentos subversivos. Não me admirava nada que eles já tivessem inventado uma máquina para os ler.

Este terceiro carro está decorado em forma de Arca de Noé, com centenas de animais, também esculpidos em *papier mâché*, a espreitarem em toda a volta, e, na proa, um grupo de indivíduos endeusados, como exploradores que se lançam à descoberta de novos mundos. São eles. Distingo imediatamente a Laura, num vestido branco e esvoaçante, coroa de flores pousada na cabeça rapada, como uma Iemanjá dos tempos modernos. Parece-me óbvio que está muito grávida, mas quem não sabe da novidade talvez possa pensar que se trata apenas de um vestido demasiado grande. Em circunstâncias normais, teria havido um anúncio oficial da gravidez, para que o povo pudesse celebrar o nascimento daquela criança, fruto do amor entre dois dos grandes líderes. Porém, tal poderia ser visto como hipocrisia,

uma vez que a natalidade não é mesmo nada incentivada por estas bandas. Há pessoas a mais e recursos a menos. Ao lado da Laura estão o Paolo e o Luc; atrás deles, muitos outros cujos nomes desconheço, mas cujas caras já vi em folhetos ou na televisão. O carro desliza pela avenida lentamente, para que os seus ocupantes possam acenar e sorrir a todos quantos os vieram ver. A multidão fica eufórica à medida que o conjunto se aproxima, grita vivas e agita bandeiras freneticamente. Há pessoas emocionadas, que não têm pudor em deixar cair as lágrimas. Outras que agem como fãs de uma banda *rock*. Outras que cantam o novo hino nacional.

O carro encontra-se agora a cem metros de mim. É a minha deixa. Tenho de me içar na grade e gritar por ela. Tenho de garantir que me vê. O David concorda que ninguém achará estranho ouvir chamar por aquela que ainda é o principal rosto da causa. Aqui e ali, já ouvimos pessoas a chamar pelos nomes deles, dos líderes que tão sabiamente nos guiam neste novo mundo cem por cento sustentável. Respiro fundo, encho os pulmões e grito «LAURA», o mais alto que consigo. Como num sonho, vejo-a voltar a cabeça na minha direcção. Os olhos espelham o espanto, enquanto tentam localizar a voz que, decerto, reconheceu. «LAURA», grito de novo, até sentir a garganta arranhada. Levanto os dois braços e aceno, e eis que o nosso olhar se cruza e humedece. Antes que ela tenha alguma reacção que possa chamar a atenção dos outros ou dos seguranças que vigiam o público a toda a hora, levo o indicador à boca num gesto de silêncio. Depois, viro as costas e saio dali com o David pela mão. Sinto que ela continua a seguir-me com o olhar, até ser impossível alcançar-me. O primeiro passo do plano foi bem-sucedido. Ela viu-me. Ela sabe que estou aqui e que tenho um segredo para lhe contar.

Não tenho tempo para processar as emoções contraditórias que ver a Laura me provocaram. Ainda bem que tenho alguém ao meu lado para me chamar à realidade e dizer o que tenho de fazer a seguir. Sinto as lágrimas a correr. Era a Laura. A minha Laura. Não aquela que aparece nos cartazes e vídeos, cujo olhar não reconheço, mas sim a Laura do dia da manifestação dos Estudantes Pelo Planeta, a saltitar pela rua de sorriso rasgado. A Laura dos banhos na Casa do Lago e das

tardes no sofá, a ver filmes e a comer pipocas feitas na panela e polvilhadas com açúcar e canela. Percebo agora o que o Max quis dizer. Também vi nos olhos dela. Aquela mulher não é uma assassina sanguinária. Temos de tirá-la daqui. Resta saber se ela vai querer vir connosco ou se prefere morrer por este novo mundo que ajudou a criar. Limpo o rosto e volto a colocar um sorriso. Temos de continuar dentro das nossas personagens. Um casal de namorados. O David põe o braço por cima dos meus ombros e aperta-me contra si.

A Parada de Aniversário desemboca num recinto que faz lembrar o de antigos festivais de música. Sou invadida por uma onda de saudade. Os bilhetes esgotaram há meses, pois é a primeira vez em anos que algo parecido com uma festa acontece neste novo país. Há filas na entrada, onde todas as pessoas são revistadas e identificadas, há barraquinhas a vender comida e bebida, há um palco enorme onde irão tocar várias bandas e uma zona VIP, onde os líderes e os seus convidados estarão a assistir a tudo sem se misturarem com o povo. No entanto, não é para a longa fila da entrada que nos dirigimos, mas sim para a zona reservada à entrada do pessoal, onde um homem e uma mulher nos esperam, apreensivos. Entramos numa carrinha de *catering* e trocamos de roupa e de documentos de identificação com eles, que depressa viram costas e se misturam entre os transeuntes. Afinal, a Resistência tem mais braços do que eu imaginava. Só ainda não percebi o que estas pessoas ganham em nos ajudar. Senhas extra para comida? Produtos do mercado negro? Ajuda para fugir? Saberão que não pretendemos regressar? Que depois de tirarmos a Laura daqui não voltaremos para resgatar seja quem for? Nós corremos o risco de ser apanhados durante a fuga, presos, fuzilados, mas eles, enquanto cúmplices, não terão destino melhor. O que os levará a ajudar-nos? Comovo-me com a sua bondade. Só pode ser isso, uma enorme compulsão por fazer algo de bom pelos outros. Havia esquecido que isso ainda podia existir.

Temos as fardas de limpeza, as credenciais e, no caso do David, também um bigode falso, que o aproxima vagamente da figura do sujeito que está a substituir. Passamos os cartões de identificação pelo

torniquete, que abre imediatamente. Suspiro de alívio. Sem falar com ninguém, dirigimo-nos à zona VIP, mostramos a identificação ao segurança que está de guarda àquela entrada, olhando despreocupadamente em volta. Temos de evitar o contacto visual, mas não demasiado, para não dar nas vistas. O homem observa-nos da cabeça aos pés, as fotografias dos cartões foram propositadamente sombreadas. No final, deixa-nos passar. Decido dirigir-me logo às casas de banho, evitando que os olhos dos outros pousem em mim. Mantenho-me ocupada a limpar cada pingo de água, a dobrar cada ponta de cada rolo de papel higiénico, a esvaziar cada caixote do lixo de cada cubículo. Tento andar escondida, não vá aparecer algum responsável pelo pessoal que me mande sair. Não posso sair enquanto ela não chegar. Pouco depois, começo a ouvir um burburinho e, logo a seguir, o som de inúmeros *flashes* a disparar. A Laura entra finalmente na sala, provocando toda aquela agitação. Não há quem não queira ser visto ao seu lado. Saio da casa de banho e deixo-me ficar junto à porta, aguardando que olhe para cá e me veja. Sinto as pernas a tremer.

Ali, naquele círculo restrito de pessoas muito importantes, há quem repare na barriga proeminente e lhe dê os parabéns. Paolo enlaça-lhe o braço, para que não restem dúvidas de que são um casal unido e aquele filho é seu. Acima de tudo, há que manter as aparências. Até lhe dá jeito que a notícia se espalhe neste final de gravidez. Se realmente planeiam matá-la assim que der à luz, podem sempre desculpar-se com uma complicação no parto. Que história maravilhosa para alimentar o mito: Paolo, sozinho com um filho nos braços, depois de lhe ter morrido o grande amor da sua vida. Que história comovente para criar empatia com os seus súbditos.

Tento colocar-me no campo de visão da Laura, mas é como se a farda das limpezas me conferisse um manto de invisibilidade. As pessoas passam por mim e pelas outras serviçais como se não estivéssemos lá ou como se fôssemos mais uma peça de mobília: visível, mas com a qual não devem interagir. Começo a ficar impaciente. Lanço um olhar ao David, indicando que não sei o que devo fazer. Pode passar-se uma hora até ela decidir vir à casa de

banho e eu não vou poder estar uma hora aqui especada. Arriscando ser posto na rua, como logo acaba por suceder, ele passa pela Laura e entorna um copo de vinho no seu colo. O Paolo começa a desancá-lo à frente de toda a gente, insultando-o e expulsando-o da tenda, «onde já se viu um empregado de limpeza misturado com os convidados, quem lhe deu ordem para andar aqui, alguém chame imediatamente o responsável pelo pessoal». Entro em pânico. A Laura tenta acalmá-lo, que foi sem querer, que deixe estar, que não faz mal, que é só uma bebida e o vestido seca num instante. Paolo dá um trago na bebida e encolhe os ombros, continuando a conversar com as pessoas que o rodeiam, disfarçando os laivos de tirano, já que estão por ali tantos jornalistas. Finalmente, a Laura levanta-se e dirige-se para aqui. Antes que ela entre, começo a expulsar as senhoras que estavam na fila, com a desculpa de que tenho de limpar as sanitas.

— É só um minuto, não demora mesmo nada — digo eu, empurrando-as para fora dali, aguardando que Laura chegue à porta.

— Posso entrar só para limpar o vestido? — pergunta ela, sem me reconhecer.

— Entre, sim — respondo eu, colocando o sinal de «em manutenção» no lado de fora da porta.

Ela levanta, então, os olhos do vestido e vê o meu reflexo no espelho, empalidecendo no mesmo instante. Murmura o meu nome, mas não a deixo falar, apenas a envolvo num abraço. É difícil concentrar-me e não desmoronar perante o seu cheiro e a barriga de grávida comprimida contra a minha. Tenho o súbito impulso de me ajoelhar e encostar a cabeça nela para tentar sentir aquele que deveria ter sido o meu afilhado desde o primeiro minuto. Cerro os dentes e esforço-me para visualizar o Max e os outros na galeria, no dia em que os conheci: pálidos de uma vida passada debaixo de terra, subnutridos, exaustos, mas nem por um instante hesitantes quanto à decisão que acabámos de tomar, tão imprudente quanto irreversível. Não posso quebrar agora. Não é hora de redenção. Segredo-lhe ao ouvido as instruções que tenho para lhe dar.

— Corres perigo de vida. Estou com o Max. Vamos tirar-te do país — começo eu, embora sejam tantas outras as palavras que lhe quero

dizer. — Esta noite, antes de este festival acabar, tens de fingir que estás a sentir dores muito fortes e que tiveste uma pequena perda de sangue. Suja as cuecas com este sangue falso. A ambulância que está aqui à porta vai levar-te para o hospital central.

— Mas e se o Paolo me mandar para o prisional?

— Tens de lhe implorar, dizer que lá não há ecógrafos ou que não há anestesista caso seja necessária alguma intervenção, sei lá, saberás melhor do que eu como convencê-lo. Quando chegares às Urgências, tens de dizer aos médicos que estás cheia de dores, dores insuportáveis e, mesmo que eles não encontrem nada de estranho depois de te examinarem, tens de fazer de tudo para ficar internada. Desmaia, revira os olhos, perde as forças. Durante a noite, receberás outras instruções. Tenho de ir.

— Espera... — pede ela, apertando-me a mão, mas eu não posso ficar.

Saio da casa de banho, retiro o sinal de manutenção e dou a minha tarefa por terminada. Pronto. Já não está nas minhas mãos. Abandono a tenda VIP tão discretamente quanto entrei e livro-me da bata e da touca, voltando a ser apenas mais uma pessoa do público a cirandar por ali. Tenho de me manter por perto até chegar a ambulância e garantir que a Laura entra nela. Mal consigo respirar. O meu coração salta desenfreadamente, num misto de medo, comoção e expectativa. Pressupomos todos de que a Laura também acredita que pode ser executada mal o bebé nasça e que quer fugir connosco. Pressupomos que está arrependida, desiludida, aterrorizada, e que fará aquilo que lhe dissermos para fazer sem questionar, nomeadamente este teatro para ser levada para o hospital. Mas e se, uma vez mais, a Laura não quiser ser salva? E se, uma vez mais, aquele seu olhar comovido e o abraço que me deu, como se nunca mais me quisesse largar, forem um embuste? Ela viu-me na Parada. Soube, pelo meu gesto, que eu estava a preparar alguma. Pode perfeitamente ter contado tudo ao Paolo e estar apenas a fingir-se emocionada por me ver. Também me enganou de todas as outras vezes em que já andava metida com ele, mas dizia que eram coisas da minha cabeça. Acabei de lhe dizer que o Max está vivo e que temos um plano para tirá-la daqui. É certo que não sabe se

há outras pessoas envolvidas na operação de resgate, nem que tipo de instruções lhe serão dadas no hospital. Mas sabe que há pelo menos dois dissidentes à solta, eu e o Max, e que estamos a planear fugir do país com ela. É mais do que suficiente para accionar os alarmes! Posso já estar a ser vigiada. A qualquer momento posso voltar a sentir uma mão brusca e firme a segurar-me, primeiro num braço, depois no outro, até me enfiar numa carrinha que me levará outra vez para um sítio frio e escuro onde me interrogam e espancam e matam. Começo de novo a tremer. Só consigo acalmar-me quando vejo o David, já sem a farda e o bigode postiço que lhe dava um ar cómico, a espreitar atrás de uma das tendas. Pisca-me o olho e desaparece assim que vê a ambulância aproximar-se. Já fez a sua parte e tem de regressar à galeria. Estou por minha conta.

A ambulância estaciona ao lado da tenda VIP e, minutos depois, a Laura é levada numa maca para o seu interior. Solto uma gargalhada nervosa. Realmente é boa actriz. Visto de fora, parece mesmo que está a sofrer dores horríveis, impossível alguém suspeitar de que está a fingir seja o que for. Ainda para mais depois de um dia tão desgastante. Não é por acaso que os médicos recomendam repouso no final da gravidez. Paolo está a exigir ir com ela na ambulância. Não faz parte do plano, mas tenho a certeza de que o Max previu este cenário. Certifico-me de que o condutor da ambulância é o Mário, como estava planeado, pelo que não há dúvida que a levará para o hospital certo.

Fingindo uma certa naturalidade, afasto-me, por fim, misturando-me com as outras pessoas que estão a abandonar o recinto do festival mais cedo. Caminho até à rua que me foi indicada, onde estará o Luís para abrir a tampa do esgoto e me conduzir de novo pelos túneis até à nossa base. Durante todo o percurso, tento caminhar devagar e não olhar para trás, mas volta e meia cedo à tentação de ver se estou a ser perseguida. Daqui para a frente tudo pode começar a correr mal. A dúvida volta a assaltar-me. E se ela alinhar nisto até à última hora, apenas com o intuito de nos apanhar em flagrante? Até atravessarmos o túnel, não poderemos ter a certeza da sinceridade da Laura. Nem mesmo depois de a olhar nos olhos, consigo pôr as mãos no fogo.

Resta-nos ter fé.

A fase seguinte do plano não me envolve. Ainda pedi ao Max para me deixar ir ter com ele ao estacionamento do hospital, de modo que lá estivesse quando chegasse a Laura: queria que ela me visse e percebesse que, ao contrário do que ela fez comigo, não a deixei para trás. Mas percebi que seria muito arriscado. Já estive demasiado exposta nesta primeira etapa, e não podemos correr nenhum risco. Há câmaras por toda a cidade, há Moscas e o Mocho a cruzar dados ao segundo, sendo que o hospital é exactamente o ponto onde tudo pode correr mal. Se me tivessem perseguido durante a Parada, se a Laura me tivesse denunciado na casa de banho, se não tivesse entrado na ambulância, os outros partiriam sem hesitar. É esse o plano B de cada etapa. Desertar sem olhar para trás e viver anonimamente o resto dos nossos dias num lugar bem longe daqui. Assim que desaparecer no nosso labirinto subterrâneo e me encontrar na segurança da galeria, só me resta esperar que os outros consigam também cumprir a sua parte e que, dentro de umas horas, se juntem a nós. Como não podemos comunicar em nenhum momento da execução do plano, temos de confiar no tempo calculado para cada um deles. A hora prevista para retirar a Laura do hospital é às duas da manhã. Se não chegarem à galeria até às três, teremos de seguir sem eles. São três horas a caminhar até à saída. O Sol nasce às 6h59 e, aos primeiros raios, temos de estar do outro lado.

Quando chego à morada que me foi indicada, finjo que estou a apertar os atacadores e bato com uma pedra na tampa metálica que encontro no chão. A terceira a contar do primeiro número de porta. Instantes depois, esta começa a mover-se lentamente e eu, acto contínuo, enfio um pé e depois outro no buraco que se abre debaixo

de mim, olhando em volta, o coração na boca, até sentir o primeiro degrau das escadas de ferro. Desço o mais depressa que consigo e dou com o Luís ao meu lado. Abraço-o como se fôssemos amigos de longa data, apesar de o conhecer há apenas dois dias. Ele afaga-me o cabelo e tranquiliza-me.

— Estás em segurança. Vamos embora daqui.

Foi a primeira vez que ouvi a sua voz. Caminhamos lado a lado, enquanto lhe conto como correu cada passo da minha parte do plano. O Luís não responde. Ouve e acena com a cabeça. De vez em quando, solta um «hã-hã» ou um «sim». A mim, pelo contrário, com os nervos, só me apetece falar. Volta e meia, manda-me estar calada.

— Há condutas que podem levar o som lá para cima — diz por fim.

— Desculpa. Mas se não fosse isso, falavas? É que nunca tinha ouvido a tua voz.

— Não gosto de conversas.

— É só porque sinto que vocês todos me conhecem pelas histórias que o Max vos contou, mas eu não vos conheço. E estou a colocar a vida nas vossas mãos.

— Estás bem entregue.

— Só isso?

— Tenho vinte e sete anos, nasci perto do rio, vivia e trabalhava com o meu pai no nosso tanque de aquacultura. As Brigadas fecharam-nos. Falimos. Passámos fome. O meu pai acabou por se suicidar. Fim da história.

— Lamento muito... — digo, sentindo um nó no estômago.

Realmente, é melhor estar calada. Continuar o caminho em silêncio, distrair-me contando os passos, adivinhando a que bicho pertence certo chiado, marcando o ritmo da marcha com a respiração. Não faço ideia de quanto tempo falta até chegarmos à galeria, mas não quero fazer mais perguntas. Limito-me a seguir o Luís, a executar ordens sem pestanejar, sem questionar, a fazer o que tem de ser feito. Quando concordei em fazer parte desta fuga, assinei a minha sentença.

Sinto-me fora do meu corpo.

Nem o peso das botas a calcarem o chão imundo me fixa aqui.

Chegamos à porta falsa da galeria, onde a Rita deverá estar à nossa espera. O Luís bate o seu nome em código morse e logo a porta se abre. Ao lado da Rita já está o Mário e o David, que me vem dar uma palmada nas costas.

— Conseguieste! Estiveste muito bem.

Abraço-o com ternura e começo a soluçar. Lá estou eu com os abraços. Não sei o que se passa comigo. Talvez tenha estado tanto tempo sem tocar em alguém, que, ao primeiro contacto com outro corpo, o meu se entregue e se perca. Como um bebé, sempre a precisar de colo e consolo.

O Mário explica-nos que deixou a Laura nas Urgências e que os médicos não deixaram o Paolo passar para lá da área restrita. Viu-o na sala de espera a dar indicações ao seu segurança particular. Ao que parece, ia voltar para a festa, mas ordenou ao segurança que não saísse de perto da Laura e que, quando a levassem para um quarto, ficasse sempre à sua porta. Olho para todos, assustada. Como vão retirar a Laura do hospital se estiver a ser vigiada tão de perto?

A Rita sorri e conduz-me até ao colchão, estendendo-me um chá demasiado doce.

— Precisamos de açúcar para nos aguentarmos na caminhada — diz ela, ignorando a minha pergunta.

Olho para os outros, mas nenhum se mostra preocupado ou interessado em responder-me. Sinto-me estúpida por ter levantado a questão. É claro que eles pensaram em tudo, incluindo numa forma de tirar a Laura do quarto nas barbas de um ou de vários seguranças. Tento descansar, mas o meu coração está longe, algures naquele hospital.

Ventrículo direito, Max, ventrículo esquerdo, Laura.

Inquieta, procuro na minha mochila um pedaço de papel para escrever uma carta de despedida. Se o pior acontecer, é reconfortante imaginar que alguém vai conhecer um pouco do que me vai na alma. Quero deixar claro que estou a fugir de um governo opressivo que sucumbiu à ideologia, desviando-se do propósito nobre da sobrevivência do planeta. Que me recuso a viver entre o medo e a desconfiança. Que nenhuma sociedade sobrevive quando o

pensamento é único. Que lamento não ter procurado os meus pais. Que, se me safar, vou procurar os meus pais...

— O que estás a fazer? — pergunta a Rita.

— A escrever uma carta de despedida... caso me aconteça alguma coisa...

— Não podes fazer isso.

— Porquê?

— Estás a atrair más energias.

— Mas se eu for apanhada...

— Não te preocupes — assegura ela. — Saberei o que colocar no teu obituário, se chegarmos a tanto.

— Não é isso... É que sinto que ninguém sabe a minha verdadeira história.

— O Max falou-nos tanto de ti durante todo este tempo que, quando entraste aqui pela primeira vez, foi como se te conhecêssemos há anos, acredita — diz a Rita, afagando-me o cabelo. Só de perto reparo nas finas rugas que se formam na testa e à volta dos seus olhos, nada que lhe retire o ar de ser etéreo e sem idade.

— A Billie que o Max conheceu já não existe há muito tempo — suspiro. — Morreu e ressuscitou na forma de uma Joana, que por sua vez ficou fechada naquele alfarrabista, vagueando com o espírito de todas as personagens que lhe fizeram companhia nestes últimos oito meses. Esta nova Billie tem uma voz que ainda ninguém ouviu.

— Não precisamos de te ouvir. Estás aqui. Quiseste juntar-te à nossa causa, cumpriste a tua parte exemplarmente e, acima de tudo, ao contrário de tanta gente que por aí anda, ainda sentes e te comoves e te preocupas em deixar palavras a quem vier depois.

— Mas eu gostava de vos ouvir. Vocês sabem quase tudo sobre mim, mas eu não sei nada sobre vocês. Quer dizer, já estou a par das histórias do Luís e do David, mas...

— E queres perder aquelas que, segundo dizes, podem ser as tuas últimas horas a vasculhar o nosso passado e as nossas razões? O passado já passou. E as razões não têm importância, desde que estejamos aqui de corpo e alma. É como esse teu ódio pela Laura. Não muda nada. Não ganhas nada em continuar a carregá-lo. Deixa-o ir.

— Mas foi o passado que nos guiou até aqui. Sinto-me em desvantagem por não conhecer o vosso.

— OK. Se é assim tão importante para ti, a minha história é muito simples.

*E*u era professora de Yoga e activista climática desde uma época em que nem sequer se falava de activismo climático e em que alguns de vocês nem sequer eram nascidos. Juntei-me à revolta das Brigadas Verdes logo na primeira hora, claro. Como não? Mesmo achando excessivas as mortes, em tudo o resto eles tinham razão: só derrubando o sistema e impondo leis inequívocas de protecção do ambiente é que era possível evitar o ponto de não retorno. Estive na rua todos os dias até o Governo cair e rejubilei com a nova ordem. Fui voluntária em todas as acções para as quais faziam apelos e estava empenhada em entrar oficialmente para as Brigadas Verdes. Concordei com todas as medidas, todas as proibições. Ajudei a fechar fábricas e a lavrar campos de golfe. Finalmente, o mundo estava a mudar e podíamos voltar a uma sociedade do ser, em vez de uma sociedade do ter!

Os primeiros meses do novo regime foram como ver todos os meus sonhos tornarem-se realidade. As pessoas andavam eufóricas e sentiam-se parte de uma mudança sem precedentes, como se toda a gente tivesse visto a Luz. Íamos salvar o mundo!

Até que uma vez, numa rua bastante movimentada e em pleno dia, deparei com uns miúdos de treze ou catorze anos a insultar um casal de velhotes porque se enganaram a fazer a reciclagem. Estavam a colocar algumas peças de loiça partida no vidro, imagina, um erro perfeitamente comum. Os miúdos começaram a avançar sobre eles, a ponto de os empurrar. A cena era perturbadora, como estar a assistir a netos a bater em avós. Indignada, intervim, defendendo os velhotes, e quando dei por mim estava uma data de gente à nossa volta, até aparecer a polícia. Estávamos cercados por uma multidão de cães raivosos a gritar sem razão. A polícia ouviu as acusações dos miúdos e prendeu de imediato os velhos,

que tremiam de medo. Depois, prenderam-me também, por continuar a defendê-los. Soltaram-me após algumas horas, avisando-me que aquele tinha sido o meu primeiro e único aviso. De então em diante, comecei a reparar em cenas parecidas um pouco por toda a cidade, espantada por não me ter dado conta de nada antes. Pessoas anónimas a comportarem-se como vigilantes que levavam cada nova lei mais à letra do que quem a fizera, intransigentes, cegas na sua militância. Mas o que me impressionava mais não era a injustiça das situações, nem o fanatismo de uns quantos; o que eu começava a sentir era uma energia muito negra a apoderar-se de toda a gente. Todas as pessoas à minha volta, se olhasse com atenção, estavam a tornar-se cínicas, desconfiadas, prontas a acusar o vizinho, a apontar o dedo, sem tentarem compreender o outro ou muito menos perdoar. E o que é do mundo sem o perdão? Fiquei assustada e, aos poucos, foi crescendo dentro de mim a certeza de que este não era o caminho. Durante uns tempos vagueei por aí, sem saber ao certo o que fazer nem para onde fugir. Sabia que, se me insurgisse contra o que quer que fosse, seria imediatamente calada, enfiada num qualquer buraco para onde estavam a ser levados todos os que criticassem as medidas do novo governo. Por outro lado, há muito que as fronteiras se tinham fechado.

Finalmente, um dia, escondida num jardim a tentar meditar, vi o Luís a desaparecer por um buraco no chão e fui atrás dele. Uma pessoa não desaparece assim, chão adentro. Percebi que entrara por uma conduta e decidi descer também. Ele quase me matou! Estava com medo de eu fosse uma Mosca. Foi difícil convencê-lo do contrário, enquanto me apertava o pescoço e me revistava. Pus-me de joelhos, peguei-lhe nas mãos e, sem falar, fi-lo sentir a minha energia. Pouco depois, ele sentou-se à minha frente, deitou a cabeça no meu colo e chorou. Acabou por me confessar que também estava sozinho no mundo, desesperado para fugir daqui. Perguntou-me se estava disposta a viver no subterrâneo e desaparecer com ele. Disse logo que sim. Nunca mais voltei à superfície. Sou o meu próprio sol.

Que mais te posso dizer?

Já conheces a história do Luís, do David, falta a do Mário e da Olívia, não é?

Mário, posso contar?

Sim?

Então, o Mário é condutor de ambulância e é casado com a Olívia, que é enfermeira no hospital central. O sonho deles é serem pais. Como ao longo de dez anos de tentativas nunca conseguiram engravidar, iniciaram tratamentos de fertilidade caríssimos, fazendo turnos atrás de turnos no hospital para conseguirem pagá-los. Quando as Brigadas chegaram ao poder, também eles os apoiaram e aplaudiram, até ao dia em que todos os casais em tratamento foram chamados à clínica. Olívia encheu-se de expectativa, afinal ainda tinham material para fazer mais um ciclo de fertilização in vitro. Só que, na verdade, os casais foram chamados apenas para lhes comunicarem que, por ordem do novo governo, os procedimentos de fertilidade iam ser suspensos e todo o material genético destruído. Deixou de haver o direito à procriação medicamente assistida, em qualquer das suas formas, num país que tinha acabado de aprovar a lei do filho único e o aborto compulsivo de segundas gestações. Todos os casais tiveram ainda de assinar um documento, no qual declaravam que se viessem a ter uma gravidez gemelar resultante de um processo já em curso, o que é muito frequente nestes casos, abortariam um dos fetos. Uma minúscula gota de cloreto de potássio injectada in utero num minúsculo coração e... puf!

Eu sei, é horrível. Como são horríveis tantas outras coisas que se passam aqui e que o Mocho impede que se espalhem, quer por cá, quer lá para fora.

Vês como o passado não traz nada de útil?

Mário, David, Luís, cheguem aqui.

Vamos todos dar as mãos.

São onze e cinquenta e oito. Faltam dois minutos para o grande dia. Por esta hora, a Laura já foi examinada e os médicos não encontraram nada suspeito. Não tem contracções, o falso sangramento parou, mas vão considerar que o melhor é passar a noite vigiada, sobretudo tratando-se de uma das líderes das Brigadas, o que seria mandá-la para casa e depois acontecer alguma coisa ao bebé. Não querem arriscar. Estamos certos de que vão interná-la no piso de Obstetrícia, onde uma das enfermeiras do turno da noite será a Olívia. As outras enfermeiras vão estranhar a cara nova no seu piso, apesar de a Olívia trabalhar naquele hospital há vários

anos, mas ela vai desculpar-se com um problema na escala e um pedido vindo directamente da administração. As outras vão encolher os ombros, é sábado, não há ninguém na administração para confirmar a história e, além disso, é o turno da noite. Estão demasiado cansadas, pelo que um par de mãos extra é sempre bem-vindo. Olívia vai passar a primeira hora do turno a aprender os processos daquele serviço. As outras aproveitam para lhe pedir para ir aos quartos, enquanto ficam na sala de enfermagem a conversar. É sempre assim quando chega uma pessoa nova. Numa dessas visitas aos quartos, a Olívia vai encontrar o segurança que Paolo mandou ficar de guarda a Laura. Está sentado numa cadeira demasiado pequena para o seu enorme corpo, tendo já baixado a guarda. Afinal, aquele é um piso de Obstetrícia, só há mulheres e recém-nascidos. A Olívia vai perguntar-lhe se não quer um café ou uma água. Ele vai dizer que não, mas ela insiste. O homem acaba por aceitar. A bebida tem um tranquilizante, que o faz adormecer em menos de dez minutos.

Pelas duas da manhã vai chegar àquele piso o carrinho de sujos. Quem o empurra é o Max. A Olívia vai recebê-lo e pedir-lhe que afaste o carro para junto da porta da enfermaria onde a Laura está deitada. Antes que as outras enfermeiras apareçam, estranhando a hora nada habitual de recolha dos sujos, a Laura será enfiada no meio da nuvem de roupa. A Olívia fingirá que está zangada com o Max, afinal, não deveria fazer barulho àquela hora, e sairá com ele até aos elevadores de serviço, fingindo estar a dar-lhe indicações sobre o lugar que ele procura, certamente não aquele, onde só estão parturientes a tentar descansar. Entrará com ele no elevador e descerão até ao piso -2. Colocarão o carrinho num dos poucos sítios que não é alcançado pelas câmaras. A Olívia ajudará a Laura a sair de dentro do carrinho e dar-lhe-á uma roupa para substituir a bata de hospital. O Max abrirá o bueiro de acesso ao túnel. Descerão os três e caminharão durante trinta minutos até aqui. Enquanto isto, as enfermeiras estarão a pensar que Olívia foi à rua fumar um cigarro, quiçá à cafetaria, e o segurança do Paolo continuará a rressonar. Quando derem por falta da Laura será tarde demais.

É assim que tudo se vai desenrolar.

O dia vai raiar e nós vamos estar do outro lado.

O dia vai raiar e nós vamos estar do outro lado.

O dia vai raiar e nós vamos estar do outro lado.

«O dia vai raiar e nós vamos estar do outro lado», repetimos todos em coro. Não sei se este mantra surtirá algum efeito na concretização do nosso plano e temo que as coisas não se passem com esta simplicidade, mas a verdade é que me sinto infinitamente mais calma.

Continuamos em silêncio e ainda de mãos dadas. Abro os olhos a medo, sem querer perturbar esta energia boa que sinto, e reparo que todos têm um sorriso nos lábios. Também tenho vontade de sorrir e sinto uma excitação infantil, como aquela que antecedia o meu aniversário quando era pequenina. A certeza de que, acontecesse o que acontecesse, aquele era o meu dia, o dia em que eu era o centro das atenções, a destinatária de todas as felicitações, e que, melhor de tudo, podia dormir na cama dos meus pais.

Será que vai ser assim tão fácil? E se o segurança se recusar a beber a água que a Olívia lhe vai dar? E se o Max e o carrinho de sujus forem barrados antes de conseguirem entrar no piso de Obstetrícia? E se, no estacionamento, alguém os vir a enfiarem-se pelo buraco? Não, Billie, pára! Corrijo de imediato a minha mente. Boas energias, pensamentos positivos. Vai ser assim tão fácil.

Vai...

Vai...

Ainda falta um bocado para as três da manhã. Sinto-me sonolenta... Acho que vou adormecer... Só um bocadinho...Será que a Rita pôs alguma coisa no meu chá? Vai ser fácil... Eu sei que vai...O Max sabe o que fazer...

O Max...

Quando a porta do piso de Obstetrícia se abre, começo a transpirar. É muito diferente planejar e executar um plano. Totalmente diferente, posso agora afirmar. Durante o planeamento, não há esta luz branca que me fere os olhos habituados à escuridão. Nem o chiar destas rodas na superfície vinílica azul-bebé. Nem o cheiro asséptico que paira no ar. Durante o planeamento, não dá para antecipar o que vou sentir quando voltar a ver a Laura ao fim de todo este tempo. Na noite em que a vi ser levada pelos próprios companheiros, ainda estava um bocado toldado pela raiva e em choque com o que vi acontecer mesmo à minha frente, mas, desde então, passaram-se vários meses e agarrei-me à certeza de que só ela nos pode salvar. Agora, estou prestes a reencontrá-la, à Laura de verdade, e com um filho na barriga.

Já tive de me esconder três vezes até chegar a este piso. Durante o planeamento também era só entrar num elevador que estaria vazio e sair no sítio certo. Não havia seguranças do hospital a perguntarem para onde vou, nem a exigirem que usasse o monta-cargas, que não faço ideia onde vai parar. Enfim, o que interessa é que consegui vir aqui dar. Percorro cada metro infundável do corredor até ver a Olívia lá ao fundo. Sinto um alívio imediato. Já não estou sozinho. Hesito quando vejo um homem sentado junto a uma das enfermarias. É enorme e está vestido de preto. Tal como eu suspeitava, o Paolo enviou um segurança para vigiar a Laura caso ela ficasse internada. Mas parece-me que a Olívia conseguiu adormecê-lo. Tínhamos falado nesta possibilidade.

Ela faz-me sinal para avançar e manda-me encostar o carrinho junto à porta de um dos quartos, fingindo estar a zangar-se comigo, entrando de seguida. Fico de costas para a câmara de vigilância e atento ao segurança, que tem um fio de baba a escorrer-lhe pelo queixo. Tenho uma arma

debaixo da bata, mas se tiver de usá-la é muito mau sinal. Servirá apenas para ganhar tempo e evitar a rendição. Dificilmente conseguiremos sair daqui vivos, se um tiro se fizer ouvir. Em três segundos, a Laura enfia-se entre as roupas que carrego. Admiro-me com a sua destreza. Parece alguém com treino a sério, e não aquela miúda frenética que andava sempre a saltitar de um lado para o outro, mas se recusava a entrar num ginásio. Antes de conseguir olhá-la nos olhos, a Olívia cobre-a com mais toalhas e lençóis. Não faz ideia de que sou eu quem a empurra no carrinho. Sabe que isso não é importante. O importante é haver alguém que a quer tirar daqui.

Avançamos em direcção ao elevador. O segurança mexe-se com o barulho das rodas a passarem pelo rebordo de metal do elevador. Sinto-me empalidecer. Nem eu nem a Olívia conseguimos falar. Se o gajo acordou, estamos lixados. Ou, então, não. Ele não pode entrar dentro da enfermaria. Vai presumir que está tudo como antes. As portas fecham-se.

Ao chegarmos ao piso -2, temos a tentação de respirar fundo, mas ainda é cedo. Abro a tampa que dá acesso ao túnel vinte e quatro enquanto a Olívia ajuda a Laura a vestir-se e a atar os atacadores dos ténis. A barriga de trinta e sete semanas impede-a de se dobrar. Quando se volta para mim, afasto a máscara cirúrgica. «Max», proferem os seus lábios, embora não se consiga ouvir bem a sua voz. Abraça-me e chora convulsivamente.

— Não temos tempo para isto — diz a Olívia, com razão. — Estão a fazer demasiado barulho.

Pois estamos. O barulho da emoção de um reencontro que nenhum de nós tinha a certeza de que poderia algum dia acontecer.

A Olívia desce primeiro, depois a Laura, revelando mais uma vez uma enorme desenvoltura apesar da barriga pesada. Estou convencido de que as Brigadas tiveram treino militar. O seu rosto parece-me mais magro do que me recordava, as mãos mais finas, mas os braços são fortes e musculados. Se não fosse a óbvia protuberância, ninguém diria que está grávida. Espero impaciente até poder descer também, fechando a tampa com todo o cuidado. Espera-nos uma caminhada de cerca de trinta minutos até à galeria onde nos reencontraremos com o resto do grupo. Espero que estejam lá todos. Espero que a Billie esteja bem.

Caminhamos num silêncio apenas quebrado pelo som da nossa

respiração ofegante. Ainda não acredito que já estamos na segurança dos túneis. Mesmo que lá em cima dêem o alarme, vão passar-se horas até nos procurarem aqui. Estamos a contar com isso. Mas agora a minha prioridade tem de ser apenas o bem-estar da Laura. Pergunto-lhe se se sente bem. Acena com a cabeça, ainda sem conseguir falar. Sei que está a conter o choro, pois morde o lábio inferior e crava as unhas na palma da mão. Sei que está a tentar não desabar. Explico-lhe que temos de andar num passo rápido e em silêncio, mas que deve avisar-me se precisar de parar. Asseguro-lhe que para o percurso final teremos um velho porta-cargas, visto serem demasiados quilómetros para palmilhar no seu estado. Uns metros à frente retiro uma mochila de um esconderijo e estendo uma arma a cada uma delas. Também tenho água e biscoitos, como se alguém se lembrasse de ter sede ou fome numa situação destas.

Caminhamos em fila, em silêncio. O meu coração bate desenfreadamente. Eu tinha razão. A Laura veio. Quis ser salva por nós. Mal posso esperar para chegar perto da Billie. Os três juntos de novo, como deve ser.

Como sempre deveria ter sido.

Quatro anos. Foi há quatro anos que estivemos os três juntos pela última vez, no dia da grande manifestação. Como é que quatro anos podem parecer décadas? Não foi só o cabelo ruivo da Laura, que nos inebriava com o aroma da alfazema, que desapareceu. Não foi só a barba do Max que passou a cobrir-lhe o rosto. As mudanças físicas, embora profundas para um curto espaço de tempo, são o somenos nesta reunião. Estamos perante três pessoas absolutamente diferentes, demasiado cansadas, traumatizadas, desiludidas para se lembrarem sequer de aquilo que as juntava antes de tudo acontecer. E, no entanto, assim que o Max e Laura entraram pela galeria adentro, os nossos corpos foram atraídos uns para os outros, dissolvendo-se num abraço. A santíssima trindade de novo reunida, uma força que nem a minha raiva consegue travar.

— Desculpem-me, desculpem-me, desculpem-me — repete a Laura, enquanto as lágrimas lhe inundam as faces.

— Está tudo bem — assegura o Max, afagando as nossas costas com as mãos frias.

Já eu não consigo dizer nada. Não sei se estou feliz, aliviada ou angustiada. Tenho um nó na garganta que me parece impossível de desfazer e sinto um enorme alívio quando, com delicadeza, a Rita nos vem dizer que temos de nos pôr a andar. São 2h55. Estamos dentro do horário previsto, mas espera-nos uma caminhada de dezassete quilómetros com uma grávida em fim de tempo, por isso, cada minuto conta. Há um porta-cargas para a transportar, mais os sacos com armas, água, estojo de primeiros socorros, toalhas e cobertores de emergência, insistência da Olívia. Estou abismada com a capacidade de planeamento deles. Sim, deles. Ainda não me consigo ver como

membro deste grupo, talvez por ter estado demasiado tempo a contar apenas comigo própria. E além disso, não planeei nada. Só fiz chegar a mensagem à Laura.

Vamos tirar-te daqui.

Vamos tirar todos daqui.

Seguimos em fila. O Max na frente, seguido do Mário, que empurra o porta-cargas com a Laura, depois a Olívia, que se recusa a sair de perto dela, preocupada com o avançado estado de gestação, depois eu, o David, a Rita e, por último, o Luís, fortemente armado. Percebo que estão a contar com a possibilidade de as autoridades descobrirem que estamos no túnel e entrarem por aqui adentro. Fico assustada. Até agora achei que só coríamos perigo enquanto estivéssemos na superfície. Que se, até agora, as autoridades não encontraram os túneis, não era logo hoje que se iam lembrar de os vasculhar. Terá sido excesso de optimismo?

Pelos vistos, os outros têm sido mais pragmáticos. Mesmo com a certeza de que não voltaremos a este lugar, a Rita e o Luís fecham a galeria com um cadeado e demoram-se a disfarçar a abertura com placas de madeira antigas. Caminham de costas, espalhando areia no chão de forma a fazer desaparecer qualquer vestígio de pegadas. Fazem-no durante os primeiros dez minutos do percurso, tendo o cuidado de não deixarem os sacos vazios para trás. Tanto cuidado. Todo o cuidado. Pequenos passos no escuro, sem fazer barulho, apenas o rumor da nossa respiração.

A dada altura, o Max pára e põe-se a esgravatar uma das paredes. Retira um tijolo, depois outro e mais outro. Apetece-me gritar e perguntar o que raio está a fazer. Continuo sem ver quase nada, mas sei que temos de continuar a andar. Ainda não percorremos sequer metade do caminho, e a qualquer momento podemos ter soldados a invadir todo o espaço subterrâneo. O Luís vai ajudá-lo naquela tarefa estúpida, que ninguém me explica para que serve. Os tijolos são velhos e pesados. Estão ali há muito tempo, pelo aspecto, há várias décadas, mas o Max e o Luís retiram-nos com perícia e rapidez, como exímios jogadores de *Jenga*, colocando cada tijolo numa determinada ordem. A minha impaciência passa a curiosidade, tentando ver por

cima dos ombros dos outros a que levará esta paragem. E eis que, naquela que era uma parede sólida, surge uma abertura por onde nos obrigam a passar. Do outro lado, um novo túnel completamente diferente. A Rita dá uma lanterna a cada um.

— Aqui já se se podem usar.

Estou maravilhada.

O Max explica-nos que já não estamos nos túneis desactivados da cidade. Estamos num lugar que não aparece em nenhum mapa. Uma descoberta arqueológica que andava há muito a ser estudada pelo Sam e a sua pequena equipa universitária, bem antes da Revolução. Um labirinto de túneis secretos e desconhecidos que começam no antigo Convento das Freiras Franciscanas e se estendem até à periferia. Contam as más- -línguas que as próprias religiosas cavaram estes túneis, uma rota segura para encontros e para escapar dos rigores do claustro. Mas a verdade é que faziam parte das antigas minas de água que abasteceram a cidade entre os séculos XI e XVIII. Eram trezentos quilómetros debaixo de terra, com ramificações que foram fechadas por sucessivos aterros à medida que a cidade cresceu, sobrando apenas os três caminhos que partem do Convento. Um dos caminhos leva ao Hospício, um lugar onde, durante séculos, foram mantidos sem tratamento os loucos, alcoólicos, sem-abrigo, prostitutas, homossexuais, mães solteiras a quem roubavam os filhos, e outros dissidentes sociais. Outro dos caminhos desemboca perto do Seminário São Gregório, que ainda funciona como tal e que, ao longo dos séculos, foi alimentando a lenda das freiras ardilosas. O terceiro vai até à antiga Estrada Real, hoje um mero trilho que marca a fronteira com o país vizinho. É esse o caminho que vamos tomar.

As paredes aqui já não são cinzentas e uniformes, de cimento. Já não há escadas de metal enferrujadas até à superfície ou cabos eléctricos obsoletos. Aqui, estamos vários séculos antes de haver electricidade ou explosivos para criar novas galerias. As paredes são rocha molhada, assim como o chão, e a luz das lanternas faz cintilar os minerais como se fossem tesouros preciosos. Estou fascinada com a existência deste lugar e não consigo imaginar como é que, naqueles tempos, se construíam coisas assim. Passo as mãos pelas pedras

seculares tentando ligar-me às histórias que por aqui se deram, enquanto o Max e o Luís voltam a colocar cada tijolo na abertura, pela mesma ordem, como um *puzzle* que já fizeram e desfizeram incontáveis vezes.

O Max avisa que, de agora em diante, o caminho é mais estreito, e o tecto, mais baixo. Percebo que, de todo o grupo, só ele e o Luís haviam estado aqui. Os outros, tal como eu, estão fascinados.

— Malta, já podemos falar porque não há risco de nos ouvirem lá em cima, mas convém não abusar — diz o Max. — Temos de estar atentos a qualquer sinal de movimentações. A esta hora, já devem ter dado por falta da Laura e por certo iniciaram as buscas. Vão obviamente procurar-nos primeiro na superfície, mas nunca se sabe. Laura, alguém nas Brigadas sabe da existência deste túnel?

— Não! Nem pensar. Quer dizer, tenho estado presa nos últimos meses, mas nunca tinha ouvido falar de um lugar assim. Eles sabem que há contrabando feito por túneis, mas estamos a falar dos túneis técnicos da cidade, os quais já estão a ser patrulhados.

— Tens a certeza? Nunca houve sequer uma suspeita?

— De todos os mapas da cidade que me passaram pelas mãos, mesmo durante a preparação do golpe, nunca se levantou a hipótese de existir este túnel medieval. Até o túnel por onde viemos deveria estar emparedado. Pelo menos é o que dizem as plantas que sempre usámos.

— Óptimo! O pior é quando sairmos, mas lá chegaremos. Vamos. Já não falta tudo.

Quando o Max passa por mim, de volta à liderança do percurso, beija-me a cabeça e assegura-me de que vamos sair daqui. Segue novamente para a frente, enquanto eu fico a olhá-lo com surpresa e admiração. Quem diria que o Max, aquele rapaz franzino e tímido que alinhava nos nossos planos com displicência, como se estivesse mais interessado em fazer-nos a vontade do que nas causas pelas quais lutávamos, que nos deixava decidir tudo, até a comida que mandávamos vir quando não nos apetecia cozinhar, tinha esta capacidade de liderança. A sua energia e determinação não nos deixam sombra de dúvida. Vamos sair daqui vivos.

Sinto por ele uma coisa que nunca senti antes. Talvez seja algo parecido com o que as mães dos soldados sentiam quando os viam regressar da guerra depois de vários anos sem lhes pôr a vista em cima. Como não pude assistir à sua transformação subtil, dia após dia, é como se estivesse perante outra pessoa, um desconhecido, até. O rapaz agora homem.

Seguimos em compasso. Como já podemos usar as lanternas, consigo observar melhor a Laura. Parece outra vez a minha Laura, mas com uma barriga de grávida. Talvez devesse ir ter com ela e perguntar-lhe se se sente bem, só que começa a irritar-me que todos estejam a fazer precisamente isso. De repente, a culpada por tudo isto que estamos a viver, por todas as mortes, todas as torturas, todas as ausências, está a ser apapricada, literalmente levada num carrinho, como uma rainha. Queres parar, Laura? Estás confortável, Laura? Precisas de água, Laura? Come qualquer coisa, Laura. Laura, Laura, Laura. E eu sem conseguir dar nome ao que o seu nome me faz sentir. «O passado não leva a lugar algum», disse-me a Rita esta madrugada. «É preciso perdoar e seguir em frente.» Eu sei. Já consegui que a raiva se desvanecesse; mas ainda me debato com este nó de coisas que lhe quero dizer e que parece impossível de desatar. Tenho medo de que a primeira palavra se solte e eu não consiga segurar as outras. Tenho medo de que nada sobreviva a essa avalanche.

A Laura pressente. Sempre foi muito intuitiva. Pede ao David que pare o porta-cargas com a desculpa de que está a ficar com dores nas costas e que precisa de andar um bocadinho. Pouco a pouco, deixa-se ficar para trás e aproxima-se de mim. Caminha mesmo ao meu lado.

Respiro fundo.

Vai ser agora.

-Olá, Billie — diz ela com um sorriso estúpido, como se nos tivéssemos acabado de cruzar.

— Olá — respondo secamente, voltando a colar os olhos no chão.

— Fica-te bem o cabelo assim.

— Já eu não posso dizer o mesmo da tua careca.

Ela ri-se. Não disse isto para que se risse. Aliás, não pretendo mesmo nada que se ria. Sobretudo porque a maneira como o faz leva-me para momentos felizes que ela não tem o direito de me recordar.

— Sei que nada vai mudar o que fiz — começa num tom mais pesado. — Sei que te fiz passar por situações difíceis de esquecer...

— Não sabes nada! — interrompo-a, com um grito.

Os outros olham todos para nós. O Max faz um gesto para que sigam caminho e vem para o nosso lado. O nosso árbitro. O nosso juiz. Noto-lhe alguma apreensão. Talvez porque nunca me tenha visto assim. A Billie nunca se exalta, a Billie sempre tão carinhosa e maternal, a Billie indiferente à sua própria felicidade, desde que eles os dois estivessem felizes.

— Eu disse que já podíamos falar, mas não podemos gritar, não é? Só estamos a uns dez metros da superfície — repreende-me ele, com um sorriso e o braço por cima do meu ombro. Não sei porquê, mas esse gesto acalma-me. Ainda assim, não impede que as palavras se soltem.

— Não sabes o quanto chorei quando desapareceste, meses e meses de preocupação, angústia, imaginando que tinhas sido raptada, violada, traficada, colocando até a hipótese de te teres suicidado, sei lá! Já ouvi tantas histórias de suicídios de pessoas que estavam aparentemente bem. Motivo? Ecoansiedade, ecodpressão, uma merda

qualquer — desapareci. — Imaginei tantas histórias, todas as histórias menos aquela em que partias sem nos explicares porquê. Não sabes o que passei durante um ano, sempre obcecada em encontrar-te, a ler todas as notícias, de todos os jornais à procura de uma pista. Mulher acorda de coma e não sabe quem é, corpo de jovem encontrado, desmantelada rede de tráfico humano. Qualquer coisa era possível. Levava os recortes de jornal à polícia, que no final já só se ria de mim. Não sabes o que senti quando começaram a noticiar os assassinatos sinistros às mãos de umas tais Brigadas Verdes, de quem nunca ninguém tinha ouvido falar. Incrédula, zangada comigo própria por ter dentro de mim uma voz que me dizia que podias estar por detrás daquilo. Não, a Laura, não, impossível! Não sabes o pânico que senti, que sentimos, eu e o Max, quando percebemos que tínhamos de fugir, que nos iam procurar e interrogar por tua causa, por andarem à tua procura. As horas negras que passámos na cave do alfarrabista, com o Sr. Joel a dar-nos notícias cada vez mais preocupantes daquilo que se estava a passar nas ruas. Não sabes o terror que senti quando me apanharam e enfiaram numa carrinha com montes de pessoas, algumas mais mortas do que vivas. Não sabes que fui espancada em sucessivos interrogatórios, nem que vivi sei lá quanto tempo numa cela iluminada todo o dia e com direito a uma única refeição. Não sabes que dei o meu corpo em troca de uma sopa. Uma merda de uma sopa, ouviste bem? Nem que caminhei sozinha até desmaiar e ser encontrada por uma mulher caridosa que cuidou de mim. Não sabes o que é viver com vergonha de tudo isto, como se a culpa fosse minha, sempre minha. Não sabes o que é viver sem ter ninguém. Como vês, não sabes nada! Nada, Laura!

As lágrimas caem-lhe ininterruptamente, mas não me impedem de continuar. Nem que se afogue no seu arrependimento.

— Como foste capaz de nos fazer isso? Como foste capaz, Laura? Responde! Tu sabes que eu tinha descoberto que andavas metida com o lunático do Paolo. Sabes que fingi acreditar em todas as mentiras que me contaste. E que, de cada vez que fingia acreditar no que me dizias, a minha desilusão crescia um pouco mais. Aliás, há tantas camadas de desilusão que não sei por onde começar a desfazê-las,

percebes? Percebes ou não?

— Percebo. Vivo com essa desilusão todos os dias — responde ela, limpando o rosto, os olhos vermelhos de tanto chorar. — Desilusão de mim própria. Nojo, até. E infinitas camadas de culpa também. Porque fui eu quem teve a ideia de escolher as vítimas e matá-las de uma forma tão brutal que ninguém ficasse indiferente. Sim, eu! Eles queriam rebentar com centrais eléctricas, colocar bombas no Ministério do Ambiente, sabotar a rede eléctrica, enfim, mais do mesmo, acções que, no final, só iriam prejudicar as pessoas comuns e magoar inocentes. Fui eu que sugeri o lema de matar como eles matam. EU! Ouviram bem?

Eu e o Max olhamos um para o outro, mas a Laura continua:

— Tinha tanto ódio dentro de mim. Ódio, raiva, impotência. Por que razão umas centenas de homens tinham o poder de decidir sobre toda a vida na Terra? Por que razão continuavam a fingir que havia tempo, que não se podia fazer a transição energética nem acabar com a dependência do petróleo de um dia para o outro? Podia, mostrámos que podia. Não eram metas irrealistas, como o *status quo* continuava a propagandear. Eram exequíveis e urgentes! Mas também mostrámos que facilmente se resvala do idealismo para um governo autoritário.... Sinto culpa por não ter conseguido travá-los. Por não ter conseguido impedir que fossem, fôssemos, sempre um pouco longe demais. Eu devia ter tentado com mais empenho. Afinal, era a namorada do Paolo, adormecíamos todas as noites a conversar.

— Pois devias — interrompo eu. — Sempre foste muito convincente connosco...

— Só que, à medida que ele chegou ao poder, as nossas conversas tornaram-se monólogos, e sempre que eu tentava fazê-lo ver que estava a ser demasiado duro, autoritário, intransigente, respondia-me que eu era muito nova, que não conhecia o ser humano e do que ele é capaz. O Paolo está convencido de que, assim que aligeirar as regras, as pessoas voltam a abusar, a pensar apenas em si e no seu conforto, a encontrar esquemas para continuar a consumir o que não devem, a tentar voltar aos hábitos antigos. E a minha prisão só veio piorar as coisas. Depois de ele me ter prendido, sem qualquer contemplação por

estar grávida do seu próprio filho, ninguém do núcleo duro se atreve a discordar dele. Ninguém lhe fará frente. Mas acima de tudo, sinto culpa por me ter oferecido para ser a cara da Revolução, contra o conselho do Paolo...

— Deve ter sido, deve...

— Juro! Ele sabia que toda a minha vida íntima e familiar seria vasculhada no segundo em que saísse o nosso comunicado à nação. Nem ele, nem o Luc tinham grandes laços afectivos fosse com quem fosse, até porque se dedicavam à luta clandestina há mais de vinte anos, mas eu tinha pai e, sobretudo, tinha-vos aos dois. Ele tentou impedir-me e eu não hesitei. O meu sentido de dever sobrepôs-se à lealdade para com aqueles que amava. E isso, mais do que a morte de meia dúzia de pessoas horríveis, que cometeram crimes ambientais sem qualquer arrependimento, mais do que as mortes inevitáveis durante as semanas da Revolução, mais do que os excessos deste novo regime, é o que mais me pesa. Porque eu sabia que a polícia vos iria perseguir. Sabia que vos iriam interrogar e espancar até que um de vós dissesse qualquer coisa que os pudesse levar até mim.

— Porque é que não nos falaste das Brigadas Verdes quando te juntaste a elas? — pergunta o Max.

— Porque tenho a certeza de que vocês teriam feito tudo para me demover. Tudo! Até amarrarem-me a uma cadeira ou entregarem-me à polícia, se fosse preciso. Lembro-me bem do olhar crítico que a Billie me fez quando descobriu que eu andava a trocar mensagens com o Paolo. Foi aí que comecei a mentir. Tínhamos prometido uns aos outros que, acontecesse o que acontecesse, diríamos sempre a verdade. Mas tinha de ser. Se vos tivesse contado, vocês nunca me teriam deixado partir. Quem me dera que vos tivesse contado...

— Podias ao menos ter encontrado uma forma de nos avisar na véspera dos ataques, para que pudéssemos fugir — lembra o Max.

— Sim, pensei nisso. Mas como convencer-vos a fugir sem explicar o que estava prestes a acontecer? Isso poria em risco toda a missão. Também ponderei raptar-vos e levar-vos para um sítio seguro, onde a polícia dificilmente vos encontrasse, até tudo terminar. Mas, e se tivéssemos sido apanhados e mortos logo no início da Revolução? O

que seria de vocês, fechados num lugar inacessível? Decidi que o melhor era não dizer nada. Porque um dia a guerra ia acabar e o mundo ia mudar e poderíamos voltar a ser uma família.

— Uma família — digo eu, com um riso trocista.

— Sim, vocês são e serão sempre a minha família — responde ela, travando o passo e pegando nas nossas mãos com desespero.

— Não é assim que se refaz esse caminho, Laura — digo, soltando-me com brusquidão.

— Então, ensina-me como!

— Não sei — admito, cabisbaixa.

— Vamos encontrar uma maneira — diz o Max, segurando o meu rosto entre as mãos.

Olho bem para dentro dos seus olhos, estes olhos doces que me fazem sentir em casa. Aceno com a cabeça e continuo caminho. Não temos tempo para isto. Não podemos parar. O Max conduz a Laura de volta ao porta-cargas, afagando-lhe a cabeça com afecto.

Não sei ao certo quanto tempo já passou desde que saímos da galeria, muito menos quantos quilómetros andámos. Só sei que me doem os pés e a alma... E agora a Rita faz-nos sinal para parar. Coloca o dedo indicador em frente aos lábios e todos ficamos em alerta. Lá muito ao longe começamos a ouvir algo que se assemelha a sirenes da polícia. A Rita troca um olhar com o Max e este retoma a marcha num passo mais rápido.

Engulo em seco.

Vem-me à memória o dia em que tentei fugir com o Max. Quero dar-lhe a mão e desatar a correr, deixando tudo e todos para trás. Se tivéssemos corrido mais naquele dia... Se não nos tivéssemos largado... As sirenes, ainda as sirenes, serão reais? Temos de correr! Não percebo por que não estamos a correr. O David volta a substituir o Mário na função de empurrar o porta-cargas que leva a Laura. O Mário passa por mim e vai para o fim da fila, para junto do Luís, a Rita vai para a frente, junto do Max. Todos eles empunham armas, mas não dizem nada. São como soldados treinados que sabem exactamente o que fazer. Só que eu não sei. E sinto-me claustrofóbica neste lugar!

Controla-te, Billie. Respira.

Agora parece-me ouvir um helicóptero. Se calhar, é só a minha imaginação a reviver aqueles dias passados na prisão. Dias, semanas, *flashes* do candeeiro, dos puxões de cabelo, do sal que me obrigavam a chupar.

Não!

Respira.

Se calhar é só a minha imaginação a fazer-me crer que a disposição

mudou. Será? Para onde foi aquela aura de invencibilidade? Deixámos de ser uma fila ordenada a caminhar com cuidado por um percurso seguro. Sinto a tensão a brotar de cada um deles, de cada um de nós. O ar está mais ácido, o escuro, mais escuro.

Não. Não é a minha imaginação, há mesmo helicópteros, perfeitamente audíveis mesmo a dez metros debaixo do chão. São cinco da manhã. É por demais evidente que estão à procura da Laura. Seguimos num silêncio inundado de medo, até que se ouve uma explosão e o túnel de pedra parece estremecer. Tapo a boca para abafar um grito.

— Chegaram — diz o Luís.

— Aqui? — pergunta a Laura aterrorizada.

— Não, ao túnel principal — responde a Rita.

— Não te preocupes, Laura, estão mortos — diz o Luís com um sorriso nos lábios. — Foi uma armadilha que lhes deixei.

Os homens chocam as mãos, celebrando esta pequena vitória, mas eu não me sinto nada tranquilizada. Se já descobriram o outro túnel, quanto tempo demorará até encontrarem este? Quem nos garante que não descubrem a tal abertura que vem aqui dar? Quem nos garante que não há várias forças especiais a entrar por tudo quanto é buraco que encontrem no chão?

— Falta muito? — pergunta a Olívia.

— Dois quilómetros — responde o Max, olhando para o relógio.

Estão a ser dois quilómetros de terror. Ninguém se atreve a falar. Sentimos o alvoroço que se vive lá fora. A polícia deve estar a passar as imagens do hospital a pente fino, talvez as do festival também. Já devem ter encontrado o carro de roupa suja no piso do estacionamento do hospital, com a bata da Laura lá dentro. Já devem ter cães focados no seu cheiro, a farejar tudo, atentos ao que passa despercebido aos humanos, como túneis secretos. O Mocho também já deve saber tudo sobre nós. Pelo menos, sobre mim, o David, o Mário e a Olívia, quatro cidadãos que desapareceram precisamente na mesma altura que a Laura. Para o Mocho não há coincidências. Há dados concretos, cruzados a cada segundo. Nem os pais do David conseguirão salvá-lo, seja lá qual for a posição que tenham na

estrutura do poder. Se alguma esperança havia em chegar à saída deste túnel e encontrar uma silenciosa floresta, a qual poderíamos atravessar apenas com um pouco de cautela, acabou de se dissipar.

Um quilómetro.

Só falta um quilómetro.

À medida que nos aproximamos do final do percurso, o túnel fica mais apertado. O David e o Mário, mais altos do que os restantes, já andam curvados para não baterem com a cabeça no tecto. Também conseguimos ouvir melhor as sirenes e os helicópteros que sobrevoam toda a cidade e arredores. O Max garante que, dos sessenta e seis quilómetros e meio de muro fronteiro que o regime mandou construir, na zona onde este túnel vai desembocar ainda não há betão, e que a torre de controle mais próxima está a quinhentos metros. Para chegar ao outro lado só temos de atravessar duzentos metros de mato denso e passar um gradeamento de arame farpado que o Sam já conseguiu furar nas suas diversas idas e vindas. Só duzentos metros. Parece tão pouco.

A Laura solta um brado de dor, levando a Olívia a aproximar-se, sempre atenta a quaisquer sintomas. Pede-lhe que se deite e que lhe demos alguma privacidade, coisa difícil neste túnel que a cada metro parece cada vez mais estreito. Após um exame rápido, pede que lhe passem a nifedipina, para ajudar a diminuir as contracções e atrasar um pouco o trabalho de parto. Fico surpreendida. Ficamos todos. É possível que esteja a entrar em trabalho de parto? Pela primeira vez, vejo o Max assustado. Como naquele dia em que foi comprar os testes de gravidez. Há qualquer coisa na Laura que lhe desperta o instinto de protecção, como se ela fosse uma boneca de porcelana sempre na iminência de se estalar no chão. Os homens são todos muito corajosos até depararem com os mistérios do corpo de uma mulher. Lembro-me também de como ficava atarantado quando eu lhe dizia que não conseguia sair da cama por causa das cólicas menstruais. Faltava às aulas para ficar comigo, numa aflição por não me conseguir ajudar. Fazia-me chá de gengibre e canela, e enchia-me o saco de água quente vezes sem fim, enquanto os analgésicos não faziam efeito.

Ao longe vejo uma tonalidade diferente, será?

É mesmo!

Finalmente a saída!

Estou tão aliviada que começo a soluçar. O David abraça-me, protector. Sinto-me segura nos seus braços. Quero prolongar este instante de estranha e precipitada familiaridade. Abafar o medo que cresce. Não faço ideia do que nos espera lá fora, porém, pressinto que ainda falta muito caminho até à liberdade. Ao menos aqui estamos protegidos por estas pedras seculares... Assim que pusermos um pé lá fora não sabemos o que vamos encontrar, além dos helicópteros que já estão a patrulhar todo o perímetro, por mais remoto que seja. Contamos com a escuridão da madrugada para nos proteger, se bem que falte pouco para o dia raiar. Vinte e cinco minutos, para ser precisa.

A cerca de cem metros da saída, o Max obriga-nos parar. Explica que temos de nos dividir em dois grupos, um guiado por ele e outro pelo Luís. As duas únicas pessoas que sabem onde está a rede cortada e a carrinha que nos vai levar para longe. Eu e a Laura temos de ficar com o Max, isso é ponto assente.

— Fazia-me jeito mais um homem que saiba atirar — diz o Max.

— Eu sei atirar — assegura a Laura.

— Tu não estás em condições — descarta o Max.

— Eu vou convosco — oferece-se o David, dando-me a mão.

— Não, tenho de ser eu — afirma Olívia, num tom que não admite contestação. — A Laura está a entrar em trabalho de parto.

— Mas não foi só uma contracção? — pergunta a Rita, admirada.

— Não. Tenho estado a observá-la e, apesar de não ter dito nada, sei que já teve mais algumas e cada vez menos espaçadas — responde a Olívia, olhando para a Laura com uma certa reprovação por ela ter omitido essa informação. — Tenho de estar com a Laura até ao fim, a não ser que algum de vocês tenha noção de como se faz um parto.

A Laura cora e o Mário fica assustado. Não se quer separar da mulher, não agora, tão perto do destino. Olha para a Olívia como se esta o tivesse traído. Ela aproxima-se e abraça-o com paixão, segredando-lhe palavras doces ao ouvido.

— Laura, Billie e Olívia, venham comigo — ordena o Max. — Billie, vais atrás com a arma e disparas para tudo o que se mexer. Mário, vem tu também.

— Mas...

— Quatro ou cinco vai dar ao mesmo. Luís, tu levas o David e a Rita para a saída sul. Temos de ir agachados, de gatas ou a rastejar, de preferência escondidos no mato. A partir do momento em que sairmos desta gruta, não podemos parar. Sempre que sentirem um holofote a aproximar-se, param completamente. Vai correr tudo bem. Encontramo-nos no lado de lá.

Desta vez, há abraços. Longos e sentidos abraços.

Só faltam duzentos metros.

Não é nada. Duzentos metros no meio de mato cerrado numa noite sem lua. Vai correr tudo bem.

A Rita faz um gesto esquisito na testa de cada um, como um pequeno sinal da cruz, enquanto murmura umas palavras numa língua que desconheço. Deve ser para dar boas energias. O Luís e a Laura estão de olhos fechados a rezar. Instintivamente, dou por mim também a dizer um Pai Nosso. Na aflição todos se lembram de Deus, é bem verdade, mesmo aquele Deus que me abandonou de todas as outras vezes e permitiu que eu passasse por tantas atrocidades. Por outro lado, é o mesmo Deus que ressuscitou o Max e reuniu a nossa santíssima trindade. Pelo sim, pelo não, rezo um Pai Nosso, mal não há-de fazer.

É agora.

Vamos sair.

Assim que ponho um pé fora da gruta sinto o cheiro a terra e a folhas a invadir-me as narinas até quase doer. Mais do que fresco, o ar é mentolado, e engulo-o em golfadas, ávida, depois de tantas horas passadas debaixo do chão. No silêncio da madrugada, o barulho das ervas a quebrarem sob os nossos passos parece ensurdecador, mas não há um caminho trilhado no chão. Cada passo é uma pequena conquista a este solo fértil de plantas de todos os tamanhos. Muitas delas agarram-se às nossas roupas e rasgam cada pedacinho de pele descoberto. Caminhamos agachados, como o Max nos instruiu, apesar de a Olívia alertar que isso pode acelerar o parto.

— Laura, por amor de Deus, tu não deixes essa criança sair — digolhe, tentando quebrar a gravidade da situação.

Ela sorri, apesar das dores que sei que está a sentir. E assim se vai desfazendo mais um bocadinho daquela mágoa que nos separa.

Ouve-se um helicóptero a aproximar-se desta zona, o que me faz paralisar. Tenho a certeza de que, apesar da vastidão de terreno que podem sobrevoar, os holofotes vão incidir precisamente em nós. Olhamos uns para os outros, olhares de pânico, e, sem trocar uma palavra, deitamo-nos todos no chão, tentando cobrir-nos com a vegetação exuberante, o rosto contra a terra, estátuas de carne e osso. Parece que a aeronave voa agora mesmo por cima das nossas cabeças. Não posso ter a certeza, nem sequer me atrevo a olhar, mas o barulho é ensurdecador e sinto o vento provocado pelas hélices a agitarem a vegetação que, por enquanto, nos protege. Num impulso, pego na mão da Laura. Se morrermos agora, quero que saiba que estou disposta a perdoar. Ela segura a minha com força, grata por eu demonstrar essa abertura. Não precisamos de dizer nada. Tudo é dito pele com pele.

Quando o helicóptero se afasta, agarramos a oportunidade de avançar um pouco mais. Sabemos que, não tendo encontrado nada de suspeito, não voltará a sobrevoar esta zona nos próximos minutos, e nós precisamos somente de mais uns minutos. Levantamo-nos e continuamos o percurso, passo a passo. Só agora noto que a Laura não largou a minha mão. Aperta-a com um vigor desmedido, fazendo estalar alguns dos meus ossos. Acho que está a ter outra contracção. Aviso o Max, preocupada.

— Estamos quase — garante ele —, falta mesmo muito pouco.

A Olívia tenta ajudar a Laura a controlar a dor com a respiração.

— Inspira e expira lentamente — diz-lhe ela, como se fosse possível no meio desta urgência.

Se eu estou ofegante e não estou em trabalho de parto, como é que ela vai respirar lentamente?

E, subitamente, um cão começa a ladrar.

— Não é nada, continuem a andar — ordena o Max. — É só um cão a ladrar com a agitação dos helicópteros.

Sim, Max, tens razão, apesar da voz que te treme. Já se sabe que, quando acorda um cão, acordam todos os da vizinhança. Querido Max, sempre a tentar manter a calma e o espírito positivo. No entanto, os latidos parecem aproximar-se mais e mais e mais. Não estão por detrás de um muro. Percebo, então, que são cães pisteiros no nosso encalce. Perseguem a Laura, sabem-lhe o cheiro de cor, estão cada vez mais perto, temos de correr!

O helicóptero também volta a voar mesmo por cima de nós, possivelmente alertado por alguém que opera as tropas cá em baixo. Os seus holofotes, junto com os da torre de vigia a quinhentos metros, começam a iluminar o campo que se estende à nossa frente e que parece nunca mais acabar. Subitamente, é como se fosse de dia. Voltamos a deitar-nos, tentando não sobressair mais do que o tamanho da vegetação, raspando os joelhos no chão, mas tenho a certeza de que já nos viram. A alguns metros de nós, ou talvez muitos, não sei, oiço a voz do David.

— Ei! Estamos aqui — grita ele, tão longe e tão perto.

Quero parar e erguer-me para tentar perceber o que se passa, se é

conosco que está a falar, quiçá precisa de ajuda, um pé preso num galho, mas o Mário bate-me com o punho da arma nas pernas e obriga-me a continuar o caminho. Segundos depois, uma chuva de tiros abate-se para os lados de onde surgiu a sua voz.

Não consigo respirar...

Quero correr até lá, ver se está tudo bem. Tem de estar tudo bem. O Mário garante que aquilo foi só uma manobra de diversão para afastar os cães e os holofotes do nosso pequeno grupo; garante que o David sabe o que está a fazer. Mas saberá? Um miúdo de vinte e dois anos? Não estará armado em herói? A fugir do plano? Não me lembro de o Max ter mencionado manobras de diversão. Só disse para não pararmos de correr até chegarmos à cerca. De que vale uma manobra de diversão contra uma salva de tiros?

Começo a soluçar.

Pára!

Nós vamos conseguir!

Já vejo o arame farpado e um vulto do outro lado, que presumo que seja o Sam ou alguém que ele mandou para nos ajudar.

Nós vamos conseguir!

Começamos a correr, já sem nos preocuparmos se estamos ou não agachados, se estamos ou não na mira de quem nos persegue. Não podemos parar.

Nós vamos conseguir!

A Laura está agarrada à barriga e percebo que tem as calças molhadas. Rebentaram as águas! Com todas as minhas forças começo a puxá-la.

— Vem, Laura, vem!

O Max já está a segurar a cortina de arame, de forma a indicar-nos a abertura por onde temos de passar. Uma porta invisível para o outro lado, o da salvação. Estamos tão perto!

Nós vamos conseguir!

A Olívia empurra a Laura para que chegue mais depressa nestes metros finais. É ela que temos de salvar! Vamos, Laura, não pares agora! Sinto a mão do Max a segurar-me o braço enquanto atravesso a abertura. Passo eu primeiro, sem largar a Laura, puxando-a com toda

a minha força até a ter ao meu lado.

Nós vamos conseguir!

Os cães voltam a estar demasiado perto, assim como os homens que os guiam, mas nós os três já conseguimos atravessar, já estamos do outro lado da fronteira. O homem que veio ajudar indica-nos o caminho até à carrinha, enquanto empunha uma metralhadora e começa a disparar sobre os cães. Enquanto corremos os últimos metros, sinto várias balas a passarem ao nosso lado. Não sei de onde vêm, temos de continuar a correr.

Nós vamos conseguir!

A carrinha já está aqui, mesmo à nossa frente. Ajudo a Laura a subir, está empapada em suor e ofegante, mas, por fim, em segurança. O Max já vem também. Falta tão pouco, falta só a Olívia e o Mário. Tudo se desenrola em segundos que parecem horas. Ela está a atravessar a abertura neste instante, gatinhando na nossa direcção, só que os militares que nos perseguem estão praticamente em cima deles. Para proteger a mulher, o Mário levanta-se e deixa-se ficar de pé, os braços abertos, encostado ao arame farpado. Olha para a Olívia, esboçando um sorriso. Ela grita e tenta recuar até ele. O Max impede-a, lançando-a ao chão. As balas continuam a rasar os nossos ouvidos, mas muitas ficaram cravejadas no corpo do Mário, que estremece e fica ali pendurado, como um Cristo abnegado que só tinha aquela missão.

Uma vez, tive um acidente de carro. Vinha com os meus pais de um passeio na praia. De repente, um despiste para um descampado de areia onde demos três cambalhotas e ficámos capotados. Por sorte, nenhum de nós se magoou a sério, mas o susto foi tremendo. Durante algum tempo, voltei a molhar a cama. Quando a minha mãe descrevia o evento, fazia-o com detalhes pormenorizados acerca do barulho do vidro a estilhaçar, do metal a retorcer, dos pneus a chiarem, do motor a roncar. Eu, por outro lado, só me lembro de ouvir a música que estava a dar na rádio, como se todos os sons em volta tivessem sido sugados para longe deste mundo. *I'm like a bird, I only fly away, I don't know where my soul is, I don't know where my home is.* Foi só isto que eu ouvi, enquanto o carro rebojava e durante algum tempo depois de ter parado, eu presa pelo cinto, de cabeça para baixo, até ser desperta pela voz do meu pai. Agora essa música volta a pairar na minha cabeça, só a música, bloqueando a entrada de qualquer outro som. Uma música dissonante com o que se passa à minha volta.

Continuo parada junto às portas traseiras da carrinha. O homem da metralhadora abre fogo enquanto recua até mim. Só vejo o clarão que os disparos provocam, não o som. Imagino que seja alto. Procuro o Max e vejo-o a arrastar uma Olívia em pranto até aqui. No lugar do condutor, outro homem também dispara para lhe dar cobertura. O Max passa por mim e atira-me para dentro da carrinha, puxando a Olívia consigo, e logo a carrinha arranca, com as portas de trás ainda abertas. O homem da metralhadora salta para o banco do pendura. Os vidros devem ser blindados, porque a chuva de tiros continua e nenhum se estilhaça. No entanto, surgem aqui e ali, na chapa que nos envolve, pequenas saliências, como se o interior das paredes da

carrinha estivesse com acne. Sorrio com as coisas parvas que me passam pela cabeça. *I don't know where my soul is, I don't know where my home is.*

Parece-me que estamos a abrandar a marcha, mas não entendo porquê. Temos de seguir! Não podemos parar agora! Tento olhar pelo vidro da frente para perceber o que se passa. Vejo a boca de toda a gente formando grandes ós, gritos que não escuto. Nos meus ouvidos só cabe aquela mesma música, sempre na parte do refrão.

A carrinha não chega a parar, mas pelas suas portas escancaradas vejo o Luís e o David a entrar. Têm lágrimas no rosto. Oiço as suas vozes muito ao fundo, no meio da música que insiste em tocar. Fico tão feliz por vê-los.

Retomamos a marcha a alta velocidade, com o condutor que parece gritar *let's go, let's go*, mas em mim continua o *I only fly away*. Deduzo que o condutor seja o tal Sam, acho que o Max disse que ele é meio inglês. Não o imaginava assim. Parece um jogador de *rugby*, e não o professor de Arqueologia que eu tinha idealizado, com óculos na ponta do nariz, colete bege cheio de bolsos, chapéu de abas largas. Tinha imaginado uma espécie de Indiana Jones. Não sei porque me detenho a pensar no aspecto dele, mas depressa sou chamada à terra pela Laura, que me aperta de novo a mão, como se pretendesse esmagar-me os dedos.

O Max está a falar comigo, mas continuo sem escutar o que me diz. *I'm like a bird, I only fly away*. Só vejo a sua expressão de pânico e os seus olhos alagados. Arrasta a Laura para cima de si, as costas dela contra o seu peito. Não a quero largar, mas o movimento provoca-me uma dor profunda no ombro. O meu grito desliga a música na minha cabeça e sinto o Luís a agarrar-me com firmeza e a despir-me a camisola. Não sei o que lhe deu! Mas não consigo ripostar. Olho para baixo, para o meu tronco nu e só vejo sangue. Só então percebo que é o meu sangue. Não sei de onde vem. Só me dói o ombro. Parece que arde. Um líquido vermelho e espesso a brotar como um pequeno rio. Será que levei um tiro?

Acho que vou desmaiar.

*B*illie !

Não vais morrer agora, Billie, ouviste?

Não te atrevas a morrer!

Não aguento o peso de outra morte nas minhas costas.

Não aguento não me teres dado o teu perdão.

Billie, não deixei de pensar em ti um só dia, sabias? Deixei-te uma carta e tudo. Procurei-te, juro que procurei! Nunca parei de procurar.

Aaaaah!!! Por favor!

E há tanta coisa que ainda te quero dizer.

Vá lá, Billie...

Tu prometeste que cuidavas do meu bebé. Tu prometeste que serias a madrinha dele, lembras-te? Eu sei que foi há muito tempo, noutra vida, mas éramos nós. Ainda somos nós. Eu prometo que vou conseguir fazer com que me perdoes. Mas para isso tens de viver.

Billie, por favor, Billie!

Volta para mim!

Volta para mim...

*B*illie, acorda!

Billie!

Façam qualquer coisa! David! Luís! Por amor de Deus, falem com ela!

Eu não posso largar a Laura.

Olívia, diz-lhes o que têm de fazer!

De onde vem esse sangue?

Billie!

Não estive três anos à tua espera para te perder assim, ouviste?

Estamos juntos de novo, está aqui a Laura. Salvámos a Laura, Billie!

Conseguimos!

Billie, já passámos a fronteira, ouviste? Já estamos quase a chegar, não nos vais deixar agora.

Por favor, Billie! Acorda!

Não sei quanto tempo fiquei sem sentidos, mas sinto a bochecha direita a arder. Alguém me deu um estalo. Deram-me um estalo? Quer dizer, porque é que me estão a bater? Eu estou bem, não precisam de me bater, parem, eu estou bem, mas é tão difícil falar, a língua está enrolada, descansada, inerte. Dentro de mim é outro tempo, desfasado do deles e do que quer que estejam a fazer. Não sei por que me batem. Se calhar estou outra vez numa cela, se calhar isto foi tudo um sonho e nunca saí de lá, se calhar fui apanhada, não sei para onde a levaram, juro que não sei onde ela está! Não sei! Não me façam mal! Por favor! Não!

— Billie!

É a voz do Max que me traz de volta.

— Billie, precisamos de ti, Billie! Acorda, foda-se!

E eu obedeco.

O Max está aqui.

Está vivo, agora lembro-me.

Olho em volta para me localizar. Tenho a cabeça deitada no colo do David. O Luís está a enfaixar-me o ombro. Estou numa carinha. Não conheço as pessoas que estão a guiar. Fecho os olhos e, de repente, vejo o corpo do Mário no arame farpado. Não pode ser! Devo ter sonhado. Ergo o tronco como se estivesse a vir ao de cima depois de ter estado demasiado tempo debaixo de água. A urgência em encher os pulmões de ar, só que o movimento provoca-me uma dor lancinante.

— Já acordou — diz o Luís.

— Bom dia, princesa — brinca o David, acariciando-me a cabeça.

— Tirei a bala, foi muito superficial — garante o Luís, como se isso

me deixasse mais tranquila.

Parece que acabei de sair de uma anestesia. Estou zozza, como se estivesse numa nave espacial. Gravidade zero.

O Max está na parte de trás da carrinha a agarrar a Laura, que geme de dor, mas que ainda assim me sorri. Uma mão a segurar a dela, a outra a tentar tirar qualquer coisa da mochila onde estão os primeiros socorros. A Laura tem as pernas abertas e a Olívia está à sua frente. De novo a imagem do Mário no arame farpado. Não foi um sonho. Engulo o choro. Nem a Olívia teve tempo de chorar, está ali, estoicamente, a ajudar a Laura enquanto a carrinha avança aos solavancos por um caminho que decerto não é uma estrada. Não sou eu que me vou armar em mariquinhas, não sou eu que vou desatar a chorar.

Oh, meu Deus, a Laura está a ter um filho! O bebé vai nascer aqui, nesta carrinha imunda, o bebé da Laura. Quero ir para o seu lado, para a parte de trás. Já estou bem, já estou lúcida, estamos aqui todos.

Estamos aqui todos? Então e a Rita? Onde está a Rita?

— Onde está a Rita, merda?

Ninguém me responde.

O David vira a cara para a janela. Outra vez o Mário preso ao arame farpado, as balas a trespassarem-lhe o corpo. E a Rita a pairar sobre ele, como um anjo. A Rita com o seu sorriso etéreo, a dizer, naquela língua esquisita, que vai correr tudo bem. Um gesto com a mão sobre as nossas testas e as balas a atravessarem-na de um lado ao outro. Só que dela não brota sangue, apenas luz.

Começo a soluçar. O David abraça-me e chora também, mas logo um grito rouco e profundo da Laura faz-me sair deste torpor.

— Faz força agora! Agora, Laura, força! — insiste a Olívia com a voz embargada.

O meu olhar cruza-se com o dela e noto que tem a pele arroxeadada, parece prestes a desfalecer. Tenho de ir até lá. Vou salvar-te! Salto para a parte de trás da carrinha ignorando a dor no ombro e começo a gritar:

— Tu consegues, Laura, tu consegues! Não pares agora!

A Olívia pede-me para agarrar numa toalha limpa, que estendo com dificuldade sobre o braço bom. Depois pede ao Max que tenha à mão

um fio resistente e a tesoura para cortar o cordão umbilical, que ele quase deixa cair com um solavanco da carrinha.

— Estamos a chegar à estrada principal — diz o Sam, como se isso agora interessasse para alguma coisa.

Não faço ideia para onde estamos a ir, mas tenho a certeza de que não há um hospital ali à frente e que este bebé vai nascer aqui, agora.

— Olha para mim, Laura! Manda a merda do puto cá para fora! Ouviste?

Ela assente e volta a encher os pulmões como se fosse mergulhar. Faz uma pausa e, então, expele todo o ar com um grito gutural e, com ele, a minúscula criatura. Todos se calam e esperam a melodia do seu choro, que não surge logo. No primeiro instante, parece um coelho acabado de esfolar. A Olívia coloca-o na toalha que tenho no braço, o seu corpo rosado e coberto de uma camada amarelada, como se o tivessem barrado com demasiado creme. É leve como uma pluma. Com destreza de enfermeira, estica o cordão umbilical e pede ao Max para clampá-lo a um ou dois centímetros da barriga, cortando-o de seguida. É uma menina! É tão perfeita. A Olívia dobra a toalha sobre a bebé como se estivesse a enrolar um burrito. Depois aninha-a no peito da mãe.

Mãe.

Palavra santa, mesmo que ela não o seja.

Nem acredito.

Laura, querida Laura, está aqui o teu bebé.

Permanecemos todos em silêncio, como se temêssemos perturbar a estranha calma que se impôs depois do caos e não soubéssemos escolher as palavras exactas para dar as boas-vindas a um novo habitante deste planeta. Não podemos assustá-lo logo nos primeiros minutos aqui. Tem o resto da vida para descobrir o que é a dor e o medo. Este é um raro momento de paz na aurora de um novo dia. Respeitemo-lo.

Os homens desviam o olhar, enquanto a Olívia puxa a placenta e coloca toalhas entre as pernas da Laura. Quase tão exausta como a parturiente, deixa-se então cair nos braços do Luís, para finalmente

desabar. Sentam-se os dois no banco, ao lado de David, ela no meio, dois rapazes tentando acalmar uma dor que não tem nome. Os olhos dela estão vazios.

Também eu não sei bem o que estou a sentir. Alívio? Gratidão? Tenho um peso enorme no peito que me impede de respirar livremente, ainda incrédula com o destino do Mário e da Rita. Não era para ser assim. Ou morríamos todos ou não morria ninguém, era isso que eu tinha imaginado. Eram só duzentos metros da saída da gruta até à cerca e nem sequer havia lua. Estávamos tão perto de um final feliz... Tão perto...

Porém, à minha frente tenho um Max a fazer festas na cabeça da Laura e a olhar embevecido para a bebé, como se fosse ele o pai. É uma imagem demasiado bonita para este cenário de horror, com cheiro a sangue e suor, mas suficiente para me fazer sorrir. Tiro um cobertor de emergência da mochila para cobrir mãe e filha, e, com ternura, deposito um beijo na testa de cada uma. Deito-me ao lado deles. O Max acolhe-me com o braço. Agora somos quatro.

Lá da frente, o Sam grita que o hospital é a vinte quilómetros, se bem que não era essa a chegada que tínhamos planeado. O plano era passarmos a noite num lugar seguro e, na manhã seguinte, convocarmos os meios de comunicação para uma conferência de imprensa, onde mostraríamos a Laura, uma das líderes das Brigadas Verdes, ali, em carne e osso, a testemunhar contra a liderança autoritária do nosso país. O plano era pedirmos asilo político e estarmos protegidos da possibilidade de sermos extraditados ou irmos parar à prisão. Mas na vida nada é como planeamos, por isso, não temos outro remédio senão prepararmo-nos para o frenesim que a nossa chegada vai provocar. Será difícil aparecer de forma discreta nas Urgências do hospital: uma carrinha cravejada de balas, uma parturiente com um recém-nascido nos braços, uma mulher com um tiro no ombro, outra em estado de choque, vários homens de aspecto andrajoso e com várias escoriações, armas por todo o lado. Isto aliado à histeria que deve estar a inundar os meios de comunicação, que a esta hora já devem saber que houve um grande tiroteio na fronteira e que há fugitivos a monte. Ainda ponderamos manter o plano e seguir

para o abrigo, mas o Max diz imediatamente que isso está fora de questão. A Laura e a bebê têm de ser observadas o mais depressa possível, e eu perdi demasiado sangue e tenho uma ferida de bala que tem de ser suturada e desinfetada como deve ser.

A Laura começa a chorar. Teme que a prendam e lhe tirem a bebê, logo ali, nas Urgências, e a entreguem ao Paolo. O homem da metralhadora, que agora sei chamar-se Tobias, garante que tal não vai acontecer. E mesmo que a decisão de asilo seja revogada, teremos vinte dias para sair deste país e tentar a sorte num outro. Nem que tenhamos de nos enfiar num bote de borracha e rumar a outro continente. Além disso, já há diversas organizações de direitos humanos atentas ao que se passa que nos vão dar todo o apoio legal, assegura. O único perigo que corremos, alerta-nos ele, e que dificilmente conseguiremos evitar, vem das próprias Brigadas Verdes, pois têm agentes espalhados por diferentes lugares. Estamos todos bem cientes de que o Paolo não vai parar de procurar a Laura e um filho que sabe ser dele, mesmo depois de mostrarmos ao mundo quem ele verdadeiramente é: um ditador sanguinário como tantos outros. Vamos ter de andar atentos, não só agora, mas para sempre. Por isso mesmo, a Laura chora, obrigando-nos prometer, a mim e ao Max, que vamos cuidar da sua bebê, caso ela não possa fazê-lo. Seremos mais do que um pai ou uma mãe, seremos a sua família. Prometemos, claro. Já estava combinado há tanto tempo, naquele outro tempo em que éramos leves...

Para desviá-la de tais preocupações, pergunto-lhe se já tem nome para a menina. Ela olha-me com surpresa, como se nunca tivesse pensado nisso. Depois, limpa as lágrimas com as costas da mão e olha para o seu pequeno embrulho com uma ternura incomensurável, passando o dedo indicador pelo contorno do seu rosto, pela ponta do seu nariz, por cada dedinho minúsculo e perfeito, como se estivesse a procurar a resposta na criança. Olha então para mim e para o Max, e, com uma certeza feliz e triste, anuncia que vai chamar-lhe Esperança.

No preciso momento em que a Laura profere o nome da sua bebê, a carrinha entra na estrada de alcatrão, seguindo ainda veloz, mas sem os constantes abanões, como se o anúncio tivesse posto fim a qualquer

turbulência. Talvez seja um bom presságio para esta criança, que nem imagina como chegou a este mundo. Nasceu no meio de uma guerra e espera-a uma ainda maior com as suas raízes. Um dia saberá quem é o pai, o que fez a mãe, quantas mortes carregam em cima de si... Um dia. Mas agora nada disso importa.

Tal como eu suspeitara, somos recebidos nas Urgências com um misto de desconfiança e admiração. Não é todos os dias que se vêem fugitivos do país vizinho. Os poucos que se sabia terem fugido, rapidamente se integravam com identidades falsas; a maioria jazia num qualquer buraco perto da fronteira. Ordem 101, atirar para matar, como nos tempos do Muro de Berlim.

O Sam e o Tobias trataram das explicações, obrigando o pessoal médico a garantir que não nos vai separar e que a criança nunca sairá de perto da mãe. O director do Serviço de Urgências aparece e acompanha-nos até a um bloco operatório que fica reservado para nós e onde recebemos tratamento. Olhamos uns para os outros, esboçamos sorrisos cansados e voltamos a fechar os olhos. O que quer que cada um esteja a pensar é indizível.

Algum tempo depois, a polícia e alguns homens de fato entram por ali adentro. Temos de prestar declarações. Tal como nós, estão incrédulos com a nossa fuga e preocupados com o impacto que terá nas relações diplomáticas entre os dois países. Segundo o comunicado enviado pelo nosso governo através da embaixada, a Laura foi raptada por um perigoso grupo armado e deve ser extraditada assim que for encontrada. Laura explica que está ali de livre vontade, grata a quem a salvou. Enfatizamos que a nossa vida corre perigo e que vamos requerer asilo. As autoridades aconselham-nos a passar a noite no hospital.

Dormimos todos numa enfermaria que está em remodelação. A porta é guardada por polícias, mas também por Sam e Tobias, que se recusaram a arredar pé. Assim que o dia começa a clarear, duas enfermeiras trazem-nos o pequeno-almoço e eu sinto-me num hotel de

cinco estrelas, ou como imagino que será um hotel de cinco estrelas, visto que nunca frequentei nenhum. Há pão e manteiga de verdade, leite, café, fruta e bolachas. Só Olívia se recusa a comer. O Luís obriga-a a beber o chá. Sam e Tobias entram na sala, trazendo consigo duas mulheres que nos apresentam como as nossas advogadas. Lágrimas de alívio correm pelas minhas faces ao ouvir que está tudo a ser tratado e ninguém nos irá deportar. Assim que sairmos do hospital, que será ainda durante a manhã, teremos um abrigo seguro, com segurança vinte e quatro horas por dia, até todo o processo estar concluído. Além do asilo, aconselham-nos a entrar no programa de protecção de testemunhas, com base na denúncia que vamos fazer ao Tribunal Penal Internacional. Para já, aconselham-nos a não falar com a imprensa.

Laura insurge-se de imediato.

— Falar à imprensa é o único motivo pelo qual arriscámos a vida nesta fuga alucinante.

— A única coisa que justifica a morte da Rita e do Mário — diz Olívia, naquelas que são as suas primeiras palavras desde que saiu da carrinha.

— Mas se vocês vão aparecer perante as câmaras, será muito mais difícil esconder-vos. Laura, você sabe que as Brigadas Verdes têm espiões deste lado.

— Sei. E sei que estão treinados para silenciar quem quer que seja que fale contra o nosso admirável governo. Mas eu não tenho nada a perder.

— Agora tens — interrompo-a, olhando para a Esperança, espantada pelo seu desprendimento.

— Quando me juntei às Brigadas Verdes sempre estive ciente de que poderia pagar essa decisão com a vida. Se quero acabar com eles, tenho de ter a mesma predisposição. Marquem, por favor, a conferência de imprensa, o mais depressa possível.

— Não é necessário — diz o Max, espreitando para a rua. — O baile já está armado lá em baixo.

Acorremos todos à janela e vemos os passeios repletos de jornalistas, carros de exteriores e polícias a tentarem fazer uma

barreira de segurança. O director do hospital está a dar uma actualização e a pedir, em vão, que respeitem os doentes. Olhamos uns para os outros e assentimos. Está na hora.

Antes de as portas do elevador se abrirem no piso 0 do hospital, a Laura coloca-me a filha no colo e avança, confiante. Seguimo-la em silêncio, porém, antes de atravessar as portas de vidro que nos separam do frenesim dos meios de comunicação social, ela pede-nos que fiquemos do lado de dentro. Diz que as advogadas têm razão e que não há necessidade de nos expormos todos. A sua cara já é conhecida em qualquer parte do mundo, a sua cabeça estará sempre a prémio, mas todos estaremos mais seguros, incluindo a Esperança, se forem poucos os que conhecem os nossos rostos. O Max protesta. Não a quer deixar ir sozinha. Ela aperta-lhe o rosto entre as mãos, encosta a testa na sua e diz-lhe que volta já.

Vemo-la a ser rodeada por um batalhão de seguranças que tentam conter os jornalistas, e a esperar que todos se acalmem. Ouvimo-la começar o seu discurso, naquele tom de voz familiar que usava nos tempos dos Estudantes Pelo Planeta: segura, assertiva, envolvente.

O meu nome é Laura Espinosa. Sou uma das fundadoras das Brigadas Verdes e a porta-voz do movimento desde o tempo em que éramos apenas um grupo de sonhadores a lutar por um mundo mais verde. Conseguimos chegar ao poder e, em três anos, implementar mais medidas de acção climática do que todos os outros países juntos. Os resultados são impressionantes e os números que vos têm chegado são absolutamente verdadeiros. No entanto, não se deixem enganar!

Corremos perigo de vida!

Para lá destas fronteiras, o que existe é uma ditadura sanguinária que só tende a piorar. Todas as conquistas foram feitas à custa de execuções sumárias de milhares de cidadãos e atropelos aos mais básicos direitos...

Um estrondo.

Som seco.

Gritos e *flashes* a dispararem freneticamente, pessoas a correrem em todas as direcções.

O Max obriga-me a recuar e empurra-me para dentro do elevador. Os meus olhos fazem-lhe a pergunta. Os seus olhos dão-me a resposta...

Não pode ser.

Não pode ser.

Os outros também entram no elevador, que desce agora lentamente para o piso da garagem. Estamos todos, menos a Laura. O Sam atreve-se a quebrar o silêncio esmagador. Garante que nos vai levar para um lugar seguro. Ninguém lhe responde. Ninguém consegue falar.

Não sei se algum dia haverá um lugar seguro.

Não sei se algum dia esquecerei a mancha de sangue cuspidada contra a porta de vidro.

Não sei se...

Até que me lembro de que tenho a Esperança nos braços. Terna e inocente Esperança. Aconchego-a mais contra o peito, inspirando o seu cheiro adocicado.

Querida Esperança, fiz uma promessa à tua mãe.

Não te preocupes. Vou cuidar de ti. Vamos cuidar de ti, eu e o Max.

E um dia, contar-te-emos a história dela. Uma história bonita, cheia de sonhos e ideais. Uma história de amor e de coragem. Começa assim: a tua mãe morreu para nos salvar.

FIM

AGRADECIMENTOS

Comecei a escrever este livro em Dezembro de 2019, revoltada com as notícias dos incêndios na Austrália, que mataram mais de oito mil coalas em poucas semanas. Em Julho de 2020, com uma pandemia e um confinamento pelo meio, escrevi no meu diário: «Não consigo concentrar-me para continuar o livro. Vou em cinquenta páginas, a última das quais escrita há três meses.» Estava desmotivada, sem editora e com medo de arriscar escrever um género que nunca tinha escrito. Em Março de 2021, pu-lo na gaveta e atirei-me ao *E Se Eu Morrer Amanhã?*.

Contudo, as personagens recusavam-se a sair de cena. Viveram na minha cabeça durante todo este tempo e, a cada notícia sobre o colapso climático que estamos a viver, renovava-se a urgência de escrever. Ainda assim, havia o medo. E se nunca conseguir acabar esta história? E se falhar redondamente ao sair da minha zona de conforto? Em Maio de 2023, decidi enfrentá-lo e recomençar, encorajada pela minha editora, Diana Garrido, e pelo Hugo, sempre o Hugo, o meu amor e maior fã. Obrigada aos dois.

Tenho de agradecer também aos meus filhos, que, pela primeira vez, se mostraram realmente interessados no que eu estava a escrever e quiseram ler o primeiro rascunho, apaixonando-se também pela história. A Carlota, inclusive, incentivou este final e deu várias sugestões interessantes. O Tiago, ávido leitor, garantiu que ficou preso da primeira à última página. Já agora, desculpem os dias em que estou demasiado embrenhada na minha escrita e me irrita convosco desnecessariamente.

Para escrever os capítulos finais, tive de me isolar naquilo a que chamei um auto-retiro literário, possível apenas porque existe o Hugo, sempre o Hugo (e, assim, percebem por que razão quase todos os

meus livros lhe são dedicados). Obrigada à minha avó, que disponibilizou o apartamento em Sesimbra para o fazer.

Agradeço, claro, aos meus pais, por lerem sempre a primeira versão com orgulho; aos meus leitores, por me mimarem com as suas mensagens e me pedirem para nunca deixar de escrever; às minhas irmãs do Clube das Mulheres Escritoras, por me fazerem sentir menos sozinha no processo de escrita e noutros também; à Íris Bravo, por ter revisto a cena do parto e respondido às minhas questões com entusiasmo; e a todos os que lutam diariamente contra a destruição do planeta, denunciando os culpados, inventando tecnologias verdes ou mostrando formas de nos salvar.

Por fim, obrigada a toda a equipa da Penguin Random House que esteve envolvida na criação deste livro (revisão, paginação, comunicação, distribuição...), e a si, que decidiu entrar neste *Admirável Mundo Verde*.

Podemos continuar esta conversa no Instagram (@filipafonsecaasilva), no TikTok (@filipafonsecaasilva) ou por *e-mail* para filipafonsecaasilva@gmail.com.

Alguns Factos e Soluções para as alterações climáticas[1]

- ✧ A concentração de CO₂ na atmosfera está nos valores mais altos de toda a história da humanidade.
- ✧ O ano de 2023 foi o mais quente desde que há registo (ou seja, desde 1850), e os dez anos mais quentes foram todos registados na última década.
- ✧ Quase metade da população mundial vive em áreas de alta vulnerabilidade, sujeitas a secas, inundações, ondas de calor e/ou aumento do nível das águas.
- ✧ A emissão de gases com efeito de estufa que acontece devido à desflorestação é superior às emissões de todos os veículos de passageiros existentes no planeta.
- ✧ A indústria agro-pecuária é a principal responsável pela desflorestação, sobretudo a produção de óleo de palma, soja e gado (e soja para alimentar o gado, enquanto há pessoas a morrer à fome).
- ✧ Apesar de a Natureza conter em si maneiras de captar e reter carbono (através das algas, árvores e solo), apenas 3% dos fundos de emergência climática são usados para a proteger.
- ✧ A regeneração e a protecção dos ecossistemas é a forma mais barata, viável e eficaz para garantir a nossa sobrevivência, mais do que qualquer tecnologia inventada pelos humanos.

Parte dos direitos de autor recebidos com esta obra serão doados à organização One Tree Planted (onetreeplanted.org), que trabalha na reflorestação de áreas em risco, proporcionando também formas de sustento para as comunidades locais.

Nota

[1] Fonte: conservation.org e site do Parlamento Europeu.

Sobre este livro



Num futuro não muito distante, um grupo de activistas pelo clima radicaliza-se e decide derrubar o sistema. Dotado de uma eficaz máquina de propaganda, que lhe garante o apoio popular, consegue chegar ao poder e impor uma sociedade totalmente verde. Mas a que preço?

Depois do sucesso de «E Se Eu Morrer Amanhã?» e de «O Elevador», nomeados para melhor livro do ano e em adaptação para filme, Filipa Fonseca Silva traz-nos um romance distópico electrizante, que levanta questões incontornáveis, como a emergência climática e a polarização de uma sociedade à deriva.

INTENSO. COMOVENTE. IMPERDÍVEL.

Sobre Filipa Fonseca Silva

Filipa Fonseca Silva nasceu no Barreiro em 1979.

O seu romance de estreia, *Os 30 – Nada é como Sonhámos*, publicado em 2011 e traduzido em várias línguas, fez com que se tornasse a única autora portuguesa a atingir o Top 100 da Amazon. Desde então, publicou *O Estranho Ano de Vanessa M.*, *Amanhece na Cidade*, *O Elevador* (finalista do Livro do Ano Bertrand 2023), *E Se Eu Morrer Amanhã?*, dois livros de humor e inúmeras crónicas, contos e ensaios.

Feminista, ecologista, fundadora do Clube das Mulheres Escritoras, além de escrever, gosta de pintar e de comer melancia.